

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

**U.**PORTO

# O DESENHO E O USO DOS ESPAÇOS INTERMÉDIOS EM EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR

Casos de Estudo do Pós-Guerra na Europa enquanto Laboratório

Marta Isabel Ramos Pimenta

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à  
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientação: Doutora Arquiteta Luciana Rocha

Porto 2018

## Nota Prévia

A presente dissertação segue as regras preconizadas pelo novo Acordo Ortográfico.

As citações no texto e/ou notas de rodapé foram livremente traduzidas pela autora.

Os desenhos apresentados foram redesenhados e adaptados pela autora. Os restantes elementos são identificados e acompanhados das respetivas fontes e organizados na lista de referências.

As páginas estão numeradas ininterruptamente enquanto as notas de rodapé estão numeradas por capítulo.

### **Agradecimentos**

À orientadora, Arquiteta Luciana Rocha, pelo rigor, dedicação e disponibilidade permanente na realização da presente dissertação.

A todos aqueles que fizeram parte deste percurso, em especial, às amigas, pela companhia, partilha e persistência; e ao Diogo, pelo entusiasmo e suporte e por partilhar, sempre, uma inesgotável vontade de aprender.





## Índice

<b>Resumo/Abstrat</b>	9/11
<b>Introdução</b>	13
<b>1. Pressupostos para uma análise dos espaços intermédios</b>	21
<b>2. Espaços intermédios na continuidade do espaço público</b>	35
2.1. O equilíbrio entre a concentração e a dispersão	38
2.2. As diferentes conformações do quarteirão	47
<b>3. Espaços intermédios no espaço privado de uso coletivo</b>	69
3.1. As particularidades dos acessos	70
3.2. A configuração dos espaços de distribuição	75
<b>4. Espaços intermédios no espaço privado</b>	95
4.1. As transformações de desenho e uso do espaço doméstico	98
4.2. O papel dos espaços intermédios na organização interna do fogo	103
<b>5. O desenho e o uso dos espaços intermédios: uma perspetiva comparativa</b>	121
<b>Considerações finais</b>	157
<b>Bibliografia</b>	163
<b>Lista de imagens</b>	167

## Índice alargado

<b>Resumo/Abstrat</b>	9/11
<b>Introdução</b>	13
<b>1. Pressupostos para uma análise dos espaços intermédios</b>	21
1.1. Definição de conceitos	22
1.2. O pós-guerra na Europa enquanto laboratório	25
<b>2. Espaços intermédios na continuidade do espaço público</b>	35
2.1. O equilíbrio entre a concentração e a dispersão	38
2.2. As diferentes conformações do quarteirão	47
2.2.1. O bloco autónomo: Unidade de Habitação de Marselha	51
2.2.2. A forma linear: Edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel	57
2.2.3. A forma fechada: Robin Hood Gardens	61
<b>3. Espaços intermédios no espaço privado de uso coletivo</b>	69
3.1. As particularidades dos acessos	70
3.2. A configuração dos espaços de distribuição	75
3.2.1. A galeria interior: Unidade de Habitação de Marselha	77
3.2.2. O acesso vertical múltiplo: Edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel	85
3.2.3. A galeria exterior: Robin Hood Gardens	89

<b>4. Espaços intermédios no espaço privado</b>	95
4.1. As transformações de desenho e uso do espaço doméstico	98
4.2. O papel dos espaços intermédios na organização interna do fogo	
4.2.1. A articulação dos espaços ao longo do fogo: Unidade de Habitação de Marselha	107
4.2.2. A organização em torno de um espaço: Edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel	103 113
4.2.3. A organização dos compartimentos através de um espaço que os antecede: Robin Hood Gardens	117
<b>5. O desenho e o uso dos espaços intermédios: uma perspetiva comparativa</b>	123
5.1. O impacto da configuração no uso dos espaços intermédios	125
5.2. O posicionamento e as demarcações territoriais entre o público e o privado	141
5.3. A materialidade na promoção de conforto e privacidade	151
 <b>Considerações finais</b>	 157
<b>Bibliografia</b>	163
<b>Lista de imagens</b>	167



## Resumo

A presente dissertação visa analisar a relação que se estabelece entre o desenho e o uso dos espaços intermédios no contexto da habitação plurifamiliar. A partir de um conjunto de exemplos representativos da arquitetura do pós-guerra na Europa (construídos entre 1945 e 1972), a análise procura identificar as potencialidades dos espaços intermédios entre os domínios público e privado.

Os espaços intermédios estabelecem a articulação entre diferentes escalas de habitar que se materializam entre a rua e a entrada do edifício de habitação (público), entre a entrada do edifício de habitação e a entrada no fogo (privado de uso coletivo) e entre os vários espaços que compõem o fogo (privado). Assim sendo, após uma contextualização dos espaços intermédios em edifícios de habitação plurifamiliar, o trabalho passa pela leitura cuidada destes espaços em cada uma das escalas evidenciadas. A investigação tem como base o cruzamento entre a teoria e a prática, confrontando o levantamento bibliográfico com a análise específica de três edifícios de habitação plurifamiliar, criteriosamente selecionados. Complementarmente, este trabalho permite elaborar uma síntese comparativa, na qual analisam os princípios de desenho e uso dos diferentes espaços intermédios identificados.

A presente dissertação permite reclamar um olhar atento que supere a natureza programática dos espaços intermédios, de modo a contrariar a ambiguidade que têm, por vezes, associada. Assumindo que uma das melhores formas de preservar um espaço é através do seu uso, este estudo permite identificar os princípios gerais de desenho que condicionam este uso e que possibilitam criar espaços intermédios propícios para uma sociabilidade íntima.

Palavras-chave:

Espaços Intermédios; Habitação Plurifamiliar; Sociabilidade Íntima; Pós-Guerra; Europa.



## **Abstract**

This dissertation aims to analyze the relation established between the design and the use of intermediate spaces in the context of multi-family housing. From a set of representative examples of the post-war architecture in Europe (built between 1945 and 1970), the research will try to identify the potentials of intermediate spaces in the public and private contexts.

Intermediate spaces establish both the relation between the street and a housing building's entrance (public domain), between the housing building's entrance and an apartment's entrance (private domain of collective use) and between the several spaces that compose the apartment (private domain). After a context of intermediate spaces in multi-family housing buildings, the work goes through a pondered and thoughtful analysis of each of the mentioned scales. The research is based in crossing theory and practice, bringing together the bibliographical references and three examples of multi-family housing buildings intentionally selected. Furthermore, this work provides a comparative analysis focused on the design and usage of different intermediate spaces.

The present dissertation allows to reclaim an attentive view that overcomes the programmatic nature of intermediate spaces, to contradict their ambiguity, sometimes associated. Assuming that one the best ways to preserve a space is through its usage, this study allows to identify the general principles of design that condition this usage and that allow to create intermediate spaces conducive to an intimate sociability.

Keywords:

Intermediate Spaces; Multi-family Housing; Intimate Sociability; Post-war; Europe.

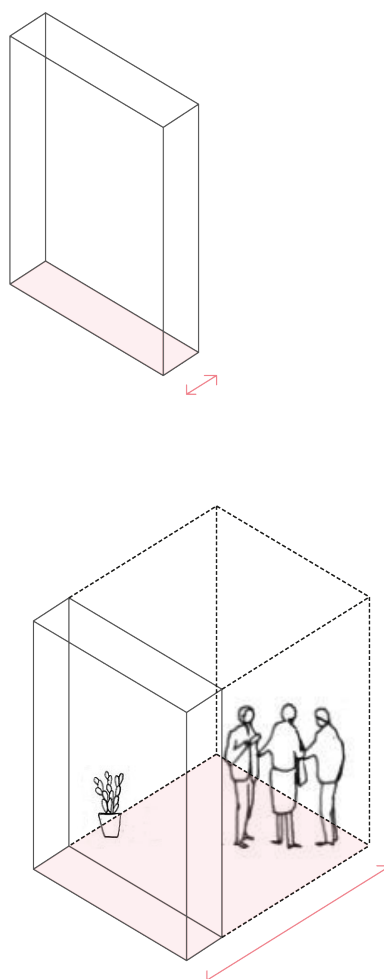


Figura 1 Espaço de Transição vs Espaço Inter-médio.



## Introdução

### Objeto

A presente dissertação tem como objeto de estudo os **espaços intermédios**. Estes espaços articulam as diferentes escalas de habitar entre os domínios público e privado, no contexto dos edifícios de habitação plurifamiliar.

Os espaços intermédios caracterizam-se por concentrarem aspetos de diferente carácter e por possuírem uma condição espacial que permite mediar o encontro e o diálogo entre domínios<sup>1</sup>. Neste contexto, consideram-se espaços intermédios todos os espaços que estão *entre* e que, por isso, têm associada uma ideia de passagem. Esta ideia acaba por ter implícita a noção de **espaços de transição**, que se referem a uma “noção dinâmica, a de passar de um espaço a outro, com uma transição atenuada pela oposição”<sup>2</sup>.

Ainda que os espaços intermédios estejam relacionados com os espaços de transição, importa aprofundar as respetivas diferenças. Enquanto os espaços de transição correspondem ao momento em que se passa de um domínio para outro<sup>3</sup> - a fronteira corresponde a uma linha -, os espaços intermédios dizem respeito a um espaço propriamente dito, no qual diferentes escalas e domínios se contaminam e reconciliam - a fronteira é estendida<sup>4</sup> (Figura 1). Os espaços intermédios são como que uma extensão e/ou prolongamento dos espaços de transição, correspondendo a um espaço tridimensional capaz de suportar diferentes vivências, dada a sua hibridez formal (desenho) e funcional (uso).

No contexto da habitação plurifamiliar, os espaços intermédios podem revelar-se em diferentes momentos: na continuidade do espaço público - entre a rua e a entrada do edifício-, nos espaços privados de uso coletivo - entre a entrada do edifício e a entrada do fogo -, e nos espaços privados - entre os espaços de sociabilização e

---

1 STRAUVEN, Francis - *Aldo Van Eyck : the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998, p.2.

2 MOLEY, Christian - *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.115.

3 Do exterior para o interior; do público para o privado; do coletivo para o individual, entre outros.

4 MOLEY, Christian - *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.114.

os espaços de maior intimidade do fogo. Neste âmbito e por estabelecerem a transição e a conexão entre espaços de diferentes domínios, os espaços intermédios são propícios a uma sociabilidade íntima<sup>5</sup>.

Tendo como base estas noções, a presente dissertação visa analisar a relação que se estabelece entre o desenho e o uso dos espaços intermédios no contexto da habitação plurifamiliar do pós-guerra na Europa, na segunda metade do século XX. Este enquadramento temporal e local decorre do facto da arquitetura do pós-guerra, especificamente a habitação para a classe média, ter tido um papel fundamental na construção e transformação das cidades da Europa. Os casos de estudo convocados para a presente dissertação surgem, precisamente, associados à carência habitacional decorrente da 2ª Guerra Mundial na Europa, revelando uma arquitetura que procura o equilíbrio entre a sociabilização e a intimidade própria da habitação, fatores fundamentais para o desenvolvimento dos espaços intermédios.

## Objetivos

Esta dissertação tem como objetivo compreender o modo como o desenho dos espaços intermédios influencia os respetivos usos, podendo ou não promover um sentido de comunidade, vizinhança e conforto entre os diferentes usuários. A partir da compreensão dos espaços intermédios, este trabalho procura redescobrir as escalas *intermédi*as do habitar, nas quais o *eu* se relaciona com o *outro*, e, a partir daí, construir um pensar próprio deste *espaço habitável*, que pretende repor o sentido de uma *sociabilidade íntima* e de uma arquitetura que, mais do que se mostrar e impor, quer fazer parte e enriquecer o quotidiano dos seus habitantes e das relações entre estes.

Para um resultado mais eficaz no que respeita ao estudo do desenho e do uso dos espaços intermédios, a análise recai sobre casos de estudo concretos de edifícios de habitação plurifamiliar, selecionados tendo em conta o carácter excepcional que apresentam relativamente à autoria, desenho e, sobretudo, à diversidade de situações que promovem, tanto na continuidade do espaço público como nos espaços privados de uso coletivo ou nos espaços privados.

---

5 No âmbito deste trabalho, define-se por sociabilidade íntima a condição específica de um espaço reunir e aproximar diferentes vivências, permitindo um relacionamento de proximidade entre habitantes.

Os edifícios selecionados – *Unidade de Habitação de Marselha*, *Edifício de Habitação Plurifamiliar em Hansaviertel* e o *Edifício de Habitação Robin Hood Gardens* - têm patente as preocupações centrais da arquitetura europeia do pós-guerra, cuja crítica assenta, como referido por Nuno Portas, “na separação artificial de funções e atividades conduzindo a dormitórios isolados; nas dificuldades de relação social no espaço condicionado dos blocos como na escala do bairro atomizado; na insegurança dos pais em relação às crianças fechadas nos andares altos sem contacto fácil com o terreno, ou dependentes de ascensores, mas também dos riscos do sistema separativo de veículos e peões; na redução do espaço habitável em tipologias sem prolongamento direto para pátios ou quintais; no anonimato decorrente de edifícios de grande dimensão que não permitiam adaptações ou a apropriação pelos seus moradores; enfim, a perda do sentido de orientação e de identificação de espaços que não eram mais suscetíveis de terem ‘nome’ ou constituíam verdadeiros labirintos”<sup>6</sup>. Como tal, nestes edifícios de habitação plurifamiliar, os espaços intermédios assumem relevância a diferentes escalas.

Para além disso, estes edifícios são construídos no mesmo período temporal (entre 1945 e 1972), no seguimento do pós-guerra e estão enquadrados num espaço comum - Europa, embora se diferenciem pela cidade em que são construídos - Marselha, Berlim e Londres. Desta forma, a análise tem como referência os debates da Arquitetura Moderna realizados na Europa, sem perder as diferenças da aplicação destes princípios nos diferentes países. Os autores das obras selecionadas são uma referência neste contexto. Tanto Le Corbusier como Alvar Aalto participaram no CIAM e Alison e Peter Smithson têm um papel determinante nos debates formulados pelo Team 10, factos que fundamentam o enquadramento teórico da dissertação. A autoria diversificada dos edifícios permite abordagens diversas e plurais, não se prendendo com a visão exclusiva de um arquiteto.

A *Unidade de Habitação de Marselha* (França, Marselha, 1945-1952), do arquiteto Charles-Édouard Jeanneret - Le Corbusier (1887-1965), “promoveu um dos mais importantes pontos de referência para o debate da habitação do pós-guerra”<sup>7</sup>, pelo que se torna praticamente incontornável como referência. Para além disso, os estudos desenvolvidos pelo arquiteto Le Corbusier têm um impacto significativo

---

6 PORTAS, Nuno - *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, pp.112 e 111.

7 DOORDAN, Dennis - *Twentieth-Century Architecture*. Londres: Calmann & King 2001, p.157.

no desenvolvimento da Arquitetura Moderna e, para este estudo em particular, por pressupor um desenho que procura o equilíbrio entre a individualidade e a coletividade. O edifício distingue-se pelo afastamento que apresenta face às infraestruturas viárias, aparecendo como um objeto autónomo e de grande escala que liberta o espaço envolvente. Acresce-se ainda a materialização dos acessos e espaços de distribuição (galeria interna) e a organização interna do fogo em duplex.

*O edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel* (Alemanha, Berlim, 1957), do arquiteto Hugo Alvar Henrik Aalto - Alvar Aalto (1898-1976), concebido para a exposição “Interbau Housing Exhibition”, apresenta princípios de modernidade tanto no seu carácter formal como funcional. Este edifício sobressai no afastamento em relação às infraestruturas viárias, diferenciando-se do anterior pelo modo como se articula com o edificado envolvente e espaço exterior. Os fogos, organizados em torno de um átrio com caixa de escadas (vertical múltiplo), revelam uma organização interna distinta dos restantes casos de estudo convocados.

*O edifício de habitação plurifamiliar Robin Hood Gardens* (Inglaterra, Londres, 1964-1972), dos arquitetos Alison Margaret Smithson (1928-1993) e Peter Denham Smithson (1923-2003) - Alison e Peter Smithson, é propositadamente mais tardio que os restantes casos de estudo com o intuito de estabelecer maior relação com os princípios evidenciados nos últimos CIAM do pós-guerra. Neste caso, importa salientar a tentativa de “combinar a clareza dos paradigmas de desenho modernos”<sup>8</sup> com o “tipo de vida comunitária”<sup>9</sup> própria dos bairros de operários ingleses. O edifício distingue-se dos restantes casos de estudo pela implantação e inserção urbana, materialização dos acessos e espaços de distribuição (galeria exterior) e organização interna do fogo.

Através desta análise procura-se facilitar a identificação dos espaços intermédios no contexto do edifício de habitação permitindo, através da comparação entre os casos de estudo, evidenciar os princípios de desenho que condicionam o uso desses espaços.

---

8 Ibid., p.155.

9 Ibid., p.155.

## Estrutura e método

A presente dissertação divide-se em cinco partes, nas quais se utilizam diferentes metodologias, tendo em conta as questões que se pretendem estudar/levantar.

A primeira parte compreende uma revisão teórica dos conceitos relacionados com os espaços intermédios. Para além disso, esclarece-se o sentido destes espaços, no contexto do pós-guerra na Europa, a partir da análise dos debates da arquitetura moderna, nomeadamente os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM)<sup>10</sup> e os debates do Team 10. A metodologia passa por um levantamento e revisão bibliográfica de diferentes autores, cruzando as disciplinas da arquitetura e da sociologia<sup>11</sup>.

As segunda, terceira e quarta partes correspondem aos momentos em que se identificam os espaços intermédios nos edifícios de habitação plurifamiliar, respetivamente nos domínios público, privado de uso coletivo e privado. Cada momento integra uma breve análise contextual teórica, seguida de uma leitura desses conceitos nos casos de estudo convocados para a presente dissertação. A narrativa dos espaços intermédios inclui a sucessão de espaços comuns percorridos desde a rua à entrada no edifício de habitação plurifamiliar, bem como desde a entrada do edifício à entrada do fogo e entre os espaços sociais e íntimos dentro do fogo. Tendo em conta que “a organização espacial deve (...) servir para estimular a interação e coesão social”<sup>12</sup> procura-se identificar quais as condicionantes “que permitem ao habitante tanto alojar-se e ter relações de vizinhança como familiarizar-se com um espaço entre a esfera privada e pública”<sup>13</sup>.

A metodologia empregue nesta parte cruza a teoria, realizada através de uma revi-

---

10 Relativamente aos CIAM, é dado especial enfoque aos quatro primeiros, por serem determinantes no desenvolvimento do edifício de habitação plurifamiliar, e aos CIAM realizados no seguimento da 2ª Guerra Mundial, por serem relevantes no aprofundamento das questões relativas aos espaços intermédios.

11 Neste âmbito, importa destacar como fundamentais Tony Judt e Kenneth Frampton, para o contexto temporal e local; Eric Mumford e Carlo Aymonino, para a exploração do tema dos CIAM; e Christian Moley, Francis Strauven e Herman Hertzberger para a abordagem aos espaços intermédios. A leitura destes autores é ainda complementada pela leitura parcial de obras de outros autores referidos ao longo do texto.

12 HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.63.

13 ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie - *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.92.

são bibliográfica de acordo com o domínio<sup>14</sup>, com a prática, pela análise concreta a casos de estudo. Nesta parte, a recolha de material documental e iconográfico tornam-se fundamentais, pois permitem uma aproximação mais cuidada e atenta dos vários casos de estudo e posterior comunicação dos aspetos fundamentais que se identificam em cada caso.

A quinta parte consiste numa síntese comparativa entre as várias escalas dos espaços intermédios dos casos de estudo. Para tal, a metodologia utilizada passa pelo cruzamento da informação bibliográfica, gráfica e iconográfica recolhida nos pontos 1, 2, 3 e 4 da dissertação. Este capítulo pretende evidenciar os princípios gerais de desenho e uso dos espaços intermédios, em cada uma das suas vertentes do edifício de habitação plurifamiliar.

### **Pertinência do tema**

Pensar as escalas intermédias não só dilui o espaço de fronteira entre o espaço urbano e o espaço doméstico como atenua os limites das escalas de habitar, contribuindo, assim, para o enriquecimento da vida do Homem e para um desenho da cidade que tenta repor um sentido de comum, sem que com isto se ponha em causa a liberdade de cada indivíduo.

Para tal, este estudo permite clarificar a natureza formal e funcional dos espaços intermédios, de forma a reduzir a ambiguidade e permitindo revelar as qualidades e capacidades espaciais que permitem potenciar diferentes usos. Através do aprofundamento destas questões, este trabalho pretende clarificar o desenho e o uso dos espaços intermédios. Esta consciência acaba por se traduzir em matéria de projeto, permitindo pensar arquiteturas que promovem dinâmicas e vivências adequadas aos seus habitantes e que levam a espaços intermédios que podem, assim, ser habitados na plenitude. A explicitação das possibilidades do desenho destes espaços potencia intervenções arquitectónicas mais informadas.

---

14 Assim sendo, para a abordagem aos espaços intermédios na continuidade do espaço público o levantamento bibliográfico recorre a autores da área do urbanismo como Carlos Martí Arís e Nuno Portas; para os espaços intermédios nos espaços privados os autores como Christian Moley, Monique Eleb-Vidal e Bernard Leupen e, para os espaços intermédios no espaço privado a bibliografia prende-se com autores como Monique Eleb-Vidal, Carlo Aymonino e Enrico Griffini.

## **1. Pressupostos para uma análise dos espaços intermédios**



Figura 2 - Espaço intermédio junto a uma habitação em Burkina Faso © James Morris.



Figura 3 - Espaço intermédio junto a uma habitação, Herman Hertzberger, De Overloop (Almere, 1980-84).  
Fonte: HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam 010 (1991), p.34.



A habitação constitui “o eixo cardinal da progressiva vida civil, o elemento essencial para a elevação espiritual e a saúde moral do povo e do seu bem-estar”<sup>1</sup>, pelo que a forma como se desenha o espaço tem implicações no modo como os habitantes se relacionam entre si e com a circunstância<sup>2</sup>.

Estas implicações entre a arquitetura e a circunstância traduzem-se nos planos técnico, social e morfológico. A arquitetura da habitação está, então, condicionada aos meios e economias de construção - **plano técnico**; aos princípios de organização do espaço doméstico e as relações que estabelece com o espaço público, relacionado com as práticas e condutas da sociedade - **plano social**; e às estruturas formais dos modelos de habitação - **plano morfológico**<sup>3</sup>. Neste sentido, é quando a escala de habitar e a sociedade se transformam que se introduzem novos modelos para pensar os espaços urbano e doméstico e que, por sua vez, têm repercussões na presença dos espaços intermédios no contexto da habitação.

A habitação é um dos elementos que orienta e referencia a vida do Homem<sup>4</sup>, na medida em que promove o relacionamento humano a diferentes escalas: entre a pública e a privada. Neste sentido, articular estas várias escalas, nomeadamente através dos espaços situados entre o domínio público e a esfera privada da habitação - espaços intermédios, torna-se fundamental para garantir o equilíbrio do relacionamento humano<sup>5</sup>.

Apesar dos espaços intermédios estarem presentes na habitação “desde longa data, tanto sobre o plano dos usos como das formas arquitetónicas”<sup>6</sup>, é na transição da da habitação unifamiliar para a habitação plurifamiliar que estes ganham maior

---

1 GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.23.

2 “As formas sempre transmitem valores éticos, remetem a marcos culturais, compartilham critérios sociais e se referem a significados. (...) Detrás de cada um dos conceitos formais básicos, existe uma conceção concreta de tempo e uma ideia definida de sujeito.” De certa forma, compreender o uso dado a uma determinada configuração está dependente do sujeito que a habita e se apropria dela e, por sua vez, o sujeito está dependente do tempo que habita e das circunstâncias que o moldam a ele e à sociedade a que pertence. MONTANER, Josep Maria, *As formas do século XX*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2002, p.10.

3 MOLEY, Christian - *L'immeuble en formation. Génese de l'habitat collectif et avatars intermédiaires*. Liège: Pierre Mardaga, 1991, p.5.

4 BOLLNOW, O. Friedrich, *Hombre y espacio*. Barcelona: Editorial Labor, 1969.

5 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, pp. 5 e 6.

6 MOLEY, Christian, *La société des voisins*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Ministère de la Culture, 2005. - Espace intermédiaire: généalogie d'un discours, p.38.

significado<sup>7</sup>. O desenho dos espaços intermédios possibilita recriar uma escala de proximidade e relacionamento entre um grupo de habitantes.

O trabalho parte de uma breve contextualização que se organiza em dois momentos distintos: o primeiro momento pretende analisar os conceitos relacionados com os espaços intermédios; no segundo momento, a análise percorre os debates dos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna<sup>8</sup> realizados no contexto do pós-segunda-guerra na Europa, em particular na aplicação dos espaços intermédios na habitação plurifamiliar, enquanto componentes capazes de restabelecer o equilíbrio entre os âmbitos individuais e sociais.

### 1.1. Definição de conceitos

Os espaços intermédios estão relacionados com a noção de *in-between* que teve origem na obra do filósofo Martin Buber de 1923<sup>9</sup>, posteriormente apresentada por Rolf Gutmann nas conferências do Team 10 e desenvolvidas no âmbito da arquitetura por diversos autores, tais como Aldo Van Eyck, Alison e Peter Smithson, Herman Hertzberger, entre outros. No contexto temporal do trabalho, mais precisamente a partir de 1950, um dos tópicos emergentes no campo da arquitetura foram tanto o *doorstep* como o *threshold*. Estes tópicos baseavam-se na procura do lugar de encontro e da forma do espaço intermédio, ou seja, do *in-between*<sup>10</sup>.

Para Aldo Van Eyck, o *in-between* consiste no lugar onde polaridades conflituosas se conseguem encontrar e unir<sup>11</sup>. É por isso um espaço de tensões, no qual se procura equilibrar duas realidades opostas. Como exemplo de um espaço *in-between* por excelência temos o vão da porta ou da janela – entre o interior e o exterior e/ou o público e o privado. O conceito de *in-between* explorado por Aldo Van Eyck baseava-se na imagem do Homem: “tal como o Homem, o *in-between* tem de inspirar e expirar”<sup>12</sup>. Esta noção relaciona-se com a teoria apresentada por Martin Buber.

---

7 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006.

8 Os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM) realizam-se na Europa entre 1928 e 1959 com o intuito de desenvolver uma nova linguagem para a arquitetura e urbanismo que considerasse os problemas técnicos, sociais e económicos da vida moderna.

9 Respetivamente, as obras *I and Thou* de 1923 e *Between Men and Men* de 1947.

10 TEYSSOT, Georges. *Aldo Van Eyck and the rise of an ethnographic paradigm in the 1960s*. Editorial do Departamento de Arquitetura.

11 Ibid.

12 Ibid.

A reflexão de Alison e Peter Smithson parte de três elementos da cidade -a habitação, a rua e o quarteirão- para explorar a passagem sucessiva de escalas. Para tal, identificam três momentos: *doorstep*, *stem* e *web*. O *doorstep* corresponde à articulação entre os espaços interior e exterior da habitação. O *stem* diz respeito, de certa forma, aos acessos e ganha forma pela evocação da rua em termos de sistema. Por sua vez, o *web* faz referência à noção de quarteirão. Neste seguimento, Alison e Peter Smithson exploram os diferentes níveis de associação, encontrando no sistema de distribuição por galeria -*streets-in-the-air*- as características que permitiam controlar a transição entre o domínio privado da habitação e o domínio público. De certa forma, a galeria funcionava como um prolongamento do espaço interior da habitação, indo ao encontro da noção de prolongamento anteriormente explorada por Le Corbusier com os *immeuble-villas*<sup>13</sup>.

De acordo com Christian Moley, a dificuldade de identificar, em todas as suas dimensões, tanto o grupo familiar e o seu espaço privado como os grupos sociais que investem no espaço público, levam Hertzberger, no seguimento de Van Eyck, a focar-se sobre o dispositivo que permite estabelecer um contacto de forma gradual e controlada, nomeadamente o limiar<sup>14</sup>. De certa forma, a abordagem de Herman Hertzberger permite “objetualizar” o in-between e aproximá-lo do campo específico da arquitetura. Parafraseando Herman Hertzberger, “o limiar [in-between] é a chave para a transição e articulação entre áreas com demarcações territoriais divergentes e, enquanto lugar, constitui, essencialmente, a condição espacial para o encontro e o diálogo entre áreas de diferentes ordens”<sup>15</sup>.

No campo específico da arquitetura, o limiar corresponde à entrada do edifício, pois este é o espaço que corresponde à transição entre a rua – domínio público – e o interior do edifício – domínio privado. A obra teórica e prática de Herman Hertzberger aponta alguns elementos arquitetónicos que intensificam esta transição, nomeadamente pórticos de entrada, patamares e escadas, palas, nichos, vestíbulos, entre outros. De um modo geral, a concretização do limiar enquanto in-between “promove oportunidade para a acomodação entre mundos adjacentes”<sup>16</sup> e permite,

---

13 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.104.

14 Ibid. p.128.

15 HERTZBERGER, Herman, *Lessons for Students in Architecture*, trans. Ina Rike (Rotterdam: 010 Publishers, 1991) p.32.

16 Ibid., p.35.



Figura 4 - Esquema Falanstério de Charles Fourier, 1829 © Charles Fourier.



Figura 5 - Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise.



Figura 6 - Morfologia do Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise.



Figura 7 - Interior do Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise.

simultaneamente, garantir privacidade ao interior do edifício e condições para o relacionamento social.

A procura das escalas sociais e espaciais que constituem a cidade, pensadas a partir da habitação, levam à necessidade de integrar uma abordagem que integre não só os elementos que correspondem às unidades de construção deste espaço: fogo, bloco e quarteirão, mas também os espaços que se colocam entre estes. Aldo Van Eyck anuncia a necessidade de construir “dois mundos opostos, sem transição. O individual, de um lado, o coletivo, de outro. Entre os dois, a sociedade estabelece geralmente muitas barreiras”<sup>17</sup>, que os espaços intermédios permitem desvanecer.

## 1.2. O pós-guerra na Europa enquanto laboratório

Algumas experiências do século XIX levantam questões relativas ao modo de relacionar a vida coletiva e a vida privada dentro de um complexo de habitação, de que são exemplos as propostas utópicas do Falanstério de Charles Fourier (1829) e do Falanstério de Guise (Godin, 1859). Embora com sistemas de distribuição e organização distintos, estas propostas reúnem, no mesmo espaço, várias unidades habitacionais complementadas por equipamentos e serviços coletivos localizadas num espaço central<sup>18</sup>.

O **Falanstério de Charles Fourier** é um complexo habitacional autónomo e isolado que define no seu interior um espaço exterior coletivo encerrado em relação à envolvente (Figura 4). Os fogos ocupam a ala central enquanto as áreas coletivas ocupam as alas laterais, relacionando-se através de um sistema de ruas-galerias localizadas na fachada. No **Falanstério de Guise** os fogos e os restantes equipamentos organizam-se em torno de um espaço central encerrado e com cobertura em vidro (Figura 7). Em torno do pátio localizam-se as galerias que dão acesso aos fogos. Desta forma, as galerias (espaço de distribuição) fazem a transição entre o interior do fogo e o pátio central coletivo, garantindo alguma privacidade e autonomia familiar<sup>19</sup>.

O estudo desenvolvido pelos arquitetos Nicole, Antoine Haumont, Marie-Généviève e Henri Raymond sobre as habitações coletivas em torno de um espaço central,

---

<sup>17</sup> Ibid., p.121.

<sup>18</sup> FRAMPTON, Kenneth, *Historia crítica de la arquitectura moderna*. 4ª. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, p.22.

<sup>19</sup> MOLEY, Christian, *La société des voisins*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, Ministère de la Culture, 2005. - Espace intermédiaire: généalogie d’un discours, p.41.

nomeadamente o **Habitat Pavillonaire** (1966), é exemplificativo do impacto que as experiências supracitadas têm sobre algumas das reflexões da Arquitetura Moderna<sup>20</sup>. O intuito do estudo passa por caracterizar as práticas dos habitantes em habitações plurifamiliares com configurações que põem em diálogo e articulam gradualmente diferentes domínios como público/privado, coletivo/individual, entre outros. Esta articulação implica a existência de espaços de transição, nos quais se podem manifestar os espaços intermédios, na medida em que: “o limite entre dois espaços opostos não se reduz ao papel de separação de uma simples fronteira; mas apela, tanto nas práticas (uso) como nos dispositivos espaciais (desenho), uma passagem gradual e controlada”<sup>21</sup>.

No século XX, a habitação torna-se o mote para pensar a cidade<sup>22</sup>. Neste contexto, interessa destacar uma série de encontros entre arquitetos, nomeadamente os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM), organizados com o intuito de discutir e definir um novo rumo para a arquitetura, que responda ao contexto real, social e económico contemporâneos. Entre estes, os trabalhos desenvolvidos nos quatro primeiros CIAM tornam-se essenciais para o desenvolvimento da habitação. Durante o 1º CIAM (La Sarraz - França, 1928), o edifício de habitação plurifamiliar é apontado como a estrutura capaz de responder às necessidades dos espaços doméstico e urbano. Pensar a cidade a partir da habitação pressupõe que é através da organização e sistematização da configuração do fogo que se estabelece um modelo urbano alternativo às cidades existentes que permita organizar todas as funções da vida coletiva.

Neste seguimento, a sistematização do fogo consiste no tema central do debate do 2º CIAM (Frankfurt – Alemanha, 1929). Ernest May apresenta um conjunto de sistemas padrões espaciais e construtivos sobre o tema da Habitação Mínima, com os

---

20 “Etimologicamente concêntrico, tal modelo de habitação, onde a vida entre habitantes predomina, é maioritariamente rejeitado, mas representa uma referência para os arquitetos do Movimento Moderno.” Ibid, p.40.

21 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.9.

22 “O tema da residência, ou seja, o tema da casa do Homem e da sua relação com os restantes elementos do espaço habitável, converte-se na Europa, durante as primeiras décadas do século XX, no núcleo central da investigação desenvolvida no âmbito disciplinar da arquitetura (...) É, pois, de certo modo lícita a identificação entre cidade moderna e propostas residenciais da arquitetura moderna, uma vez que constituem a trama de fundo sobre a qual assenta a ideia de cidade elaborada pela cultura arquitetónica da primeira metade do século XX.” ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.13.



quais procura garantir o mínimo de qualidade de vida e satisfazer as exigências materiais e espirituais dos habitantes a custos acessíveis<sup>23</sup>. O processo da construção racional da habitação mínima está relacionado com a dialética entre a “quantidade mínima individual e a quantidade mínima social, da qual a primeira faz parte. O processo articula-se assim por acumulação: várias camas formam um fogo; vários fogos formam uma unidade tipológica (edifício); várias unidades tipológicas formam um assentamento urbano e vários assentamentos urbanos constituem a cidade”<sup>24</sup>. Note-se que este processo de acumulação tem implícita as diferentes escalas de habitar e é nesta sucessão e articulação entre elas que os espaços intermédios se manifestam.

O bloco de habitação em altura surge como a alternativa capaz de responder às circunstâncias e à carência habitacional originada pela elevada concentração demográfica, albergando simultaneamente células individuais e espaços de uso coletivo. No 3º CIAM (Bruxelas – Bélgica, 1930) são analisados os métodos de construção racional e distribuição dos blocos de habitação plurifamiliar a partir da proposta “Construção baixa, média ou alta?”, apresentada por Walter Gropius. A proposta advertia para o equilíbrio entre a densidade construída e espaço livre, assentando na construção dos edifícios de habitação plurifamiliar, em linha, em relação com as infraestruturas viárias, de modo a permitir uma correta orientação, iluminação e ventilação dos fogos. Le Corbusier apresenta também uma proposta de Parcelamento dos solos da cidade, na qual o bloco de habitação é apresentado como a solução para a organização das cidades<sup>25</sup>.

O 4º CIAM (Atenas – Grécia, 1933) analisa o tema da “Cidade Funcional”. Neste congresso, a solução apontada para os problemas de densidade das cidades tradicionais passa pela edificação em altura, ou seja, edifícios paralelos entre si e perpendiculares à rua, sendo envolvidos por áreas verdes resultantes dos espaços livres. Para além disso, esta solução procura dissociar as vias pedonais e automóveis para promover um maior conforto e segurança aos habitantes. É notória a recusa dos alinhamentos da cidade tradicional, pelo que os acessos automóveis eram feitos pontualmente e de forma controlada. Do 4º CIAM resulta um documento intitulado de *Carta de Atenas*, documento no qual são estabelecidos os princípios

---

23 AYMUNINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973, p.90.

24 Ibid., p.91.

25 Ibid., p.93.

funcionais para o planeamento da cidade moderna, nomeadamente: habitação, recreação, trabalho e circulação.

Como se verá nas análises que compõem a presente dissertação, a arquitetura do Movimento Moderno torna-se fundamental para o desenvolvimento do edifício de habitação plurifamiliar, revelando “um carácter inovador formal e funcional evidenciado pela experimentação de novos sistemas de acesso, tipologias e organizações espaciais, segundo novas noções de espaço e formas de habitar”<sup>26</sup>.

Os novos modelos de habitação, nomeadamente o edifício de habitação plurifamiliar, têm impacto na relação entre as habitações e as infraestruturas<sup>27</sup>, no modo de agrupação e organização dos fogos dentro do edifício e na disposição interna dos compartimentos. Como se constata, as transformações apontadas intensificam a presença de escalas intermédias na **continuidade, entre e dentro** dos espaços públicos e privados, escalas na quais se criam oportunidades para desenvolver os espaços intermédios.

Na segunda metade do século XX, a habitação plurifamiliar continua a constituir um dos pontos de partida para as reflexões da arquitetura e urbanismo do Movimento Moderno que apresentam, no entanto, uma nova vertente<sup>28</sup>. Esta mudança de paradigma nos debates da arquitetura moderna está relacionada com o contexto da Europa na segunda metade do século XX. Na sequência dos confrontos da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), as imagens de destruição de algumas cidades europeias adiantam uma das consequências com maior impacto na vida das cidades no pós-guerra, nomeadamente a falta de alojamento<sup>29</sup>. De modo a dar forma e lugar

---

26 ROCHA, Luciana, *Intervenção no moderno : reconhecimento, caracterização e salvaguarda de edifícios de habitação plurifamiliar*. Porto: FAUP, 2016, p.42.

27 Esta relação entre a habitação (espaço privado) e as infraestruturas (espaço público) deve-se ao facto de a habitação corresponder a uma parte fundamental da “anatomia urbana, agindo como um órgão vital que forma parte de uma criatura viva e, do mesmo modo que todas as outras partes do organismo, para funcionar de forma adequada depende de sistemas circulatórios comunicacionais”. CHERMAYEFF, Serge; ALEXANDER, Christopher, *Comunidad y privacidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970, p. 141.

28 “As preocupações dos arquitetos do pós-guerra mantiveram-se, mas os debates para otimizar as estratégias de desenho capazes de alcançar os objetivos continuavam a ser desenvolvidos.” DOORDAN, Dennis, *Twentieth-Century Architecture*. Londres: Calmann & King 2001, p.155.

29 JUDT, Tony, *Postwar. A History of Europe since 1945*. New York: The Penguin Press, 2005, p.82.



à vida das cidades e dos seus habitantes<sup>30</sup>, torna-se urgente reconstruir a estrutura social e devolver o abrigo que a habitação representa<sup>31</sup>.

No entanto, “com os grandes problemas que a reconstrução impõe em quase todos os países europeus, o campo de aplicação parece coincidir (...) com as dimensões quantitativas e qualitativas que os temas sobreentendiam ou entendiam claramente”<sup>32</sup>, ou seja, “ampliam o campo de tal forma que pressupõem um reexame aos métodos e à finalidade das experiências”<sup>33</sup>. Neste sentido, através da evolução da sociologia do habitar e da observação dos conjuntos habitacionais construídos na primeira metade do século XX, “os arquitetos desenvolvem uma reflexão crítica e teórica em comparação com o Movimento Moderno e com as consequências que têm em comum a contestação do funcionalismo urbanístico da Carta de Atenas”<sup>34</sup>.

O retomar dos CIAM no pós-segunda-guerra segue estes princípios, debatendo-se o futuro do planeamento, a habitação e as questões fundamentais para a sobrevivência e regeneração das cidades que sofreram com os confrontos. É notório que o contexto do pós-guerra tem um impacto significativo neste retomar: entre a primeira e segunda guerras debatem-se questões do fórum funcional e formal, depois da segunda Guerra Mundial essas mesmas questões e outras são direcionadas para um lado mais humanizado, social e antropológico. Importa questionar e refletir sobre a realidade para a transformar, aceitando “as circunstâncias reais, com todas as contradições e confusões, e tentar fazer algo com elas”<sup>35</sup>.

---

30 De salientar a importância dada, no final da 2ª Guerra Mundial, à casa: “A opinião pública demonstra que, depois do verão de 1944, a população apontava a habitação como o mais importante problema do pós-guerra.” ADDINSON, Paul, 1: “The Impact of the Second War - Now the War Is Over: A Social History of Britain, 1945-1951” Great Britain: Faber & Faber, 2012., p.14.

31 “A casa é um dos mais poderosos meios de integração para os pensamentos, memórias e sonhos. (...) Sem ela, o Homem seria um ser disperso. É a casa que o segura através das tempestades do céu e da vida. É corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano.” BACHELARD, Gaston, *The Poetics of Space*. New York: Penguin Books, 2014, pp.28 e 29.

32 AYMÓNINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973, p.89.

33 Ibid., p.89.

34 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.166.

35 Alison e Peter Smithson's citados por LARHOURI, Marina, Roma: ACSA International Conference, 1999. - CIAM Meetings 1947-59 and the “Core” of the City: Transformations of an Idea, p.403. Sobre este ponto, leia-se ainda a posição do Arq. Aldo Van Eyck: “aceitar a situação contemporânea como uma conjuntura inevitável da realização prática, sem pôr de parte uma posição crítica em relação à mesma. (...) Evoluir uma linguagem transformada para expressar o que está sendo analogamente transformado”.LARHOURI, Marina, Roma: ACSA International Conference, 1999. - CIAM Meetings 1947-59 and the “Core” of the City: Transformations of an Idea, p.403.



Figura 8 - Trabalhos de reconstrução em Dresden, Alemanha, 1945. Fonte: Getty Images.



Figura 9 - Trabalhos de reconstrução em Dresden, Alemanha, 1945. Fonte: Getty Images.



Figura 10 - Três crianças sentadas nos escombros em Londres - 1945. Fonte: New Times Paris Bureau Collection.

No primeiro congresso realizado no pós-guerra (6º CIAM: Bridgwater - Inglaterra, 1947), “trabalhar para a criação de um ambiente físico capaz de satisfazer as necessidades emocionais e materiais do Homem, estimulando o seu crescimento espiritual”<sup>36</sup> apresenta-se como o novo fundamento para a arquitetura. Neste sentido, no decorrer dos debates procura-se entender o que está no cerne da questão do habitar humano e o *CORE* assume um lugar central no que referencia a vida do Homem e o integra, dando-lhe uma dimensão de coletivo e de social. A procura por um sentido de coletivismo retoma as políticas sociais formuladas em 1930, antes do arranque da 2ª Guerra-Mundial<sup>37</sup>. Os trabalhos desenvolvidos por Le Corbusier relativamente ao desenho da célula mínima compensada através de prolongamentos interiores nos espaços coletivos adjacentes ao fogo são exemplificativos deste sentido<sup>38</sup>.

O *CORE*<sup>39</sup> acaba por responder à solidariedade que se exigia na reconstrução dos locais atingidos pela guerra. O que se pretendia era “um estado social, com responsabilidades implícitas (e mais tarde constitucionalmente explícitas) para o bem-estar dos cidadãos”<sup>40</sup>. “Havia um consenso de que as condições físicas e morais da cidadania eram matéria de interesse comum e, sendo assim, integravam a responsabilidade do estado”<sup>41</sup>. O Homem passa a ocupar a preocupação central de quem desenha o espaço, pois o *CORE*, enquanto espaço da cidade, “era usado como um dispositivo para humanizar o ambiente” e “envolvia a participação do público para o desenvolvimento e transformação contínuos da reorganização urbana”<sup>42</sup>. Este modo de pensar a regeneração do espaço contribui para a integração dos habitantes, promovendo o relacionamento e a cooperação.

No 8º CIAM (Hoddesdon - Inglaterra, 1951), Jaap Bakema apresenta o *CORE* como “o momento no qual se descobre a admiração do relacionamento entre o

---

36 Ibid, p.404.

37 ADDINSON, Paul, Great Britain: Faber & Faber, 2012. 1: “The Impact of the Second War - Now the War Is Over: A Social History of Britain, 1945-1951”, p.13.

38 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. Enquête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006.

39 Le Corbusier traduz o *CORE* como sendo o “coração e define-o como espaço da criação dos centros de vida social”. Ibid.

40 JUDT, Tony, *Postwar. A History of Europe since 1945*. New York: The Penguin Press, 2005, p.77.

41 Ibid, p.72.

42 LARHOURI, Marina, Roma: ACSA International Conference, 1999. - CIAM Meetings 1947-59 and the “Core” of the City: Transformations of an Idea, p.405.

Homem e as coisas, o momento em que tomamos consciência da plenitude da vida por meio da cooperação”<sup>43</sup>. É nesta questão, do que se coloca em relação, que se encontra a exploração dos espaços intermédios aplicados à construção do espaço habitável. A procura por espaços que respeitem os vários níveis de associação humana e a consciência de que o Homem habita diferentes escalas leva a que se formulem discussões sobre o modo como se desenham os espaços entre o espaço público e o espaço privado. Importa referir que o que está em causa é o modo como se articulam espaços com características opostas, espaços que concentram em si diferentes domínios. Destaca-se, ainda, a *Carta do Habitar* desenvolvida no 9º CIAM (Aix-en-Provence – França, 1953), na qual se estabelecem os princípios orientadores para a construção dos espaços modernos habitacionais, dando continuidade aos pressupostos da *Carta de Atenas*.

A procura por uma nova abordagem, que transcenda o funcionalismo presente na Arquitetura Moderna, dá origem a um grupo de trabalho formado pelos arquitetos Aldo Van Eyck, Alison e Peter Smithson’s, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Jaap Bakema e Shadrach Woods, denominado **Team X**. Na tentativa de articular as diferentes relações e escalas, dentro do debate do grupo Team X, surgem diferentes abordagens que assumem relevância no que concerne ao estudo dos espaços intermédios. Alison e Peter Smithson desenvolvem uma hierarquia de relações que correspondem aos modos de associação humana, para “desenvolver um novo entendimento da urbanidade baseada em relações sociais de habitação”<sup>44</sup>. É através das hierarquias que “se mantêm os domínios isolados, facilitando a circulação entre eles”<sup>45</sup>. A partir dos modos de habitar definem-se três escalas (habitação, rua, quarteirão) para trabalhar a passagem progressiva de um espaço para o outro, ou seja, as várias relações que estabelecem<sup>46</sup>.

O trabalho desenvolvido por Aldo Van Eyck incide, precisamente, sobre a reconciliação de opostos, dialética na qual o arquiteto acredita estar a génese para uma arquitetura que reúne as condições necessárias para a vida contemporânea. A ideia passa por dar forma a estes encontros, espaços que o autor apelida de in-between.

---

43 Ibid, p.406.

44 Ibid, p.406.

45 CHERMAYEFF, Serge; ALEXANDER, Christopher, *Comunidad y privacidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970, p.188.

46 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d’espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.114.

Van Eyck “concebe o in-between como o lugar onde diferentes coisas se conseguem encontrar e unir, ou mais especificamente, como o território comum onde polaridades conflituosas conseguem tornar-se twin phenomena”<sup>47</sup>. Ao articularem-se ambivalências diluem-se fronteiras e encurtam-se distâncias. Assim, como referido anteriormente, forma-se um espaço tridimensional que, tendo em conta o seu desenho, potencia a aproximação e a relação entre as pessoas: promove uma sociabilidade íntima.

Seja na continuidade do edifício de habitação plurifamiliar, entre a entrada do edifício e a entrada no fogo - ao longo dos espaços de distribuição - ou no espaço entre a socialização e a intimidade dentro do fogo, a arquitetura manifesta a capacidade de criar lugar para diferentes oportunidades e usos através do desenho. Neste âmbito, Aldo Van Eyck afirma que a arquitetura deve “fazer cada porta acolhedora e dar uma cara a cada janela. Fazer de cada um deles um lugar”<sup>48</sup>.

Este lugar pressupõe um valor especial adicionado ao espaço, sendo consecutivamente reconhecido por um determinado grupo de pessoas, dado os sentimentos de pertença e integração que desperta. “O que torna um espaço num lugar é o enchimento (uso) concedido pelos ocupantes / usuários. Um espaço torna-se um lugar particular colorido pelas ocorrências passadas e presentes, que trocam associações”<sup>49</sup>. Os espaços intermédios surgem, assim, nesta tentativa de dar forma e lugar às diferentes associações humanas e escalas de habitar. Ao intermediar estes encontros<sup>50</sup>, a arquitetura mostra-se capaz de equilibrar a relação entre o coletivismo e a individualidade, neste caso, associado ao edifício de habitação plurifamiliar.

---

47 STRAUVEN, Francis, *Aldo Van Eyck : the shape of relativity*. Amesterdam: Architectura & Natura, 1998, p.15.

48 Ibid. p.15.

49 HERTZBERGER, Herman, *Articulations*. Munique: Prestel, 2002, p.33.

50 “Ao ser o momento em que diferentes tendências se equilibram, constitui um espaço carregado de ambivalência e, portanto, é um espaço que corresponde à natureza ambivalente do Homem. O in-between é um espaço à imagem do Homem, um lugar que, tal como o Homem, inspira e expira.” STRAUVEN, Francis, *Aldo Van Eyck : the shape of relativity*. Amesterdam: Architectura & Natura, 1998, p.16.



## **2. Espaços intermédios na continuidade do espaço público**





Figura 11 - Crianças a brincar em Chisenhale Road, Londres © Nigel Henderson.



Figura 12 - Sentido de recolhimento nas imediações da habitação © Nigel Henderson.



Figura 13 - A rua como ponto de encontro © Nigel Henderson.



Figura 14 - Noção do espaço entre a rua e a habitação © Nigel Henderson.



O ato de pensar o espaço urbano, em particular a composição e a organização deste, implica analisar a relação que se estabelece entre o conjunto edificado e o não edificado. A forma do conjunto não edificado – *vazios* – resulta da materialização do conjunto edificado (habitação, comércio, serviços) – *cheios* -, sendo através desta relação dinâmica que se constrói o *espaço exterior habitável*<sup>1</sup>. Do conjunto não edificado fazem parte as infraestruturas de circulação (vias), os espaços públicos (praças, jardins, largos) e os espaços exteriores privados ou semiprivados associados aos edifícios de habitação<sup>2</sup>.

O espaço urbano é, como tal, o resultado de um conjunto de relações entre estas partes<sup>3</sup>, estando dependente da morfologia dos edifícios e do modo como estes se organizam e dispõem entre si e com os dispositivos de circulação, numa relação de maior ou menor densidade<sup>4</sup>. A articulação entre as infraestruturas e o edificado cria dinâmicas e ambiências próprias de acordo com o posicionamento de um sobre o outro e com a distância percorrida entre o primeiro e a entrada do segundo. Esta distância tem como base o *quarteirão*, considerando este como o espaço delimitado pelas vias de circulação e que corresponde à “forma de parcelamento do espaço urbano”<sup>5</sup>. No contexto dos espaços intermédios, o quarteirão torna-se fundamental, porque é através deste que “se lê o plano da cidade (...); se indica uma escala intermédia entre o edifício que ocupa o lote e os grandes traçados urbanos e permite colocar-se o tema da composição do tecido”<sup>6</sup>.

O edifício de habitação apresenta-se como um dos componentes essenciais na com-

---

1 “As formas organizam assim o espaço (...) e poderemos, generalizando igualmente, afirmar que aquilo a que chamamos de espaço é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem...” TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*. 8ª. Porto: Faup Publicações, 2008, p.12.

2 PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.110

3 PORTAS, Nuno, *A Cidade como Arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

4 Note-se que no 3º CIAM (Bruxelas, 1930) se debate o tema Desenvolvimento Racional do Lote, evidenciando as questões da altura e espaçamento dos edifícios para uma melhoria do espaço dentro e entre os blocos de habitação. MUMFORD, Eric, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: The MIT Press, 2000, p.49.

5 PANERAI, Philippe R; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles, *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1986, p.27.

6 Ibid. p.27.

posição do tecido urbano, pelo facto de ser o programa dominante neste contexto<sup>7</sup>. Sendo o edifício de habitação plurifamiliar o mote para o estudo dos espaços intermédios na presente dissertação, importa analisar de seguida e, neste contexto, a forma de ocupação (morfologia) do edificado habitacional e o impacto que esta tem no desenho e uso do espaço exterior, dentro dos limites do quarteirão<sup>8</sup>.

Os espaços intermédios na continuidade do espaço público revelam-se, precisamente, na distância entre as infraestruturas de circulação e o edificado<sup>9</sup>. Assim sendo, para além da forma de um edifício, o desenho do piso térreo e o posicionamento do espaço de entrada assumem, também, particular relevância no que concerne aos espaços intermédios, pois é através destes que se estabelece a articulação entre os diferentes domínios.

## 2.1. O equilíbrio entre a concentração e a dispersão

O tema da habitação é abordado em diversos níveis no decorrer dos debates em torno da Arquitetura Moderna, realizados na Europa, a partir do século XX. Tendo em conta que o presente capítulo recai sobre os espaços intermédios na continuidade do espaço público, interessa sobretudo perceber o impacto da forma da habitação na forma do espaço urbano. Para tal, a análise parte do texto *Las Formas de la Residência Moderna* (2000) de Carlos Marti Arís<sup>10</sup>, no qual o autor expõe algumas das

---

7 “A casa domina em quantidade, em extensão urbana” e “as tipologias de habitação plurifamiliar são dominantes no contexto urbano”. FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999, pp.58 e 301, respetivamente.

8 “(...) falar de forma urbana não significa ignorar os problemas socioeconómicos nem acreditar que a arquitetura esteja em condições de, por si só, construir o espaço da cidade. Significa simplesmente reconhecer a dimensão do que é visível no espaço urbano, operar dentro de um sistema de inter-relações entre forma urbana e tipologia arquitetónica, aceitar que o espaço urbano seja carregado dos valores simbólicos hierarquizados que dão significado diferenciado à arquitetura.” Bernard Huet citado por FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.301.

9 “A variação do dimensionamento dos lotes urbanos e a relação destes com a estrutura viária são igualmente fatores determinantes na caracterização morfológica do modelo da cidade. As regras de implantação das edificações nos lotes urbanos, a sua relação volumétrica com a estrutura viária, e o leque de opções tipológicas das construções, constituem o terceiro parâmetro essencial à análise tipo-morfológica de um facto urbano ou de toda a cidade.” Ibid, p.301.

10 Carlos Marti Arís (Barcelona, 1948) é arquiteto desde 1972 e doutorado pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona (ETSAB) desde 1988. Exerce como professor desde 1976 e é membro fundador e subdiretor da revista *2c Construcción de la Ciudad* entre 1972 e 1985.

teorias formuladas no séc. XX sobre o plano da cidade, que têm como mote a forma edifício de habitação. Para além disso, o autor compara a construção do modelo da *cidade tradicional* com os modelos modernos, de modo a evidenciar as diferenças patentes na articulação entre os domínios público e privado.

De acordo com as teorias apresentadas por Carlos Martí Arís, a **cidade tradicional** consiste num “feito perfeitamente abarcável, homogéneo e fechado, como um lugar delimitado e autónomo que contém, no seu interior, os elementos públicos e privados que garantem o seu equilíbrio”<sup>11</sup>. O tecido urbano da cidade tradicional é composto maioritariamente por casas unifamiliares<sup>12</sup> dispostas contiguamente de maneira a formar um **quarteirão** fechado, no centro do qual se localizam pátios e logradouros privados. Estes espaços localizados nas traseiras resultam do espaço sobrança da construção dos edifícios, não sendo definidos *a priori*. Este fator aponta para um desequilíbrio entre a densidade construída e não construída, o que, por sua vez, resulta em espaços insalubres, pouco arejados e insolados.

As habitações ladeiam a rua e delimitam-na, conferindo-lhe o carácter de *rua-corredor*. A **rua** e a **habitação** são como “entidades inseparáveis que não podem conceber-se separadamente. A rua nasce das relações que se estabelecem entre os edifícios e, por sua vez, é o espaço público comum a todos estes, capaz de disciplinar as respetivas posições recíprocas”<sup>13</sup>. A articulação entre a rua (domínio público) e a habitação (domínio privado) é feita geralmente diretamente através da porta de acesso e, como tal, o espaço de transição entre os domínios é representado pelo espaço da soleira da porta<sup>14</sup>. Neste caso, “os modelos constituintes são basicamente três: os espaços públicos de circulação e acesso; a edificação marginal em quarteirão; o espaço não construído de logradouro”, sendo que “cada um destes elementos podia tomar formas e dimensões distintas arrastando alterações nos restantes sem que, no entanto, destruísse o sistema básico de relações”<sup>15</sup>.

---

11 ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.14.

12 Ibid., p.14.

13 Ibid. p.14.

14 No modelo da cidade tradicional, “a avenida ou a rua” são a “bitola regulamentar para limitar as novas volumetrias”, correspondendo ao “sistema cultura que relacionava espaços públicos e espaços privados”. PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.105.

15 Ibid., p.105.

Com o desenvolvimento dos meios de transporte, as infraestruturas viárias tornam-se o principal elemento de suporte do rápido crescimento das cidades. A expansão da cidade e o desmantelamento dos limites urbanos, enquanto estrutura fechada em oposição à relação cidade-campo, estão ligados a este incremento da mobilidade e à modificação dos tecidos da cidade medieval<sup>16</sup>. Para além disso, devido à necessidade de suprimir a falta de habitação<sup>17</sup> e a uma forte promoção imobiliária, “o elemento constitutivo na formação das cidades capitais do séc. XIX passa a ser o bloco urbano ou quarteirão, composto por edifícios residenciais coletivos”. Com estes fatores implementa-se uma nova escala de habitar e uma nova maneira do edificado se relacionar com o espaço público envolvente<sup>18</sup>.

Dado o crescimento desregulado das cidades sobretudo associado ao período da Revolução Industrial, que acentua o desequilíbrio entre densidade construída e espaço livre e os correntes problemas de salubridade, surgem, no início do século XX, algumas propostas de racionalização do espaço urbano, entre as quais a **cidade-jardim**<sup>19</sup> e a **cidade concentrada**<sup>20</sup>. Embora diferentes, tanto a teoria da cidade-jardim como a teoria da cidade concentrada procuram repor a harmonia entre o edificado e o espaço livre<sup>21</sup>, explorando a relação entre estes, através de fatores como a densidade, os acessos, as infraestruturas viárias e a hierarquia entre os espaços públicos e privados<sup>22</sup>.

---

16 CÁLIX, Teresa, *As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p.21.

17 “As necessidades dos setores industrial, comercial e financeiro sobrepõem-se às necessidades habitacionais, num cenário em que o êxodo rural é cada vez mais evidente e em que o problema social da falta de habitação económica se coloca, pela primeira vez, de forma absolutamente contundente.” Ibid. p.21.

18 De acordo com Nuno Portas, as alterações que se fazem sentir na edificação (tipologia) dão-se com as “novidades da tecnologia da construção, a adoção de sucessivos preceitos de higiene e, obviamente, com a mudança dos hábitos de vida e das condições de promoção”. PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.106.

19 A teoria da Cidade-Jardim é enunciada por Ebenezer Howard em 1898 e tem a sua formalização nos bairros de Letchworth (1904), Hampstead (1909) e Welwyn (1919), desenhados pelos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker.

20 Da teoria da Cidade Concentrada são exemplo a Cidade Contemporânea de 3 milhões de Habitantes desenhada pelo arquiteto Le Corbusier (1922) e a Cidade Vertical projetada por Ludwig Hilberseimer (1924-1925).

21 ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.20.

22 Note-se que os elementos enunciados são os que representam um maior impacto no desenho e uso dos espaços intermédios na continuidade do espaço público.

A teoria da **cidade-jardim**, enunciada por Ebenezer Howard (1902)<sup>23</sup>, assenta numa urbanização que procura recuperar a relação com o campo<sup>24</sup>. Importa salientar que o recurso ao espaço natural se dá, não unicamente para descomprimir o espaço urbano, mas também, como um prolongamento do interior do espaço doméstico sobre o exterior<sup>25</sup>. Neste caso, entre a rua e a habitação existe um elemento intermediário mais extenso que a porta, nomeadamente o espaço do jardim.

Os bairros de *Letchworth* (1904), *Hampstead* (1909) e/ou *Welwyn* (1919) dos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker são exemplos de algumas das aplicações práticas da cidade-jardim, nas quais se nota o uso da habitação unifamiliar não apenas enquanto moradia isolada com jardim próprio, mas enquanto unidade agrupada em pequenos núcleos em torno de um espaço semipúblico que promove relações de vizinhança<sup>26</sup>. Destaca-se a utilização de espaços intermédios na articulação entre a rua e as habitações e o desenho uniforme das fachadas, de modo a reforçar o sentido unitário do conjunto em prol da construção de um espaço coletivo (Figura 15 a Figura 18).

A experiência dos *Siedlung* na Europa Central dos anos 20<sup>27</sup>, “que seguem a linha da cidade-jardim”<sup>28</sup>, mas diferenciam-se pelo uso da habitação plurifamiliar (maior densidade), transmitem esta exploração do sentido unitário - bairro, na relação com o espaço livre/natural. Assim sendo, apresentam-se como uma alternativa tanto ao **modelo disperso** da cidade-jardim como ao modelo da **cidade concentrada**, pois exprimem a “vontade de reconstruir os limites da cidade através de partes residenciais em que a baixa densidade e o contacto direto com a natureza são compatíveis

---

23 Sobre este tema importa referir o livro *Garden Cities of To-Morrow* (Londres: Faber and Faber, 1970) de Ebenezer Howard.

24 FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuguesa. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.297.

25 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.77.

26 Recorde-se que a predominância da habitação plurifamiliar em prol da habitação unifamiliar está relacionada, inicialmente, com a agrupação e união das peças individuais. MOLEY, Christian, *L'Architecture du logement : culture et logiques d'une norme héritée*. Paris: Anthropos, 1998.

27 “Os *Siedlung* apresentam-se como parte de cidade que se pode incorporar na estrutura urbana preexistente e não como a alternativa britânica de cidade dispersa, tendente à exclusão da cidade herdada”. São exemplo o *Siedlung Römerstadt* (Frankfurt, 1927) de Ernest May. FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuguesa. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.297 e 298.

28 Ibid. p.298.





Figura 15 - Construção de um espaço exterior comum, Welwin © J. P. Steele.



Figura 16 - Relação entre a rua e a habitação, Welwin © Studio Lisa.



Figura 17 - Jardim privado entre a rua e a habitação, Welwin © J. P. Steele.

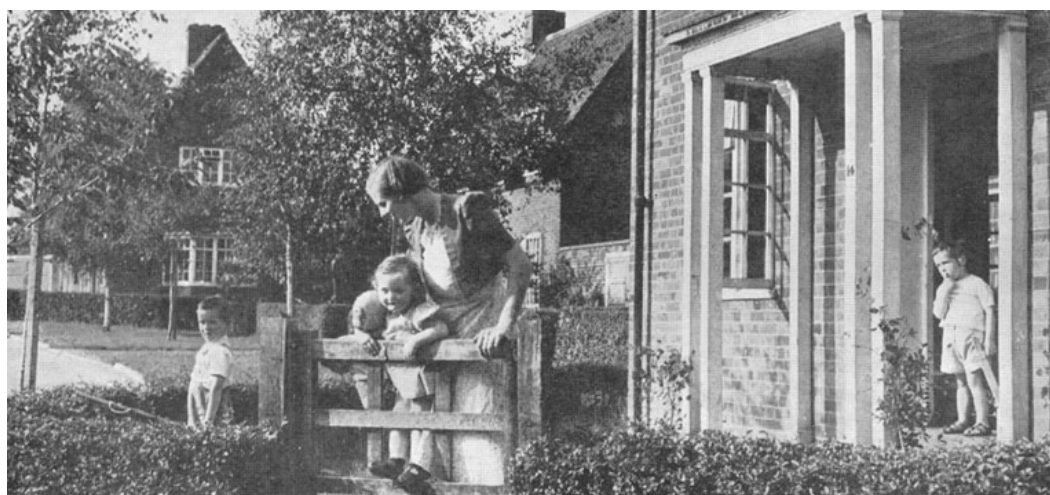


Figura 18 - Espaço intermédio entre a habitação e a praça em Welwin © Studio Lisa.

com um alto grau de coesão da forma urbana”<sup>29</sup>.

Segundo Carlos Martí Arís, a teoria da **cidade concentrada** recupera algumas valências da cidade oitocentista como a densidade do espaço urbano e o uso do edifício de habitação plurifamiliar. Na proposta da *Cidade Contemporânea de 3 milhões de Habitantes* de 1922, Le Corbusier procura descongestionar os centros das cidades, aumentando a sua densidade sem descurar a melhoria da circulação e a quantidade e qualidade do espaço livre. Para tal, a solução aponta para a construção em altura, o que permite concentrar um maior número de habitantes numa menor área de ocupação de solo (Figura 19).

A *Cidade Contemporânea de 3 milhões de Habitantes* é concebida como “uma cidade de formato retangular, com uma extensão de 6,4 por 4 quilómetros, que se organiza a partir de uma forte rede infraestrutural e cujo centro está ocupado pela *City* – o centro de negócios, composto por 24 arranha-céus de planta cruciforme e 60 pisos”<sup>30</sup>. Em torno deste centro desenvolve-se uma área residencial formada por quarteirões fechados, nos quais os edifícios de habitação plurifamiliar seguem a direção das ruas. No interior dos quarteirões desenvolve-se um espaço exterior de uso coletivo. A periferia está rodeada por amplas zonas verdes.

A proposta de Le Corbusier aponta, de certa forma, para uma **densificação** da cidade-jardim, na medida em que, para além de procurar equilibrar a relação entre *cheios* e *vazios*, os edifícios de habitação plurifamiliar propostos repõem as valências dos jardins individuais através da colocação de terraços e varandas em cada uma das unidades habitacionais. Formula-se, assim, uma cidade-jardim vertical. Ao procurar um modelo alternativo à cidade-jardim, Le Corbusier contribui para “o estabelecimento do vocabulário e dos modelos concetuais associados aos espaços intermédios”<sup>31</sup>.

A proposta de Hilberseimer, nomeadamente a *Cidade Vertical* (Figura 20), assenta numa construção linear apoiada na sobreposição de funções (habitação e trabalho) num mesmo edifício. O plano propõe um tecido homogéneo, contrapondo-se à hierarquia funcional e geométrica do plano de Le Corbusier, que permite uma redução

---

29 ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.23.

30 Ibid. p.23.

31 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.77.

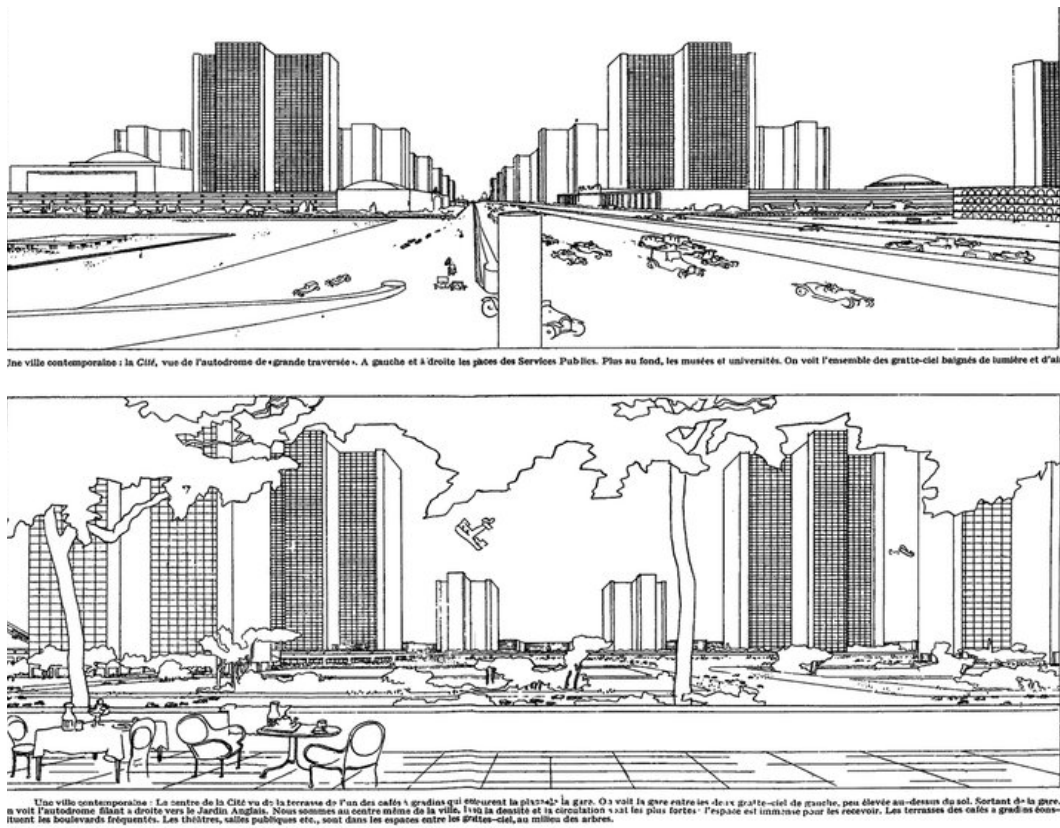


Figura 19 - Cidade Contemporânea para 3 milhões de habitantes, Le Corbusier, 1922. Fonte: Le Corbusier, *Maneira de Pensar o urbanismo*. Publicações Europa-América, 1969.

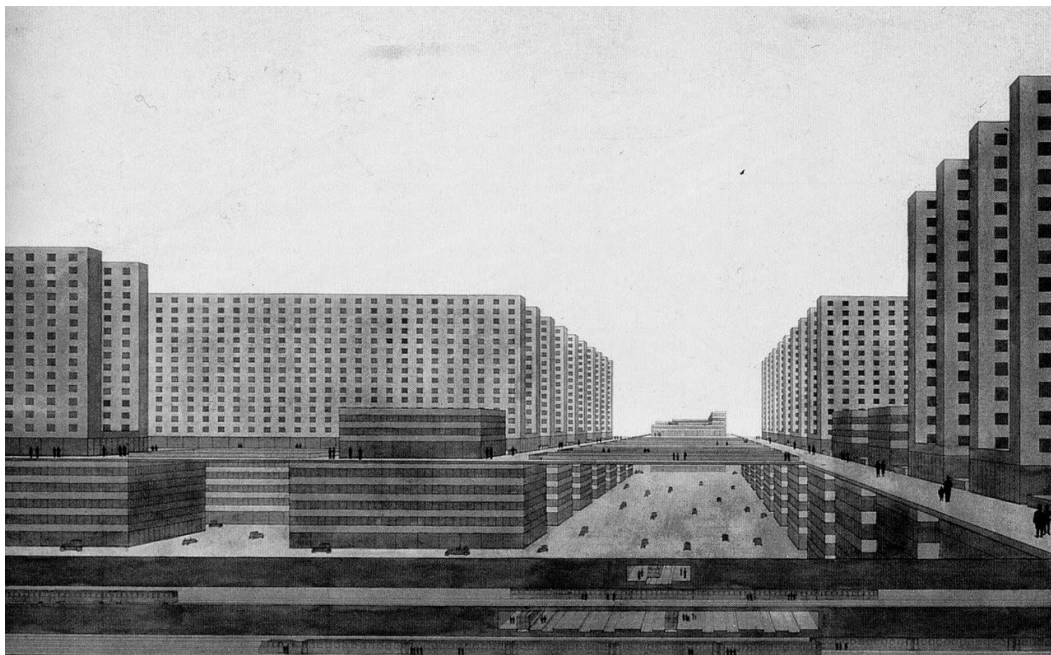


Figura 20 - Proposta da Cidade Vertical, Hilberseimer. Fonte: ARÍS, Carlos Martí - *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.36.



do tráfego dada a relação de proximidade habitação-trabalho. Esta sobreposição de funções traduz-se na localização do comércio e da indústria num embasamento de 5 pisos com 15 m de profundidade, que se organizam formando uma sucessão de pátios quadrados (sete em cada quarteirão). Sobre este embasamento desenvolve-se a zona residencial, composta por edifícios lineares de 10 m de profundidade e de espaçamento regular de 70 m.

É notório que, embora diferentes, todas as propostas enunciadas têm como mote a **racionalização da forma da habitação**. Contrariamente ao que acontecia na cidade tradicional e industrial, a forma da habitação passa a ser definida *a priori*, permitindo restabelecer o equilíbrio entre a **densidade construída** e o **espaço livre**<sup>32</sup>. Esta procura por uma relação equilibrada entre os *cheios* e os *vazios* não se prende unicamente com a habitação enquanto unidade independente, mas como uma peça fundamental no desenho do espaço urbano, pensada em relação com as infraestruturas de circulação e com as estruturas de trabalho e lazer.

Retomando a análise do *preâmbulo*, os **Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna**<sup>33</sup>, realizados na Europa entre 1928 e 1956, também debatem estas questões relacionadas com a morfologia urbana, sendo de salientar a *Carta de Atenas*, elaborada durante o 4º CIAM, em 1933 (Grécia). Este documento representa, simultaneamente, uma tentativa de revolução cultural, na medida em que transforma os paradigmas e morfologias do *habitar*, pensando-os de acordo com os programas funcionais da vida do Homem (habitação, lazer, trabalho e circulação), e “uma revolução metodológica no processo de planeamento e de projeto”<sup>34</sup>. De certa modo, “o que se propunha era uma forma de habitar em edifícios coletivos de grande porte, isolados uns dos outros, por forma a deixar entre eles espaços abertos o suficiente para conterem as vias de acessos e os equipamentos, incluindo genero-

---

32 Sobre este ponto, Carlos Martí Arís refere ainda que o espaço urbano passa a ser concebidos “como lugar em que se equilibra e complementa o espaço construído e o espaço livre e em que a habitação humana, desde um nível mais elevado de sociabilidade, recupera o contato com a natureza”. ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.42.

33 Relativamente aos CIAM, importa referir o trabalho realizado por Eric Mumford (2000), *The CIAM Discourse on Urbanism 1928-1960*, no qual reúne e faz uma revisão dos documentos resultantes dos debates. Ainda sobre este tema, refere-se a publicação *La Vivenda Racional* de Carlo Aymonino (1973).

34 PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.109.

sas dotações de áreas verdes e de sol”<sup>35</sup>.

Neste contexto, o edifício de habitação plurifamiliar deixa de estar confinado aos limites do quarteirão e a *rua-corredor* deixa de ser a chave de construção da cidade. Como tal, o bloco de habitação fechado, confinado aos limites das ruas e definindo no seu interior o espaço do logradouro, deixa de se apresentar como a solução paradigmática e surgem outras formas que permitem criar diferentes níveis de permeabilidade com o interior do quarteirão. Coloca-se em causa o sentido exclusivamente privado<sup>36</sup> que estava até então associado ao interior do quarteirão e, consequentemente, modifica-se o desenho e uso dos espaços intermédios na continuidade do espaço público.

Ao invés do modelo de cidade tradicional, os restantes modelos explorados constroem-se através da relação constante entre as vias, blocos, espaços livres e equipamentos<sup>37</sup>. No contexto europeu, no século XX, importa destacar os trabalhos já referidos de arquitetos como Walter Gropius, acerca da disposição e relação entre a altura e espaçamento entre edifícios, e Le Corbusier, sobre a relação entre o dimensionamento dos edifícios e o espaço livre adjacente - “quanto mais altos e profundos os blocos, mais áreas livres ficariam à disposição da coletividade”<sup>38</sup>.

Estes princípios regem a reconstrução das cidades europeias após a 2ª Guerra Mundial, nas décadas de 40 e 50 e estendem-se a todo o território urbano europeu, a partir das décadas 60. Note-se que os casos de estudos abordados na presente dissertação se enquadram neste período de reconstrução de cidades europeias, nomeadamente Berlim (Alemanha), Marselha (França) e Londres (Inglaterra). No entanto, os princípios são aplicados sobre um ponto de vista diferente, pois a dimensão urbana tem em conta as características das morfologias sem se referir, apenas, às suas qualidades físicas, mas, sobretudo, aos efeitos sobre a dimensão relacional associada aos espaços que as mesmas materializam<sup>39</sup>.

---

35 Ibid. p.109.

36 Entenda-se que ao afirmar-se que o interior do quarteirão tem um carácter privado não se exclui a possibilidade de ele ter um carácter privado de sentido coletivo, na medida em que é destinado a um grupo restrito de habitantes.

37 PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.110.

38 Ibid. p.110.

39 CÁLIX, Teresa, *As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p.71.

## 2.2. As diferentes conformações do quarteirão

A análise sobre o impacto da morfologia na circunstância da habitação plurifamiliar, tem como propósito colocar em evidência a “importância da forma (...) no rendimento e na qualidade de vida quotidiana”<sup>40</sup> e, neste caso, dos espaços intermédios. Para tal, importa cruzar o discurso de Carlos Martí Arís em *Las Formas de la Residência Moderna* (2000), previamente analisado, no qual o autor agrupa as diversas intervenções em três grandes grupos: **forma fechada**, a **forma semiaberta** e a **forma linear ou aberta**<sup>41</sup>, com o trabalho de Bernard Leupen<sup>42</sup> em *Housing Design: a manual* (2011), que coloca em evidência as características próprias de cada tipo de ocupação. Esta análise enquadra a posterior leitura dos espaços intermédios na continuidade do espaço público na abordagem aos casos de estudo desta dissertação.

A **forma fechada** (Figura 21), tal como visto anteriormente, está associada à construção dos edifícios que têm como referência o limite do quarteirão. Como tal, a articulação entre a rua e o edifício faz-se, por norma, diretamente um sobre o outro. Em alguns casos particulares esta transição, nomeadamente a entrada no edifício, é feita a partir do interior do quarteirão, existindo um espaço intermédio que permite articular a rua e o interior do quarteirão<sup>43</sup>. Este espaço implica uma abertura na fachada que permite uma passagem que pode ou não ser encerrada, de acordo com o controlo de privacidade e segurança que se pretende. Não obstante, o espaço que o edifício conforma no seu interior (*logradouro*) tem um carácter privado de usufruto coletivo. Nesta forma de ocupação, os fogos não têm todos a mesma exposição solar, facto que se agrava nos gavetos<sup>44</sup>.

---

40 PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012, p.143.

41 ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.42.

42 Bernard Leupen é arquiteto e investigador, tendo particular interesse na relação da arquitetura da habitação com a arquitetura da cidade. Colaborou com Rem Koolhaas entre 1988 e 1990, foi professor convidado da Academia de Copenhaga entre 2006 e 2007 e, desde então, é coordenador e editor em Time-based Architecture Internacional.

43 LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011, p.216.

44 Ibid. p.216.

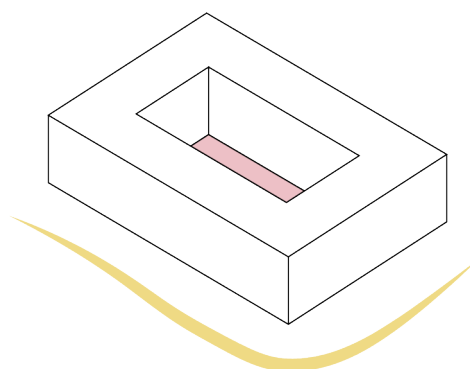


Figura 21 - Forma fechada.

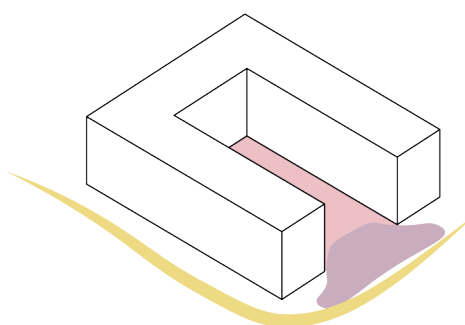


Figura 22 - Forma semiaberta.

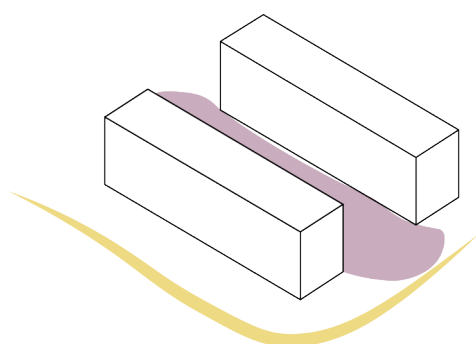


Figura 23 - Forma linear ou aberta.

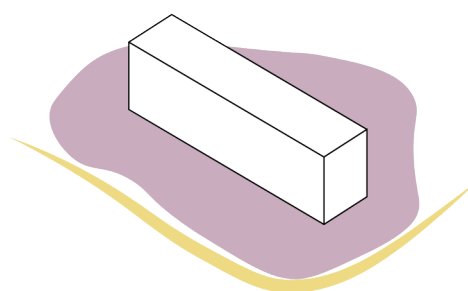


Figura 24 - Bloco autónomo.

Domínio público (rua)
  Domínio semipúblico ou semiprivado
  Domínio privado

A utilização da **forma semiaberta** (Figura 22) aumenta com o “intuito de superar a fórmula da *rua-corredor*, própria da cidade oitocentista”<sup>45</sup>. Esta forma sugere abrir o espaço interior do quarteirão retirando alguma privacidade a esta área. Por outro lado, esta abertura permite uma melhor exposição solar e iluminação, quer do espaço exterior comum, quer das unidades de habitação<sup>46</sup>. A articulação entre a rua e o edifício, mesmo continuando a estabelecer-se de modo direto, ganha uma nova dimensão, na medida em que este espaço exterior se pode tornar um espaço intermédio e garantir uma transição gradual entre escalas de habitar: público-coletivo-privado.

A **forma linear** ou **aberta** (Figura 23) tem implícita uma disposição das unidades de habitação mais equitativa em termos de orientação solar e de relação com o espaço envolvente, quer relativamente aos acessos, quer relativamente à relação visual. Em contrapartida, o espaço exterior tem um menor isolamento e privacidade, pois está mais exposto ao espaço urbano<sup>47</sup>. Importa aqui destacar três situações distintas na forma linear ou aberta relacionadas com a posição do bloco de habitação relativamente à rua. A forma linear integra tanto o bloco de habitação que se coloca paralelo, como perpendicular à rua e o bloco autónomo.

No caso do bloco autónomo (Figura 24), o edifício não se condiciona aos limites do quarteirão, pelo que o espaço exterior é mais ambíguo relativamente aos domínios público e privado. O espaço que envolve o bloco de habitação apresenta-se como o espaço intermédio que aproxima as duas escalas de habitar. A distância entre a entrada no edifício ou nos próprios fogos e as infraestruturas de circulação entre estes e as infraestruturas de circulação parece influenciar o grau de privacidade e proteção face ao ruído do tráfego.

Em todos os casos apresentados é notório que a forma da habitação condiciona o desenho dos espaços intermédios, podendo estes ter um impacto mais ou menos significativo. A sua relevância está, assim, condicionada à forma de ocupação do edifício, à permeabilidade e carácter do espaço exterior coletivo, às soluções dos acessos e do desenho do piso térreo e às próprias características do alçado e da

---

45 ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.43.

46 LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011, p.220.

47 Ibid. p.220.



Figura 25 - A forma da habitação e a circunstância.  
 Fonte: Phaidon (ed.), Le Corbusier Le Grand, New York, 2008 Brutalism. Architecture of Everyday Culture, Poetry and Theory, Berlin.

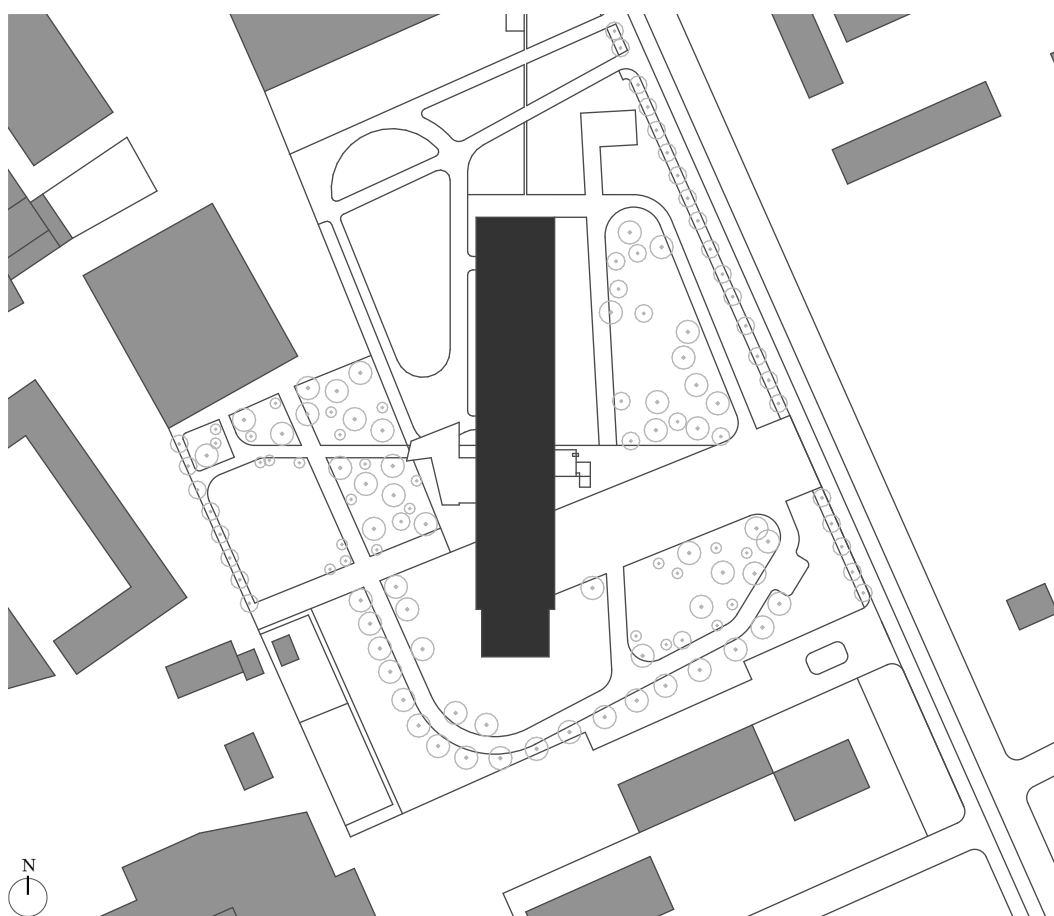


Figura 26 - Implantação. Escala 1:3000.

planta do fogo. “A interação entre os diferentes tipos morfológicos e os espaços geográficos dá origem a alguns âmbitos possíveis de articulação metropolitana – os ‘espaços articuladores’ – como espaços de oportunidade para o projeto metropolitano”<sup>48</sup>, sendo como tal espaços de oportunidade para a intervenção projetual.

Para um melhor entendimento sobre os espaços intermédios na continuidade do espaço público, procede-se à análise dos casos de estudo previamente referidos e enquadrados. A análise tem em conta os fatores até aqui evidenciados, nomeadamente, a implantação, a morfologia, o desenho do piso térreo e os acessos.

### 2.2.1. O bloco autónomo: Unidade de Habitação de Marselha

A *Unidade de Habitação de Marselha* (França) foi projetada pelo arquiteto Le Corbusier (Charles-Edward Jeanneret, 1887-1965), em 1945. O projeto foi encomendado pelo Ministério da Reconstrução com o intuito de colmatar a falta de habitação provocada pela guerra. O projeto inicial propunha a construção de três blocos, sendo que apenas um foi construído. O edifício construído, nomeadamente a Unidade de Habitação de Marselha, inclui 337 fogos de diferentes tipologias, dispostos ao longo de 16 pisos, e complementadas por serviços comunitários: uma escola, um infantário, lojas, cinema e espaços comuns ao ar livre tanto na cobertura como na envolvente. Neste sentido, o edifício consiste numa unidade autónoma e autossuficiente, integrando as atividades de uma pequena comunidade.

A Unidade de Habitação de Marselha é caracterizada pela sua grande escala e volumetria: 137 metros de comprimento por 24 metros de largura e 56 metros de altura. Comparativamente, os edifícios envolventes são de baixa e média densidade, o que dificulta que estabeleçam uma relação volumétrica com o edifício em análise (Figura 25). O programa funcional da envolvente é assim maioritariamente habitacional, sendo complementado por algumas infraestruturas de comércio, restauração, cultura e educação. A implantação linear destes volumes, acompanha, na sua maioria, a orientação dos eixos viários.

---

48 CÁLIX, Teresa, *As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p.178.





Figura 27 - Articulação com a envolvente © Paul Kozlowski.



Figura 28 - Presença do volume da entrada © Paul Kozlowski.

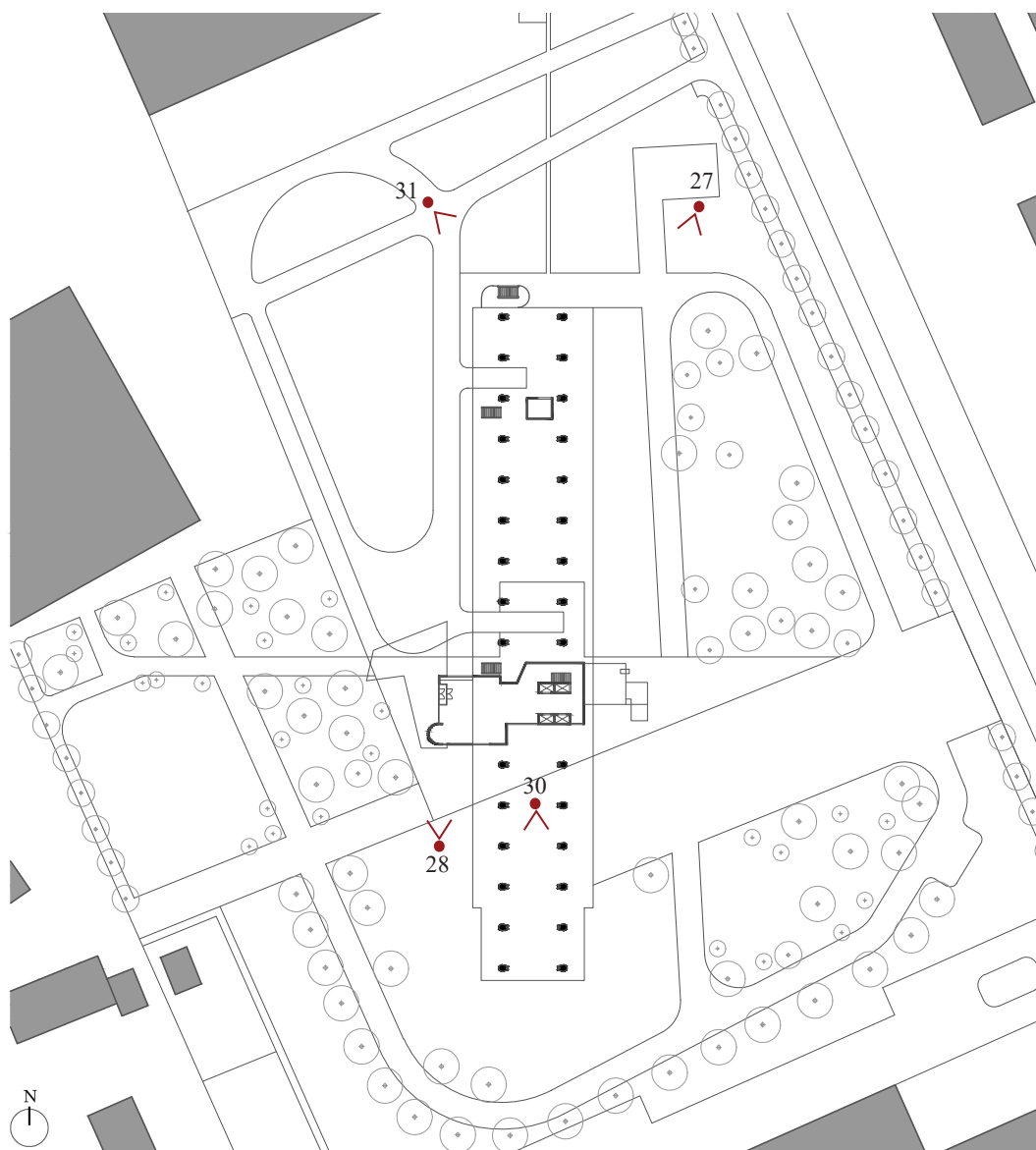


Figura 29 - O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público com indicação do campo visual das fotografias. Escala 1:2000.





Figura 30 - Espaço entre pilotis © Paul Kozłowski.



Figura 31 Topo Norte © Paul Kozłowski.

O edifício em análise integra o grupo das **formas abertas** (Figura 24 e Figura 25), uma vez que a sua implantação não está totalmente dependente das infraestruturas de circulação que delimitam o quarteirão. O edifício consiste num bloco solto e autónomo, em torno do qual se desenha um espaço livre para as vias de circulação e amplas zonas verdes<sup>49</sup>. Como tal, a relação entre *cheios* e *vazios* parece bastante equilibrada, sendo que os vazios se diferenciam pelos domínios e uso que têm adjacente. Como se verá no desenvolvimento do presente estudo, esta diferenciação está dependente da posição que o edifício ocupa dentro do quarteirão e relativamente às infraestruturas viárias.

A **forma e implantação** do edifício tornam os espaços intermédios menos delimitados e, consequentemente, mais próximos do domínio público (Figura 26). Neste caso, importa destacar a continuidade do espaço público no prolongamento do passeio e das ruas. Desta forma, a transição e aproximação entre os domínios público e privado é feita a partir deste amplo espaço, que se torna mais privado, gradualmente, pela proximidade que estabelece com a entrada do edifício.

O **piso térreo** e, em particular, a **entrada** do edifício assumem relevância numa análise aos espaços intermédios por articularem o espaço público exterior e o interior de carácter privado (Figura 29). O contacto entre o edifício e a envolvente é caracterizado pelo assentamento em pilotis (Figura 27). A permeabilidade e o abrigo/proteção que o edifício promove tornam-se propícios a diversas apropriações por parte dos habitantes (Figura 30). Este espaço adquire assim flexibilidade de uso, servindo tanto de passagem e circulação como área de permanência e socia-

<sup>49</sup> Note-se que a implantação e morfologia do edifício segue os princípios estabelecidos na *Carta de Atenas*.

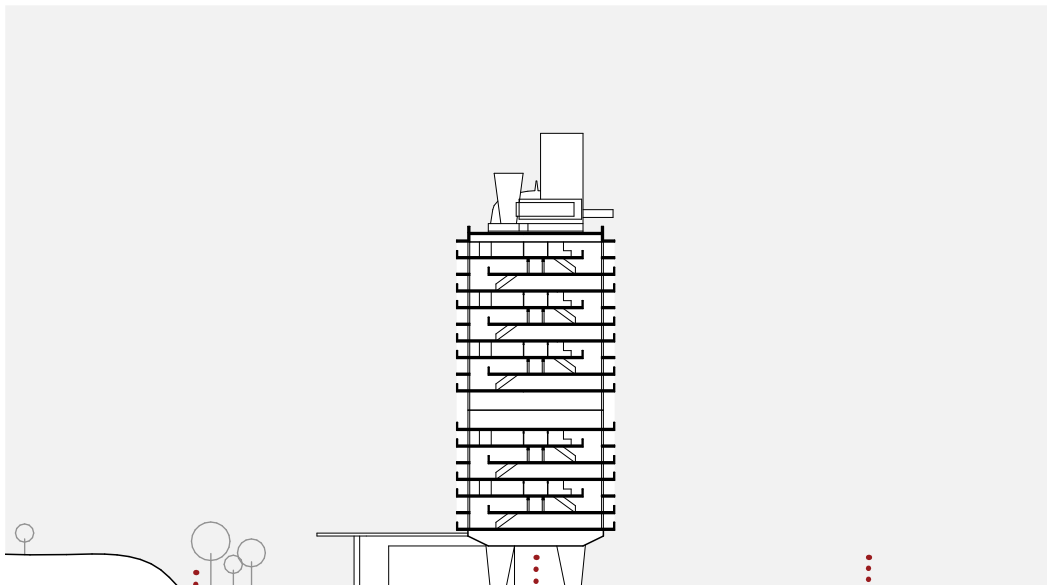


Figura 32 - Relação entre o edifício e envolvente. Corte Transversal. Escala 1:1500.



Figura 33 - Espaço intermédio localizado a Oeste © Henri Salesse.



Figura 34 - Espaço intermédio por baixo do edifício © Marina Ferreira Leite.



Figura 35 - Espaço intermédio localizado a Este © Paul Kozłowski.

bilização<sup>50</sup>. O modo como se articula o edifício e a envolvente permite libertar o piso térreo quase na sua totalidade, com exceção do volume do átrio de entrada que ocupa cerca de 1/6 da área do piso (Figura 29). Esta solução permite, por um lado, destacar e sinalizar a entrada e, por outro lado, reduzindo o ponto de contato ao mínimo, garantir uma continuidade entre toda a envolvente, não existindo nenhuma barreira física que delimite ou divida o espaço livre do quarteirão.

O átrio de entrada situado a Oeste, integra uma área na qual os limites do quarteirão se encontram mais definidos e protegidos pela existência de uma zona arbórea densa. A utilização das árvores permite definir os limites do quarteirão e alguns espaços de função específica do espaço exterior, como é o caso do parque infantil. Esta característica aliada ao facto das ruas localizadas a Oeste terem menos fluxo de tráfego que as ruas a Este, forma o espaço intermédio localizado a Oeste, mais privado que o espaço localizado a Este.

Dada a posição que o edifício ocupa dentro do quarteirão, o modo como se desenhavam os **acessos** parece importante para diferenciar e controlar a aproximação à entrada. Assim sendo, os acessos pedonal e automóvel estão dissociados e são feitos pontualmente<sup>51</sup>. O acesso pedonal consiste num prolongamento do espaço do passeio, desenhando com pavimento impermeável, o que encaminha os habitantes para o espaço coberto pelo edifício no piso térreo e, posteriormente, para o volume da entrada. O acesso automóvel no topo Norte do quarteirão direciona o automobilista para um parque de estacionamento exterior localizado no espaço intermédio Oeste.

A subdivisão do espaço exterior está sobretudo associada à materialização dos diferentes pavimentos e, conforme referido anteriormente, à proximidade do edifício e do espaço de entrada. De certa forma, o espaço exterior da Unidade de Habitação de Marselha pode dividir-se em três momentos principais que correspondem a três espaços intermédios: **o espaço intermédio a Oeste** que articula o momento de entrada no interior do edifício (Figura 33); **o espaço envolvido pelos pilotis**, caracte-

---

50 “Se o espaço abrigado sob o edifício de pilotis pode ser considerado como uma das suas extensões (pátio coberto), ele reflete principalmente uma quebra real e simbólica entre a construção de um objeto industrializado e o contexto, cujo tamanho parcelar e distinção público/privado são totalmente evacuados em nome da lógica abstrata, como espaço livre, ar, sol, luz e natureza.” MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.80.

51 A opção projetual associa-se, mais uma vez, aos princípios defendidos nos CIAM.



Figura 36 - A forma da habitação e a circunstância © Karl-Heinz Schubert.

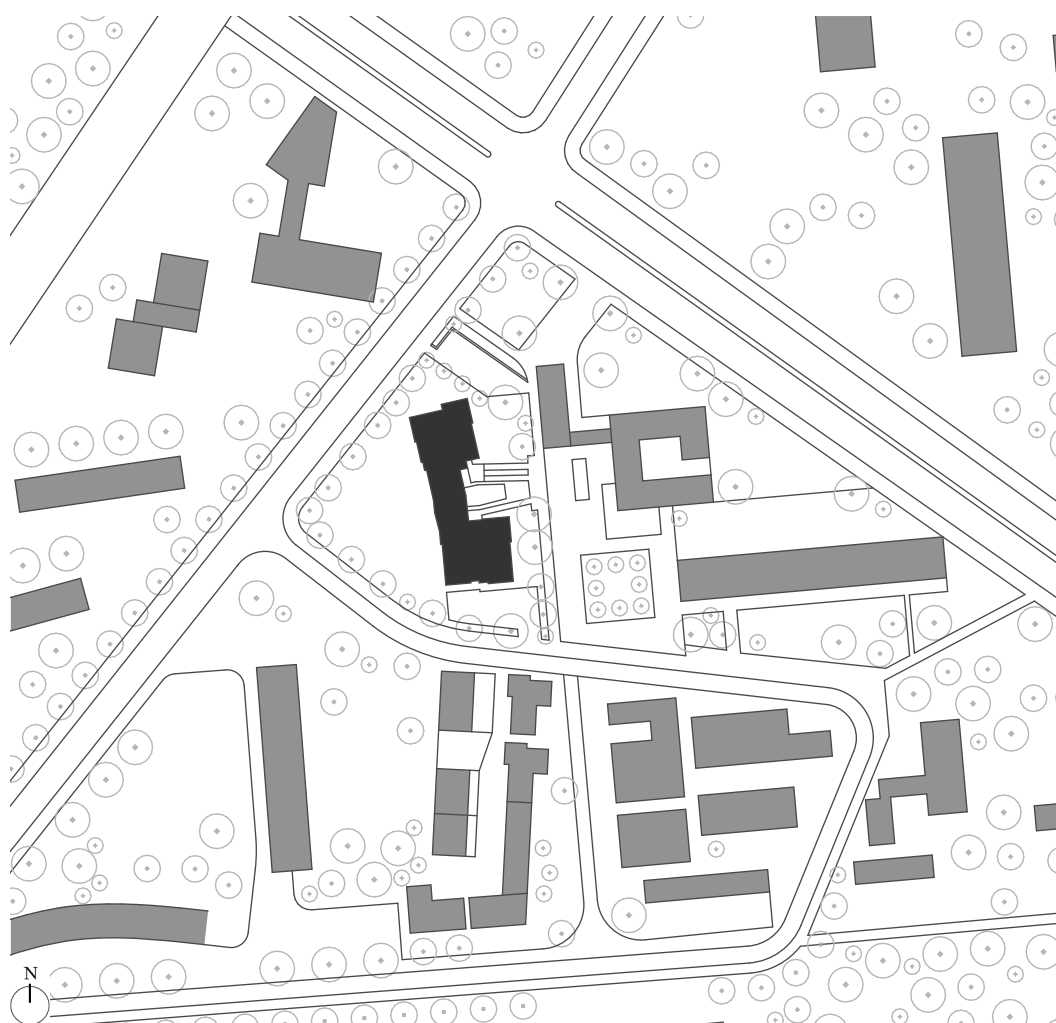


Figura 37 - Implantação. Escala 1:2000.

rizado por uma flexibilidade funcional (Figura 34); e o **espaço a Este** que consiste na mediação entre o cheio e o vazio (Figura 35). Como se constata, embora o edifício apresente uma forma aberta e seja um bloco autónomo que, aparentemente, se “solta” no interior do quarteirão, há opções de desenho que permitem garantir usos e ambiências variadas e fomenta relações entre o edifício e a envolvente.

### 2.2.2. A forma linear: Hansaviertel

O *edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel* (Alemanha) foi projetado em 1957, pelo arquiteto Alvar Aalto (1898-1976), para integrar a Exposição “Interbau Housing Exhibition”. A exposição, realizada na sequência do pós-guerra, é constituída por um conjunto de edifícios de habitação de alta, média e baixa densidade, destinados a alojar cerca de 5000 pessoas. O edifício em questão inclui 78 fogos de diferentes tipologias, organizados em 10 pisos, complementados por espaços exteriores de uso comum no piso térreo e na envolvente próxima.

Este edifício é caracterizado pela relação que estabelece com o conjunto. A **implantação** e disposição dos edifícios é feita de um modo livre ao longo do espaço verde, refletindo o caráter moderno da intervenção e a “liberdade artística dos arquitetos da Alemanha Oeste”<sup>52</sup> (Figura 36). Esta solução permite que cada edifício tenha espaço livre e arborizado na sua envolvente próxima, o que atribui uma certa fluidez e naturalidade ao conjunto. O rácio entre *cheios* e *vazios* é, como tal, bastante equilibrado e praticamente equitativo (Figura 37). O programa funcional da envolvente é maioritariamente habitacional, sendo complementado por algumas infraestruturas de comércio, restauração, cultura e educação.

Tal como o edifício analisado anteriormente, este também se enquadra no grupo das **formas abertas**, ou seja, a sua implantação não está totalmente dependente das infraestruturas de circulação que delimitam o quarteirão. Os edifícios envolventes apresentam o mesmo modo de implantação e uma escala e volumetria idênticas. Estas características idênticas permitem que os edifícios com maior proximidade se relacionem gerando alguns espaços diversificados, de acordo com o programa funcional associado. O **quarteirão** em análise contém dois edifícios de habitação plurifamiliar de média densidade e um edifício de menor escala com uma livraria.

---

52 DOORDAN, Dennis, *Twentieth-Century Architecture*. Londres: Calmann & King 2001, p.146.





Figura 38 - Relação do edifício com a envolvente. Alçado Poente © Heikki Havas.



Figura 39 - Relação do edifício com a envolvente. Alçado Nascente © Heikki Havas.

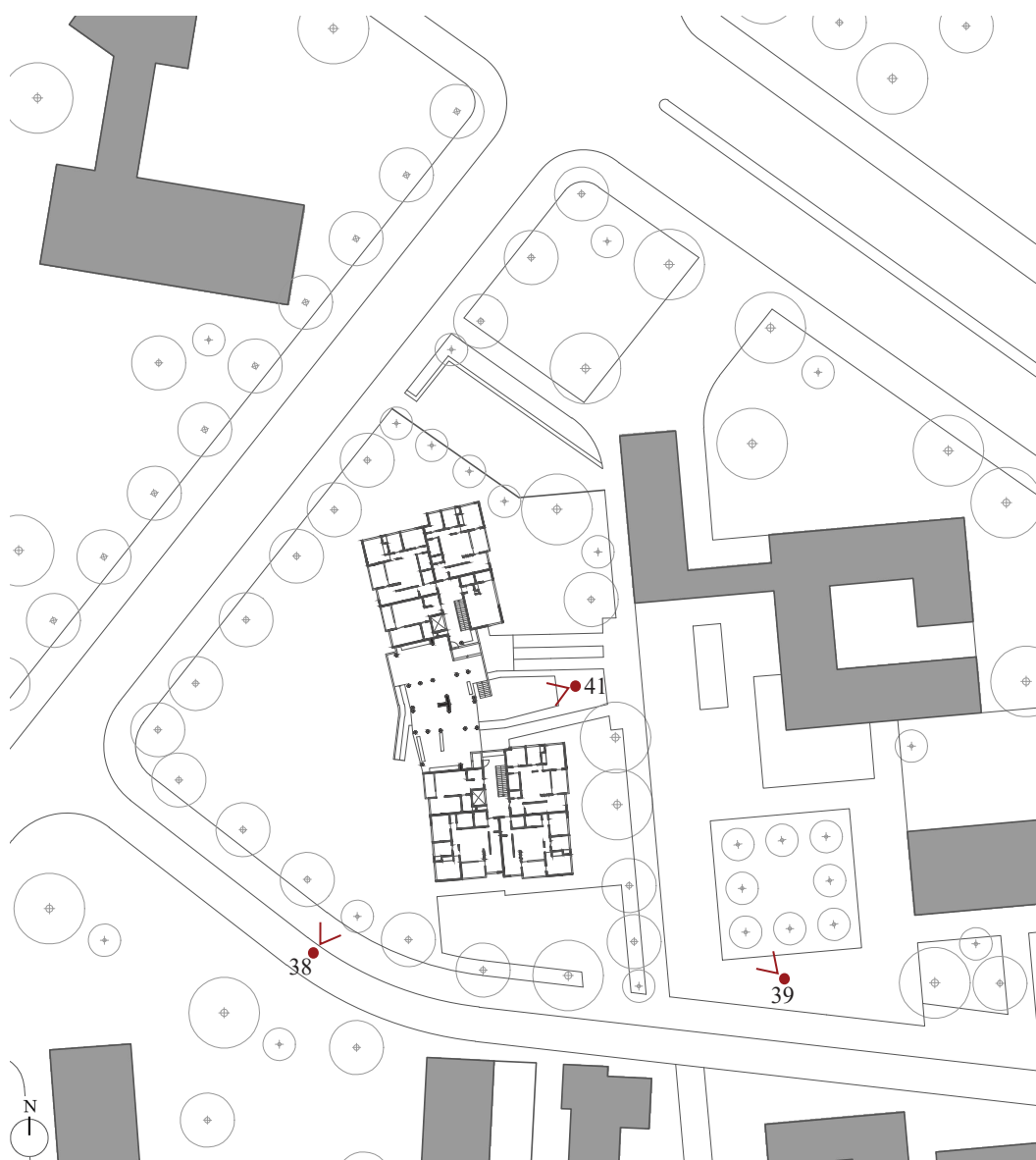


Figura 40 - O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público com indicação do campo visual das fotografias. Escala 1:1000.



Figura 41 - Espaço contíguo à entrada © Maggie Lee.

A **implantação** e a **forma** dos edifícios permite criar vários espaços exteriores de ambiências e domínios distintos (Figura 38 e Figura 39). Esta diferenciação está relacionada com a permeabilidade e proximidade entre as infraestruturas de circulação e a entrada dos edifícios e com a materialização dos espaços. Em Hansaviertel e, particularmente na envolvente próxima do edifício em análise, os espaços têm pavimentos diferenciados, de acordo com o nível de permeabilidade que estabelecem com as ruas, correspondendo a diferentes acessos.

O **piso térreo** e a **entrada** do edifício em análise (Figura 40) situam-se a uma cota ligeiramente mais elevada que o espaço exterior coletivo envolvente, o que permite reforçar uma escala mais privada e resguardar a intimidade associada aos fogos. A própria configuração do edifício permite uma envolvência mais privada na aproximação à entrada, na medida em que o espaço onde esta se localiza é recuado em relação aos núcleos laterais que apresentam uma torção na direção oposta ao núcleo central. Para além disso, o percurso de aproximação à entrada é caracterizado por uma sucessão de patamares, ladeados por jardins (Figura 41). Desta forma, o desenho promove uma sensação de proteção e de recolhimento face ao espaço exterior e conduz o habitante de forma gradual para a entrada do edifício. O espaço de entrada é sinalizado pela configuração do edifício, sendo o único espaço exterior-coberto no piso térreo, ocupando cerca de 1/3 da área total deste piso.

A configuração dos **acessos** é fundamental para a hierarquização e diferenciação dos usos dos espaços intermédios. Neste caso, o acesso pedonal ao edifício pode ser feito em diferentes pontos e tem associada uma sensação de segurança e tranquilidade por estar dissociada do tráfego automóvel e dos acessos ao estacionamento. O acesso automóvel localiza-se junto aos topos Norte e Sul do edifício e a transição entre a rua e o quarteirão é feita através de uma ligeira diferença na cota

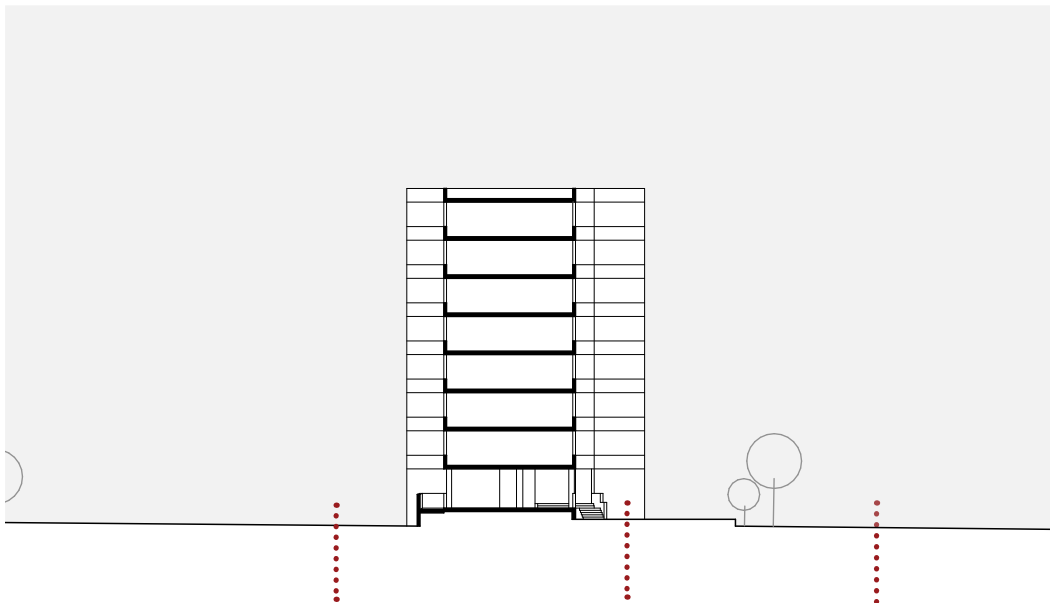


Figura 42 - Relação entre o edifício e a envolvente. Corte Transversal. Escala 1:500.



Figura 43- Acesso Pedonal © Addison Godel.



Figura 44 - Espaço intermédio a Oeste © Rudivan Cattani.



Figura 45 - Espaço intermédio a Este © Seier + Seier.

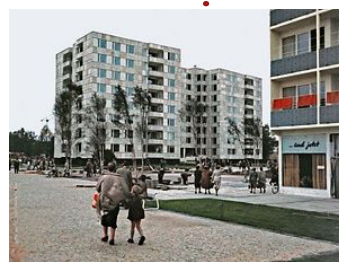


Figura 46 - Espaço intermédio a Sudeste. Fonte: Archiv GTA/TU Darmstadt.



do passeio e em locais específicos. A circulação automóvel é controlada através de um gradeamento móvel.

Em relação aos acessos pedonais importa referir que as ruas que delimitam o quarteirão apresentam volumes de tráfego diferenciados e, como tal, também limites distintos. O acesso Sul aproxima-se mais do espaço público, face ao prolongamento do passeio sobre a praça a Este do edifício (Figura 45). No acesso Norte, o limite é definido pela variação do pavimento (permeável para impermeável). Esta opção pode justificar-se pelo facto desta rua ter um maior volume de tráfego. O acesso ao interior do quarteirão é feito por caminhos pontuais que são enquadrados pela colocação de algumas árvores (Figura 43). A rua a Oeste é totalmente delimitada por árvores, o que a separa e distancia do espaço adjacente (Figura 44). A colocação das árvores com espaçamento reduzido entre elas, funciona como uma espécie de barreira que confere um carácter mais privado ao espaço.

De certa forma, interessa salientar três espaços intermédios preponderantes no espaço exterior deste edifício de habitação plurifamiliar: **o espaço a Sudeste**, que corresponde à praça comum dos três edifícios do quarteirão (Figura 46); **o espaço a Oeste**, que consiste num espaço de piso permeável (Figura 44); e **o espaço a Este**, que articula o espaço exterior e o átrio de entrada (Figura 45).

### 2.2.3. A forma fechada: Robin Hood Gardens

Os *edifícios de habitação em Robin Hood Gardens* (Londres, Inglaterra) foram projetados pelos arquitetos Alison (1928-1993) e Peter (1923-2003) Smithson, em 1964. O projeto consiste na reconstrução de um bairro operário degradado e com condições insalubres, na sequência do pós-guerra. O projeto é constituído por dois edifícios com diferentes volumetrias, que comportam um total de 213 fogos de diferentes tipologias. O edifício localizado a Oeste<sup>53</sup> é o mais extenso e tem 7 pisos, sendo que um destes corresponde ao parque de estacionamento. O edifício localizado a Este, menos extenso, tem 11 pisos, sendo o piso inferior, igualmente destinado ao parque de estacionamento.

---

53 É sobre este edifício que recai a análise dos pontos 2 e 3 da presente dissertação.



Figura 47 - A forma da habitação e a circunstância © Craig Atkinson.

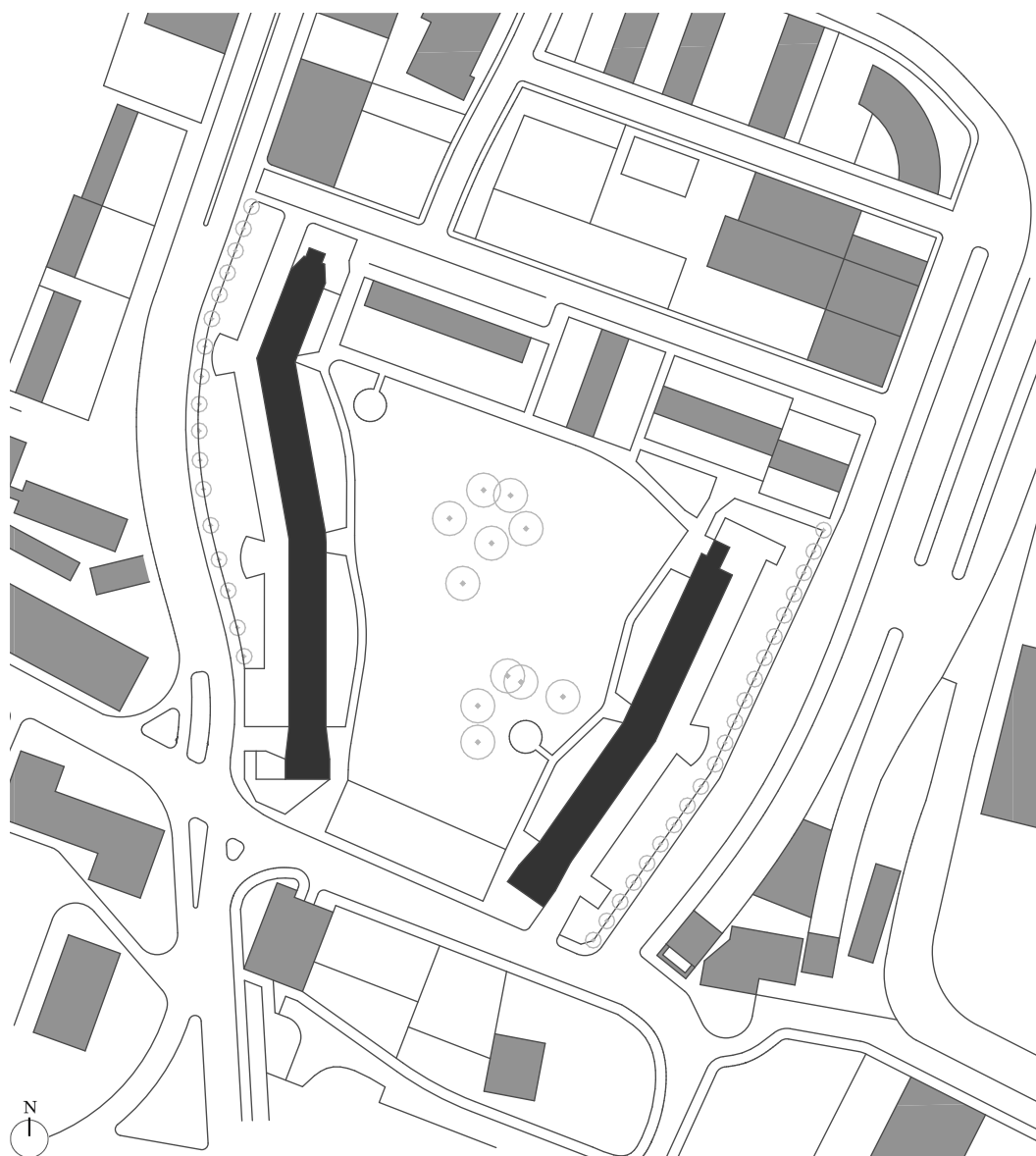


Figura 48 - Implantação. Escala: 1:2000.

Este conjunto apresenta uma **composição linear** (Figura 47), de acordo com a análise precedente. A **implantação** dos dois edifícios encerra o perímetro do quarteirão, acompanhando a direção das ruas localizadas a Nascente e Poente (Figura 48). Estes dois eixos longitudinais suportam a composição do conjunto, tornando-se o próprio mote da intervenção. Porém, embora a morfologia do conjunto seja linear, o modo como se conecta com a rua e com a envolvente confere-lhe alguma complexidade, integrando mais do que um grupo formal. Posto isto, os edifícios relacionam-se com a envolvente de modo a limitar o espaço interior do quarteirão, à semelhança do que acontece quando a forma de ocupação corresponde à **forma fechada** (Figura 21).

No quarteirão em análise, o rácio entre espaço construído e espaço livre é equilibrado, pois os edifícios definem um espaço central verde de dimensões significativas<sup>54</sup> (Figura 48).

A **implantação e forma** do conjunto concede ao espaço coletivo central um carácter mais privado em relação à envolvente. O espaço exterior coletivo consiste numa ampla zona verde, arborizada em alguns momentos e dotada de alguns espaços específicos destinados às crianças como parques infantis e campos de jogos (Figura 49). A escala deste espaço é controlada pela elevação da cota central do terreno, permitindo desenvolver diferentes áreas. Importa também salientar os acessos pedonais específicos que ligam os caminhos em piso impermeável que acompanham toda a extensão dos edifícios (Figura 50). Estes percursos distam certa de três metros do edifício e articulam-se com o interior apenas nos átrios dos acessos verticais (Figura 51). Esta opção de distanciar o percurso garante alguma privacidade aos fogos que se localizam no piso térreo, à mesma cota que o espaço exterior.

---

54 “Os edifícios foram deliberadamente organizados para criar uma área central, protegida do barulho e concebida como uma *zona livre de stress* [stress-free zone].” Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.



Figura 49 - Espaço exterior coletivo © Sandra Lou-sada.



Figura 50 - Caminhos pedonais junto ao edifício © Sandra Lousada.

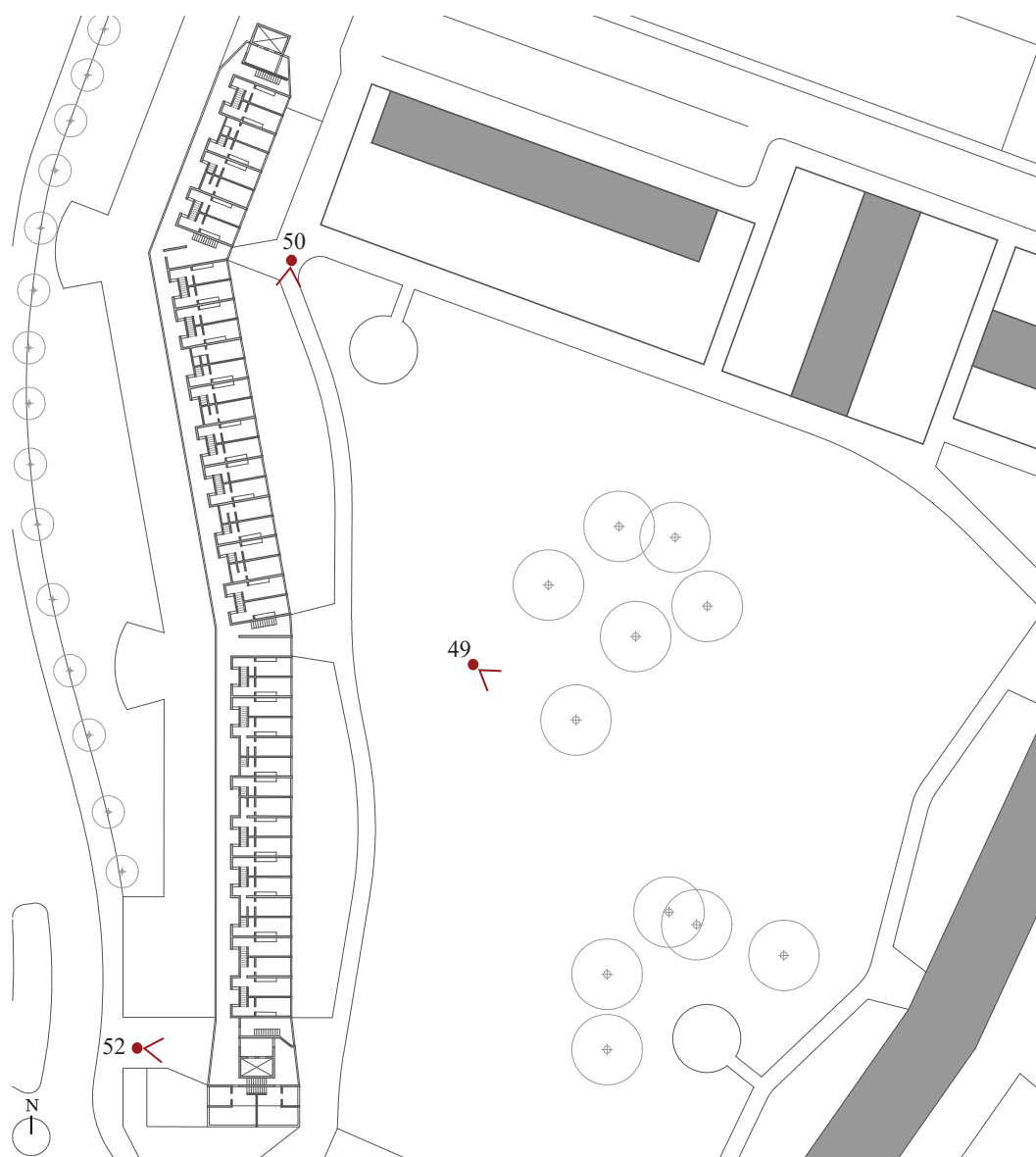


Figura 51 - O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público com indicação do campo visual das fotografias. Escala 1:1500.



Figura 52 - Vista sobre a entrada a partir da rua © Joe Gilbert.

O **piso térreo** (Figura 51) estabelece uma relação pouco permeável entre o exterior público e o interior coletivo e/ou privado, funcionando sobretudo como uma barreira física. Neste caso, segue o desenho dos pisos superiores, pelo que a **entrada** no interior do edifício e no espaço central coletivo estabelece-se apenas pelos espaços que correspondem aos volumes dos acessos verticais (caixa de escada e elevadores). Para além da entrada associada ao átrio dos acessos verticais, existem outros pontos de acesso secundários que permitem aceder diretamente ao espaço central. No entanto, estes acessos apresentam um dimensionamento reduzido e uma escala mais privada com menos preponderância.

Os **acessos** pedonais e automóveis estão dissociados, realizando-se a diferentes cotas. A distância entre a rua e a entrada do edifício corresponde ao volume do parque de estacionamento<sup>55</sup> (Figura 53). O estacionamento localizado a uma cota inferior (Figura 57), permite que a cobertura ajardinada do estacionamento esteja na continuidade do passeio, facto que é interrompido apenas no topo Sul do edifício, onde se localiza o átrio de entrada e os acessos verticais (Figura 52). A interrupção da zona ajardinada e a diferenciação dos alçados marcam o acesso e, deste modo, orientam os habitantes relativamente aos usos e funções do espaço.

Para além dos edifícios delimitarem o quarteirão em quase todo o perímetro, existe ainda um muro que os arquitetos Alison e Peter Smithson intitulam de *sound buf-*

<sup>55</sup> “O movimento automóvel é mantido num fosso, visivelmente e obviamente numa cota inferior. O fosso contém o barulho e o fumo dos veículos e liberta o espaço livre ocupado pelas pessoas.” SMITHSON, Alison, *Changing the art of Inhabitation. Mies pieces, Eames dreams*, The Smithsons. Londres: Artemis, 1994, p.129.

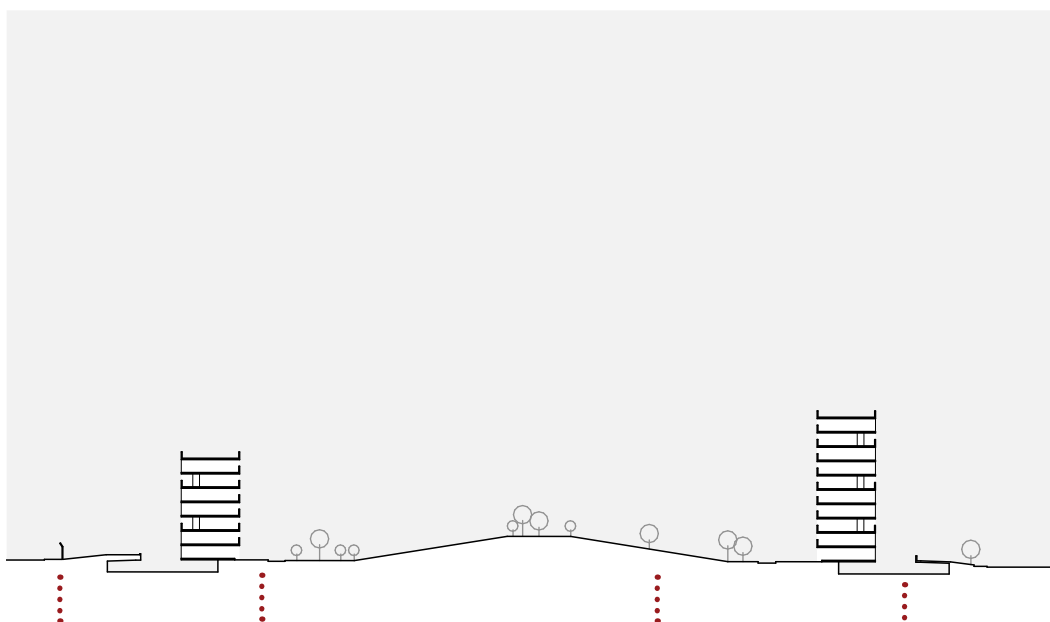


Figura 53 - Relação entre o edifício e a envolvente. Corte Transversal. Escala 1:1500.

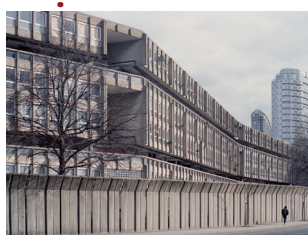


Figura 54 - Sound-buffer © Rory Gardiner.



Figura 55 - Espaço exterior coletivo © Sandra Lousada.

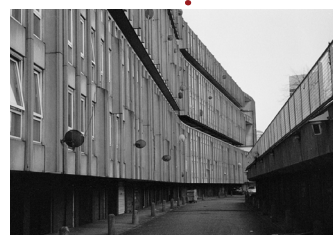


Figura 56 - Parque de estacionamento © Luke Hayes.



Figura 57 - Acesso pedonal © Arthurjohnpicton.

*fer*<sup>56</sup>, que desempenha um papel essencial (Figura 54). Este muro em betão protege o complexo do ruído envolvente, mas as pequenas aberturas que apresenta permitem estabelecer algum contato visual entre as diferentes partes. Porém, esta relativa permeabilidade visual não altera o carácter robusto e delimitador deste elemento, pelo que o espaço exterior coletivo fica destinado ao uso restrito dos habitantes do conjunto. Esta ideia de proteção é reforçada pelo uso das árvores em toda a continuidade do passeio.

Em suma, no edifício de habitação plurifamiliar Robin Hood Gardens destacam-se dois espaços intermédios na continuidade do espaço público: um **entre a rua e o edifício**, distância onde se materializam os acessos (Figura 57); e outro, entre os edifícios, nomeadamente o **espaço exterior central** (Figura 55 e Figura 56).

---

56 Alison e Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.





### **3. Espaços intermédios nos espaços privados de uso coletivo**



Figura 58 - Espaço intermédio privado de uso coletivo. O acesso ao fogo em De Drie Hoven, Holanda, 1974, Herman Hertzberger. Fonte: HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.40.

A passagem da habitação unifamiliar para a habitação plurifamiliar implica uma variação no modo como se relaciona o espaço público com o espaço privado, pois “cada uma destas categorias [tipologias de habitação] (...) tem adjacente um modo de distribuição e qualidades dos alojamentos específicos, em particular no que diz respeito à sua relação com o exterior”<sup>1</sup>.

Enquanto o acesso à habitação unifamiliar está diretamente associado com a rua<sup>2</sup>, na habitação plurifamiliar esta articulação pressupõe um espaço que se coloca entre o exterior público e o interior privado. Este dispositivo de transição ganha maior complexidade e extensão, podendo tornar-se um espaço autónomo. É nesta distância entre a entrada no bloco de habitação plurifamiliar e a entrada no fogo que se concentram os acessos<sup>3</sup> e os espaços de distribuição. Estes adquirem um carácter privado de usufruto coletivo, na medida em que são partilhados e frequentados por um grupo restrito<sup>4</sup>.

É nesta articulação que se revelam os **espaços intermédios** e que, mediante a respetiva configuração e organização (desenho), potenciam diferentes usos e vivências por parte dos usuários<sup>5</sup>. No âmbito do presente trabalho, consideram-se essencialmente como dispositivos de acesso e distribuição associados aos edifícios de habitação plurifamiliar: escadas e elevadores (acessos verticais), galerias e átrios. Para além das características próprias de cada um destes dispositivos, o dimensionamento e posicionamento destes, dentro do edifício e em relação com os fogos,

---

1 ELEC-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.18.

2 Ressalve-se aqui que ao considerar-se que “a habitação unifamiliar está diretamente associada à rua” não se descarta a possibilidade de esta relação ser intermediada por dispositivos como jardins, terraços, pórticos, etc. A diferença que importa destacar é o facto de na habitação plurifamiliar esta articulação ser feita através de espaços comuns, ao contrário do que se passa na habitação unifamiliar em que os dispositivos utilizados têm um carácter privado.

3 “Às combinações facilitadores de sistemas que promovem a entrada na habitação chamamos de (...) acesso.” LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011, p.180.

4 O espaço de distribuição “não é uma área privada, mas na maioria dos casos não é acessível a qualquer pessoa. Isto cria um domínio coletivo partilhado pelos utilizadores individuais, onde podem correr de um lado para o outro [passagem] ou passar tempo juntos [permanência]”. Ibid. p.180.

5 “A função muda de acordo com a distribuição dos edifícios. (...) A escolha de um desses modos de distribuição raramente está ligada a uma posição de princípio: em vez de usar um corredor poderia recorrer a uma escadaria, mas isso implica a existência de lugares específicos e induz a usos e diferentes estilos de vida.” ELEC-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.63.

influencia o respetivo carácter de permanência ou circulação.

### 3.1. As particularidades dos acessos

Algumas das transformações introduzidas pelo edifício de habitação plurifamiliar a partir do séc. XX traduzem-se, como já referido, na articulação entre os domínios público e privado e na organização e disposição dos fogos dentro do edifício de habitação plurifamiliar. A introdução desta escala intermédia permite organizar um maior número de fogos através de um único ponto de acesso, racionalizando e economizando a construção dos edifícios. Cada tipo de acesso tem implicações na implantação do edifício, na distribuição do programa funcional e, por consequência, na relação e dinâmica que proporciona aos respetivos habitantes. Assim sendo, interessa agora enquadrar e distinguir os diferentes tipos de acesso, numa breve contextualização a este tópico.

O **acesso vertical** consiste num sistema de articulação de diferentes pisos através de dispositivos tais como uma escada e/ou um elevador. Este sistema está relacionado com as primeiras experiências de aglutinação das habitações unifamiliares, nas quais os acessos de duas habitações confluíam numa **escadaria comum**, acedida diretamente a partir da rua ou de um corredor que dava acesso ao espaço tardoz do quarteirão<sup>6</sup>. A “densificação progressiva dos corredores” e “a procura por maior conforto levam à incorporação da escada dentro do edifício”<sup>7</sup>. No entanto, considerando que a distribuição por acesso vertical pressupõe um menor número de habitações por piso, a junção inicial de habitações implicava uma multiplicação excessiva dos acessos, tornando a construção pouco económica<sup>8</sup>.

Este tipo de acesso torna-se mais económico por conseguir concentrar um maior número de fogos, dispostos em altura, numa menor área de solo – rentabilização da área construtiva. Nos edifícios de habitação plurifamiliar, sobretudo nos que agrupam um maior número de pisos, o uso de um elevador, dispositivo mecânico de circulação vertical, tem um papel fundamental, pois permite promover um maior

---

6 MOLEY, Christian, *L'immeuble en formation. Génese de l'habitat collectif et avatars intermédiaires*. Liège: Pierre Mardaga, 1991, p.97.

7 Ibid. p.97.

8 Ibid. p.97.

conforto e encurtar a distância entre a entrada no edifício e a entrada no fogo.

A este núcleo de comunicação vertical, composto por uma escadaria e/ou elevadores, acede-se a partir de um átrio comum localizado no piso térreo e, por norma, adjacente à entrada do edifício de habitação plurifamiliar. Os fogos organizam-se assim em torno da escadaria, “criando um volume vertical”<sup>9</sup>, e sendo antecedidas, em cada piso, por um patamar ou galeria. A relação entre a posição do sistema de acesso e os fogos determina os espaços intermédios daí resultantes.

Os acessos verticais podem ser colocados no interior ou no exterior do edifício, numa relação de maior ou menor permeabilidade e distância com os fogos. Quando o núcleo da caixa de escadas e elevadores é encerrada e ladeada por patamares. As entradas dos fogos adquirem um maior grau de privacidade, dado que a utilização destes espaços fica maioritariamente reduzida aos habitantes dos fogos correspondentes. Por outro lado, caso este não seja totalmente encerrado ou se se posicionar na fachada e tiver associado uma área considerável de patamares pode gerar uma ambiência propícia à circulação e permanência nestes espaços, garantindo um uso diversificado.

O sistema de **acesso por galerias de distribuição**, frequentemente utilizado em casas populares de lavradores ou habitações operárias de finais do séc. XIX, revelava algumas carências devido à má ventilação, má iluminação e à sobreposição de funções<sup>10</sup>. É a partir da 1ª Guerra Mundial, com o desenvolvimento do conceito de elemento unitário e dos sistemas de acesso, que se dá a melhoria de desenho e uso do acesso em galeria<sup>11</sup>.

Este sistema tem adjacente um sentido de extensão horizontal, sendo a articulação entre pisos estabelecida a partir de um núcleo de acessos verticais que tem início no átrio do piso térreo. Para além disso, este tipo de acesso acentua o carácter unitário do conjunto e permite uma economia dos meios construtivos, uma vez que a partir de uma única escada se consegue distribuir horizontalmente um elevado número de fogos<sup>12</sup>. A galeria sugere um tipo específico de organização interior dos fogos: na

---

9 LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011.

10 GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.29.

11 Ibid. p.29.

12 Ibid. p.29.

“continuidade da galeria dispõem-se os serviços”<sup>13</sup> e “na parte oposta os quartos e a sala, quase sempre espaçosa e dotada de grandes vãos. A orientação está estudada de maneira que os locais recebam as condições mais favoráveis de luz e sol”<sup>14</sup>. Esta organização dos compartimentos dos fogos é feita de modo a garantir o máximo de privacidade ao interior.

Dadas as potencialidades do acesso em galeria, “este conceito foi estudado e avaliado enquanto instrumento social para o desenvolvimento de diversas soluções na procura de relações humanas mais intensas e produtivas”<sup>15</sup>. Desta procura, resultam diferentes tipos de desenho dos acessos em galeria, que estão, em parte, relacionados com o seu posicionamento: no interior ou exterior do edifício, numa relação de maior ou menor permeabilidade e distância com os fogos.

A galeria no interior do edifício, ladeada em toda a sua extensão por unidades habitacionais, tem como fatores associados uma menor exposição solar e relação com o exterior. Esta situação pode não se aplicar quando o edifício possui apenas um ou dois pisos, porque o desenho da galeria e os acessos às unidades habitacionais podem permitir, através de luz zenital, iluminar o espaço interior e torná-lo mais habitável. No entanto, o facto dos compartimentos dos fogos não dependerem da parede contígua à galeria para a iluminação e ventilação, permite garantir um maior grau de privacidade. Quando a galeria se localiza na fachada, podendo ser interior ou exterior, pode condicionar a privacidade dos fogos, dependendo dos espaços adjacentes. Importa ainda destacar que, dependendo da organização interna dos fogos, num único piso, em dois ou três pisos sobrepostos (duplex ou triplex), a galeria pode ser utilizada em todos os pisos, em pisos alternados ou de três em três pisos<sup>16</sup>.

Em suma, parece claro que o posicionamento destes dispositivos é um fator determinante no desenho e uso dos espaços intermédios quer pela proximidade que têm da entrada dos fogos, garantido diferentes graus de privacidade, quer pela proximidade com a fachada e consequente iluminação. De salientar que os dispositivos de distribuição apresentados podem funcionar de modo independente ou complementar.

---

13 Ibid. p.29.

14 Ibid. p.29.

15 ROCHA, Luciana da Silva, *Intervenção no moderno : reconhecimento, caracterização e salvaguarda de edifícios de habitação plurifamiliar*. Porto: FAUP, 2016, p.46.

16 Ibid. p.46.

### 3.2. A configuração dos espaços de distribuição

Os espaços de distribuição, nomeadamente os acessos verticais e os acessos horizontais, comportam a distância entre a entrada no edifício e a entrada no fogo. No entanto, estes espaços fazem parte do conjunto de momentos que estabelecem esta ligação, sendo complementados por outros de igual relevância: os átrios de entrada e os átrios de piso/ patamares. É nesta interação que se desenha a articulação entre os domínios público e privado, sem excluir qualquer espaço no percurso entre a porta do edifício de habitação plurifamiliar e a porta do fogo<sup>17</sup>.

Os espaços de distribuição são geralmente anteceditos por um **átrio de entrada**, localizado no piso térreo. O átrio de entrada articula o exterior e o interior do edifício e, como tal, pode ser considerado o primeiro espaço intermédio no espaço privado de uso coletivo. Na maioria dos edifícios, o átrio de entrada tem um sentido particular, explicado por uma vontade de “oferecer espaços coletivos cuja riqueza de tratamento concebe um carácter de aventura espacial e plástica”<sup>18</sup>. A atenção dada ao desenho deste espaço traduz-se no tratamento lumínico e nos acabamentos, fatores que promovem um maior conforto ao respetivo uso<sup>19</sup>. Adjacente ao átrio de entrada localizam-se os acessos verticais que o articulam com os espaços distributivos dos restantes pisos.

Os átrios de entrada são considerados como um elemento essencial porque, junto com os acessos verticais e horizontais, são espaços onde se podem desenvolver relações de vizinhança e promover uma vida coletiva<sup>20</sup>. Para além disso, este espaço assume também um papel fundamental na marcação de um limite, por permitir controlar os acessos ao interior do edifício<sup>21</sup>. De certa forma, “a supressão do hall

---

17 ELEC-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.76.

18 Architecture Studio in Techniques et Architecture n°357. Dezembro 1984/Janeiro 1985 in *ibid.* p.76.

19 “Este cuidado (...) traduz-se numa vontade de favorecer o desenvolvimento das relações sociais, que se manifestam também, como nos halls de entrada, por uma atenção aos materiais de revestimento”. *Ibid.* p.76.

20 *Ibid.* p.76.

21 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.128.

de entrada tem consequências dentro da distribuição do edifício de habitação, nas escadas e nos corredores acessíveis: a invasão dos curiosos”<sup>22</sup>.

Não obstante, pensar os espaços distributivos como um espaço de representação coletiva e como um espaço de jogo ou apropriação, implica ter em consideração a privacidade e tranquilidade dos fogos<sup>23</sup>. Neste sentido, importa analisar o modo como se dispõem os fogos entre si e em relação com os acessos, na medida em que o número de fogos por piso influencia a respetiva escala de uso: um número reduzido por patamar “confere aos fogos um estatuto próximo da habitação intermédia”<sup>24</sup>, ao invés que um maior número pressupõe uma maior escala de habitar.

Os **patamares/átrios de piso** e nichos que se desenham na articulação do espaço distributivo com a entrada no fogo podem assumir um papel determinante na preservação da privacidade do espaço doméstico. O espaço situado entre os domínios privado de uso coletivo e privado, acessível pelas duas partes envolvidas, cria um espaço intermédio que simultaneamente separa e aproxima o espaço de distribuição e os acessos e o interior do fogo<sup>25</sup>. Por outro lado, importa salientar que o tratamento e posicionamento dos patamares ou átrios de piso pode condicionar o desenho e organização interna dos fogos por exemplo, em termos de orientação<sup>26</sup>.

A distribuição e acesso das unidades habitacionais dentro do edifício de habitação plurifamiliar está dependente não só dos dispositivos de distribuição aplicados, mas também destes pequenos espaços que se colocam **antes, durante** e no **final** desses dispositivos, como se verá nos casos de estudo que seguidamente se apresentam. É neste percurso que se procura encontrar os espaços intermédios, explorando os temas e os motes que cada desenho sugere e propõe.

---

22 ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.71.

23 Ibid. p.71.

24 Ibid. p.71.

25 HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.40.

26 ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.68.



### 3.2.1. A galeria interior: Unidade de Habitação de Marselha

A *Unidade de Habitação de Marselha* (Le Corbusier), constituída por 337 habitações dúplex, organizadas ao longo de 16 pisos, caracteriza-se por um sistema de distribuição composto por um núcleo vertical de dimensão considerável e um conjunto de galerias internas. O percurso entre as entradas do edifício e das habitações estabelece-se ao longo de diferentes espaços intermédios, na seguinte sequência espacial: **átrio de entrada**, átrio do núcleo de **acessos verticais** (escadas e elevadores) e **galeria interna**. Para além destes, é possível destacar um outro com uma função diferente, nomeadamente uma **galeria na fachada**, que comporta os espaços coletivos de restauração, comércio e cultura. Como tal, a Unidade de Habitação de Marselha é dotada de diversos espaços intermédios que, de acordo com a sua função, apresentam desenhos e dinâmicas próprias que interessam explorar.

Neste caso, importa salientar o uso diferenciado da luz<sup>27</sup> que contribui para o desenho dos vários espaços, concedendo-lhes diversas ambiências e delimitando a sua funcionalidade. A justaposição de espaços entre o domínio urbano e o doméstico é feita através da presença/ausência da luz e “através da gradação de eixos e intenções, da inflexão, da dobra, da articulação entre axialidade e quebra da axialidade, elementos chave da configuração espacial. Os conceitos da integração e segregação são inerentes à gradação de eixos, uma relação entre o mais e o menos visível, e o mais e o menos acessível. Para Le Corbusier a *promenade architecturale* faz-se destas variações, que é tão ou mais adequada a um uso, consoante a gradação de eixos”<sup>28</sup>. Esta combinação de princípios compositivos permite que a quebra da axialidade e as inflexões sejam intensificadas pelo contraste luz/sombra.

---

27 “A arquitetura é o magistral, correto e magnífico jogo dos volumes reunidos sob o efeito da luz. Os nossos olhos são feitos para ver as formas na luz; a sombra e a luz revelam as formas, cubos, cones, esferas, cilindros e pirâmides são as grandes formas primárias que a luz revela bem; a imagem é clara e tangível para nós, sem formas.” CORBUSIER, Le, *Toward an Architecture*. Londres: Frances Lincoln, 2008, p.102.

28 DOMINGOS, Manuel Rui Cunha, *Do vazio construtivo ao espaço-entre: corpo, limite, luz e espaço*, Porto: FAUP, 2015.



Figura 59 - Volume do átrio de entrada © Paul Kozlowski.



Figura 60 - Pala que antecede o átrio © Paul Kozlowski.



Figura 61 - Vestíbulo © René Burri.



Figura 62 - Espaço de permanência no átrio © René Burri.

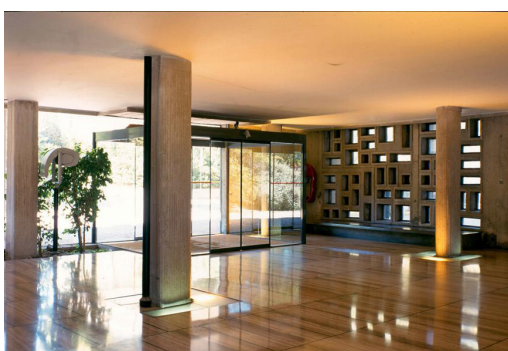


Figura 63 - Interior do átrio de entrada © Paul Kozlowski.



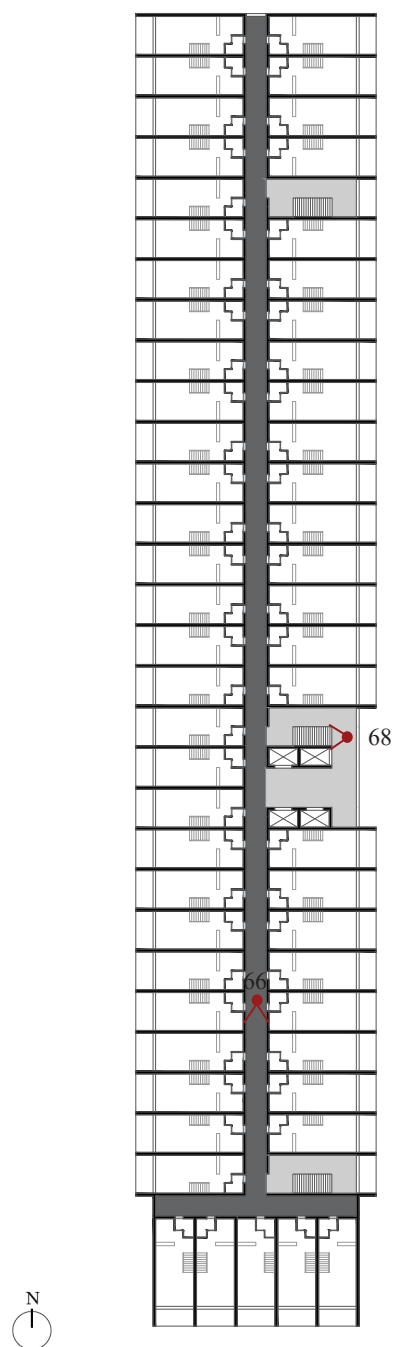


Figura 65 - Planta piso-tipo. Escala 1:1000.  
 ■ Galeria de distribuição ■ Átrio dos acessos verticais

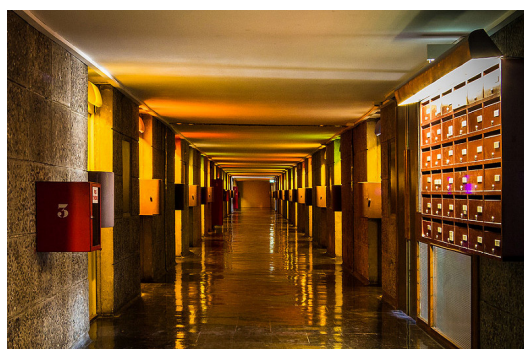


Figura 66 - Galeria de distribuição © Darren Bradley.



Figura 67 - Átrio dos elevadores © Sreve Eilenger.

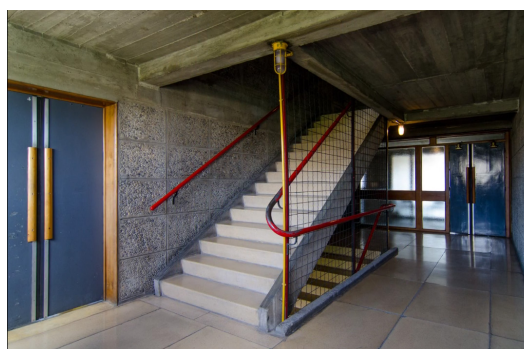


Figura 68 - Acessos Verticais © Anna Armstrong.

os fluxos e servir um máximo de fogos com um mínimo de acessos<sup>30</sup> (Figura 65). Para além deste carácter distributivo, estes espaços são também pensados sobre o “ponto de vista das socializações que se podem desenvolver”<sup>31</sup>, sugerindo diferentes usos de acordo com o desenho que apresentam. A articulação entre o átrio dos acessos verticais e a galeria é desenhada de modo a intensificar esta relação. Do átrio dos acessos verticais para a galeria decorre uma aproximação gradual aos fogos e, como tal, o espaço segue progressivamente mais privado. A passagem de um momento para o outro é reforçada pela dinâmica luz/sombra: o átrio dos acessos (Figura 67 e Figura 68), localizado na fachada Poente, é mais iluminado do que a galeria (Figura 66), disposta entre os fogos e, por isso, iluminada artificialmente. Embora ambos os espaços tenham um carácter distributivo e de circulação, o átrio dos acessos verticais anexa momentos de paragem, reforçados pela colocação das caixas de correio.

Mesmo sendo um espaço com carácter maioritariamente de circulação, o desenho da **galeria** concentra em si algumas particularidades. A axialidade da galeria atribui uma certa noção rítmica a este espaço através da colocação do sistema de iluminação sobre cada porta de entrada, marcando assim cada uma dessas passagens. Embora o número de habitações que se organizam em torno da galeria seja elevado, o que pressupõe um número elevado de habitantes, o facto de se marcar a entrada individual de cada habitação com o recurso à luz e a diferenciação da cor de cada porta de entrada, garantem, de certa forma, um certo carácter privado e individual.

As habitações distribuídas, frente a frente, ao longo do comprimento da galeria, relembram um sentido de rua que está, por norma, adjacente a este modo de distribuição. Este percurso horizontal, comum a um determinado grupo de habitantes, pode ser mais ou menos demorado/extenso e relacionar um maior ou menor número de fogos.

Neste âmbito, a localização do átrio dos acessos verticais, numa posição assimétrica relativamente ao ponto central da galeria, assume um papel relevante (Figura 65). Esta divisão permite reduzir a distância entre os extremos da galeria e os acessos e, simultaneamente, garantir uma maior privacidade aos habitantes, assumindo que estes usam sobretudo e maioritariamente a sua parte da galeria. Esta posição

---

30 Claudio Secci et Estelle Thibault in HAUMONT, Bernard; Morel, Alain, *La société des voisins*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, Ministère de la Culture, 2005, p.33.

31 Ibid. p.33.





Figura 69 - Articulação com a galeria © Anna Armstrong.

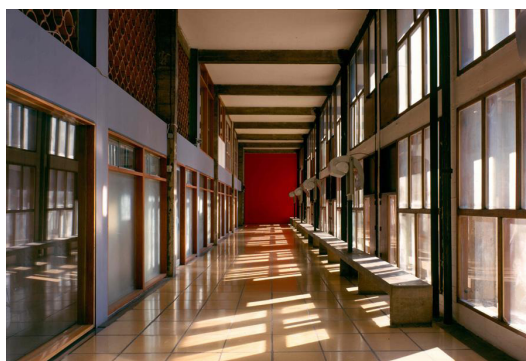


Figura 70 - Galeria do 8º piso © Paul Kozlowski.



Figura 71 - Espaço de convívio na cobertura © René Burri.



Figura 72 - Espaço de convívio na cobertura © René Burri.



Figura 73 - Pavilhão na cobertura © René Burri.

divide a galeria em duas partes: o lado Sul e o lado Norte que compreendem 25 e 33 habitações, respetivamente.

O distanciamento relativamente à entrada constitui um dos fatores que influenciam a privacidade dos fogos. De certa forma, quanto maior a distância entre os estes e a a entrada, maior o grau de privacidade que adquirem, considerando o menor número de utilizadores dos respetivos espaços de distribuição. Neste caso, os acessos horizontais acentuam esta característica, na medida em que o extremo oposto da galeria, relativamente ao átrio dos acessos verticais, revela um grau de privacidade maior (dado o seu isolamento).

Os restantes espaços intermédios, nomeadamente a **galeria do 8º piso** (Figura 70) tem associado uma escala mais coletiva que se traduz em configurações espaciais bastante distintas dos pisos destinados a habitação. O **8º piso** integra um programa funcional diferente dos restantes pisos composto por restauração e comércio, o que se reflete na distribuição espacial. O sistema de aceso em galeria mantém-se, no entanto, está agora posicionado na fachada do edifício, sendo iluminado naturalmente e estabelecendo uma forte relação visual com o exterior. De dimensão considerável – maior do que as restantes – e iluminada naturalmente, a galeria adquire um maior carácter de permanência e convívio. Esta intenção acentua-se pela presença de um banco junto à janela ao longo de toda a galeria.



Figura 74 - Acesso Poente  
© Seier + Seier.



Figura 75 -Acesso Nastente © Pedro Kok.

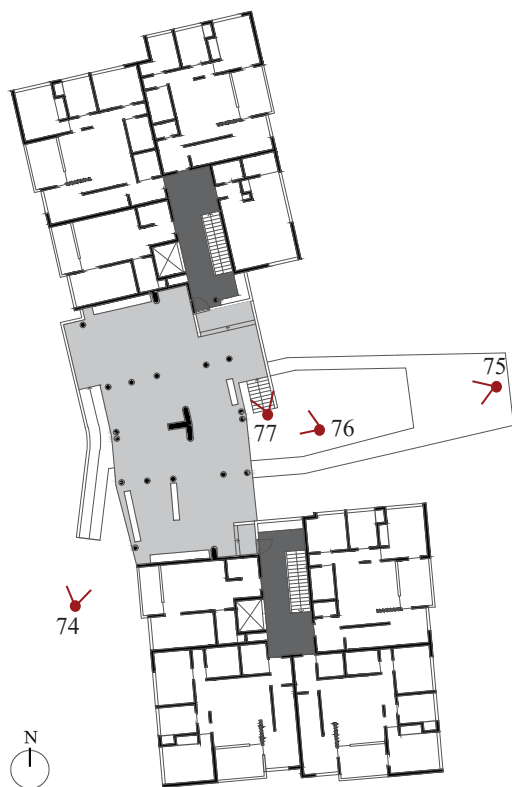


Figura 78 - Espaços Intermédios no espaço privado de uso coletivo. Piso Térreo. Escala 1:500.

■ Átrio de entrada ■ Átrio dos acessos verticais



Figura 76 - Acesso Nascente © Dani.



Figura 77 - Acesso Nascente. Autor desconhecido.



### 3.2.2. O acesso vertical múltiplo: Hansaviertel

O *edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel* (Alvar Aalto) é composto por 8 pisos e 80 fogos, distribuídos por dois núcleos distintos (Norte e Sul), que se organizam através de **acessos verticais**, em torno de um átrio comum central localizado no piso térreo (Figura 78). Por piso, o edifício dispõe diferentes tipologias habitacionais, desde T0, T1, T2 e T3 no núcleo Norte e T3 e T1 no núcleo Sul. Cada piso possui um átrio em torno do qual se dispõem cinco unidades habitacionais. Entre as entradas dos edifícios identificam-se dois espaços intermédios preponderantes, na seguinte sequência espacial: **átrio de entrada exterior** e **átrio de piso**. Dada a posição diferenciada que estes espaços ocupam, procede-se a uma análise sobre o desenho que apresentam, revelando as particularidades que cada um promove.

O **átrio de entrada**, localizado no piso térreo, é “desenhado para funcionar como um espaço coberto ao ar livre, tendo acesso direto à área do pátio”<sup>32</sup>. Como tal, não existe uma barreira física que o encerre relativamente ao espaço público circundante e é o próprio desenho do edifício e dos acessos que o distancia da rua e lhe garante privacidade. Enquanto que o acesso Nascente se desenha entre o volume dos núcleos Norte e Sul através de uma sucessão gradual de patamares (Figura 75, Figura 76 e Figura 77), o acesso Poente é mediado por uma rampa paralela ao edifício, de forma mais direta (Figura 74). Esta diferenciação do desenho dos acessos está relacionada com o uso e o carácter dos espaços envolventes.

Como referido anteriormente, no ponto 1, o átrio ocupa uma posição central com uma área correspondente a um terço do piso térreo, aspetos que lhe conferem um papel de destaque. É através deste espaço intermédio que se articulam os núcleos Norte e Sul do edifício e o espaço exterior envolvente, funcionando como o lugar onde se relacionam todos os habitantes do conjunto.

O espaço é dotado de algum mobiliário fixo como bancos que incentivam à permanência e à vivência neste espaço (Figura 80). A relação direta que o átrio estabelece com o espaço exterior circundante reforça o carácter de convívio e de usufruto comunitário, podendo, de certa forma, ser considerado como um complemento às vivências que se estabelecem no espaço verde (Figura 79).

---

32 JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari, *Alvar Aalto: apartments*. Helsínquia: Rakennustieto, 2004, p.80.



Figura 79 - Vista geral do átrio de entrada © Addison Godel.



Figura 80 - Percurso de ligação entre a entrada no átrio e o átrio de piso © Tommi Summanen.



Figura 81 - Patamar entre o átrio de entrada e o átrio de piso © Ard Hoksbergen.



Figura 82 - Acesso Vertical do átrio de piso © Jari Jetsonen.



Figura 84 - Janela do átrio de piso © Addison Godel.

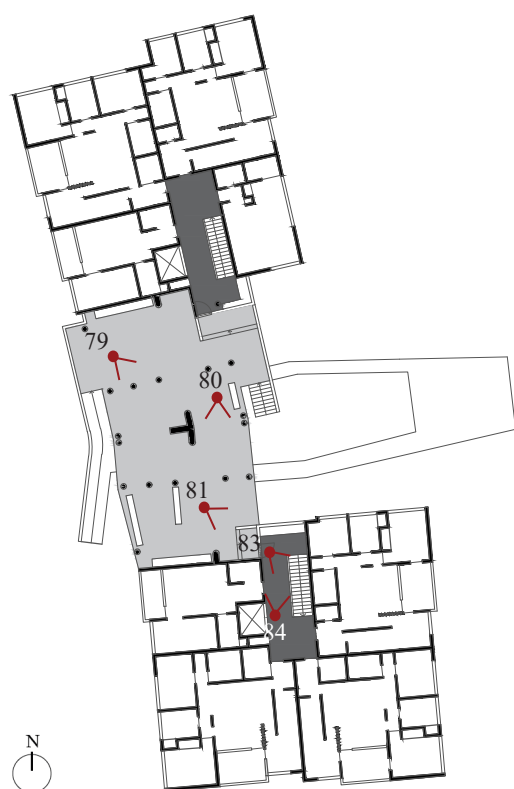


Figura 83 - Espaços Intermédios no espaço privado de uso coletivo. Piso Térreo. Escala 1:500.

■ Átrio de entrada ■ Átrio dos acessos verticais

A dimensão significativa deste espaço permite uma subdivisão em três momentos distintos: um central, delimitado por pilares, que recebe as escadas e a rampa de acesso; e dois laterais (a Norte e a Sul), estando cada um destes relacionados com o núcleo correspondente (Figura 83).

O átrio de entrada precede o **átrio de piso**<sup>33</sup>. A passagem de um espaço para o outro é articulada por um pequeno patamar, antecedido por dois degraus (Figura 81). Esta ligeira diferença de cotas, aliada à diferenciação do material e cor usados<sup>34</sup>, cria um momento de pausa/repouso antes da passagem para a escala do habitar privado<sup>35</sup>. Enquanto entre o espaço exterior e o átrio comum do piso térreo não existe qualquer barreira física, pelo contrário, a articulação dos dois átrios integra um limite físico materializado numa porta de batente em vidro, ladeada por uma janela de dimensão equivalente. De notar que, mesmo com um limite físico, existe uma relação visual entre os dois espaços, estabelecendo-se alguma permeabilidade e continuidade.

De menor dimensão do que o átrio de entrada, o átrio de piso possui um desenho alongado - o comprimento é três vezes a largura – o que lhe concede um carácter predominantemente distributivo. É neste espaço intermédio que se localizam os acessos verticais (Figura 82). Este átrio consiste num espaço de usufruto comum que intermedeia/relaciona o átrio de entrada do piso térreo e o interior doméstico (anterior espaço intermédio), funcionando como um momento em que o habitante se relaciona apenas com um número restrito de outros habitantes: *eu com o outro*. No entanto, embora por piso se distribuam apenas cinco fogos, a permeabilidade do desenho das escadas coloca em questão esta privacidade, alargando-se o âmbito aos habitantes de todos os pisos.

O átrio de piso consiste no prolongamento da entrada nos fogos e dos acessos. Como tal, este é espaço de *paragem* para quem acede aos fogos e também espaço de *passagem* para quem se dirige para um outro piso. Para os habitantes que uti-

---

33 Dadas as semelhanças entre os núcleos Norte e Sul do edifício, análise foca-se exclusivamente no núcleo Sul para não tornar a análise redundante. Assim sendo, o átrio de piso aqui considerado pertence ao núcleo Sul.

34 “Aalto diferenciou as escadas através da colocação de cor no pavimento: a atual caminhada bem como as etapas em mármore preto e as áreas ao lado das entradas, bem como as subidas nas escadas estão em mármore branco.” JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari, *Alvar Aalto: apartments*. Helsínquia: Rakennustieto, 2004, p.80.

35 À semelhança do que acontecia na aproximação ao edifício, a introdução destes patamares induz ao habitante uma noção de tempo e de ritual na transição de um momento para o outro.

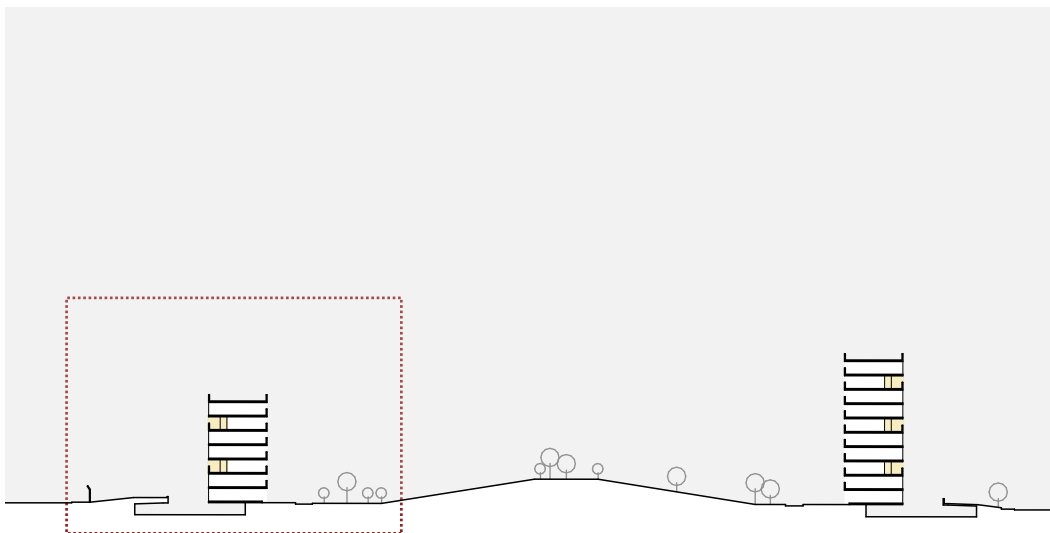


Figura 85 - Galerias exteriores. Corte transversal. Escala 1:1500.

■ Galerías de distribución ■ Edificio Oeste



Figura 86 - Linguagem formal e sinalização dos espaços de distribuição - Alçado Poente © Rory Gardiner.



Figura 87 - Linguagem formal e sinalização dos espaços de distribuição - Alçado Nascente © Rory Gardiner.

lizam as escadas para aceder aos respetivos fogos<sup>36</sup>, os átrios ganham um carácter cada vez mais privado, à medida que se sobe no edifício. Aliado a este fator está também o distanciamento relativamente ao espaço de entrada: quanto mais afastadas da entrada, maior o sentido de privacidade e isolamento das habitações.

Mesmo tendo um carácter maioritariamente distributivo, não propício à apropriação permanente do espaço, o átrio de piso apresenta uma relação visual com o exterior, sendo iluminado naturalmente, o que lhe garante algum conforto e habitabilidade (Figura 84).

### 3.2.3. A galeria exterior: Robin Hood Gardens

O complexo habitacional *Robin Hood Gardens* (A. P. Smithson) compreende dois edifícios que se desenvolvem no sentido Norte-Sul. Colocados paralelamente, a Nascente e a Poente, definem um espaço verde central protegido relativamente à rua (Figura 85). No total, os edifícios compreendem 210 fogos dúplex de diferentes tipologias para 700 habitantes. Os fogos são distribuídos ao longo de **galerias exteriores** pelos dez e sete pisos dos edifícios Nascente e Poente, respetivamente. A presente análise centra-se no edifício implantado a Oeste (Figura 85), dada a semelhança de desenho entre os dois. O percurso entre as entradas do edifício e das habitações integra diferentes espaços intermédios, na seguinte sequência espacial: **átrio de entrada, átrio dos acessos verticais** (escadas e elevadores), **galeria e nicho/vestíbulo**.

Os habitantes são encaminhados para o átrio de entrada pelo desenho do próprio edifício (Figura 86 e Figura 87). Para Alison e Peter Smithson é a “linguagem formal do edifício que indica e anuncia o uso”<sup>37</sup> e se nos “antigos edifícios a porta é identificada pelo pórtico de entrada, nos novos edifícios é preciso criar símbolos equivalentes que indiquem onde é suposto andar (...)”<sup>38</sup>. Em Robin Hood Gardens, o desenho dos alçados refletem os acessos e modos de distribuição do edifício, ou seja, são indicativos do percurso desde a entrada comum até às habitações. Assim sendo, também o átrio de entrada, associado aos acessos verticais, é perceptível atra-

---

36 A elaboração deste raciocínio não inclui os habitantes que utilizam o elevador para aceder ao piso da sua habitação, pois essa opção não põe em causa o uso dos átrios de piso.

37 “A linguagem formal do edifício indica e induz o uso.” SMITHSON, Alison, *Changing the art of Inhabitation. Mies pieces, Eames dreams, The Smithsons*. Londres: Artemis, 1994, p.129.

38 Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.



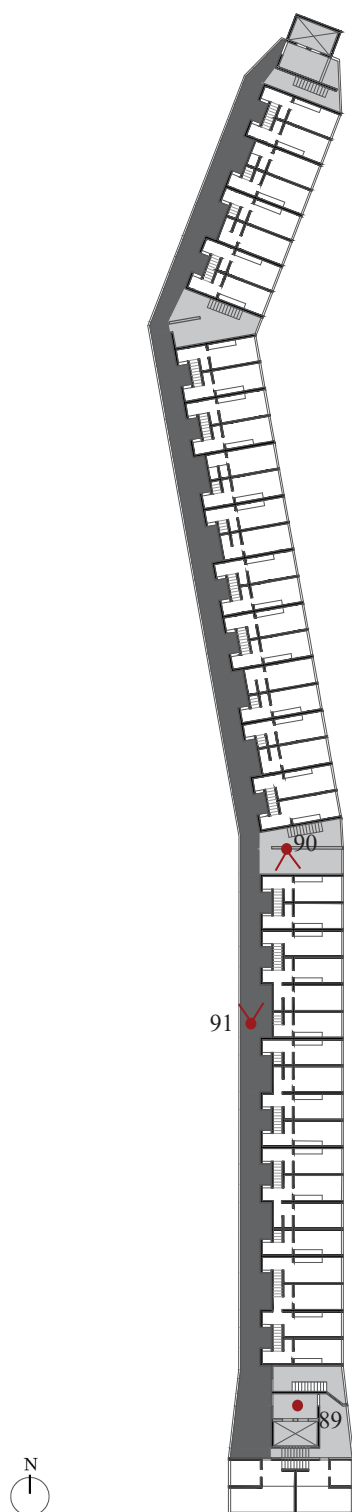


Figura 88 - Planta piso tipo. Escala 1:750.  
 ■ Galeria de distribuição ■ Átrio dos acessos verticais



Figura 89 - Átrio de entrada © Joe Gilbert.



Figura 90 - Átrio dos acessos verticais © Kois Miah.



Figura 91 - Galeria exterior © Sandra Lousada.

vés de uma “alteração de escala e volume”<sup>39</sup> no desenho do alçado.

De dimensões reduzidas, o **átrio de entrada** (Figura 89) consiste num espaço encerrado que intermedeia a relação entre o exterior, o interior do edifício e o espaço verde central, garantindo um maior grau de privacidade aos habitantes. O facto de ser encerrado e pouco iluminado confere-lhe um carácter sobretudo distributivo .

Conforme analisado anteriormente, um dos problemas associados ao modo de distribuição por galeria é a capacidade de promover segurança e privacidade<sup>40</sup>. Mesmo que os habitantes se respeitem, importa pensar a melhor forma de aceder às galerias. Neste caso, os acessos verticais são antecidos por um átrio fechado/interior, o que encerra o interior do edifício ao público em geral.

O **átrio dos acessos verticais**, localizado nos pisos superiores, consiste num espaço iluminado naturalmente que estabelece uma forte relação com o exterior (Figura 90). Como tal, apesar do dimensionamento reduzido, admite algum conforto e permanência, intensificado pela colocação de um banco. Na totalidade existem 4 átrios de acessos verticais por piso (Figura 88), localizados nos topos e nas torções do edifício e articulados com as galerias a cada três pisos, dado que os fogos se organizam em dúplex.

A **articulação entre os acessos verticais e a galeria** divide a galeria em três secções, dando a sensação de uma escala mais reduzida. Na primeira secção da galeria, no sentido Norte-Sul, distribuem-se 6 habitações e nas duas seguintes 14. A colocação destes acessos parece garantir maior privacidade, sempre que os habitantes acedem às suas habitações através dos acessos verticais mais próximos da respetiva secção de galeria. Tal como nos casos de estudos anteriores, a capacidade de garantir maior ou menor privacidade parece estar associada ao número de habitantes de um espaço e à distância entre pontos de acesso, nomeadamente entre o acesso das habitações individuais e os acessos verticais comuns. Relativamente ao número de habitantes em *Robin Hood Gardens*, o grau de privacidade é maior na secção Norte da galeria (6 habitações) e equitativa nas habitações das restantes secções da galeria (14 habitações cada). No entanto, dentro de cada secção existem algumas variações: as habitações localizadas no ponto médio entre as duas caixas de escadas são aquelas que apresentam maior privacidade.

---

39 Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.

40 ELLEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.72.





Figura 92 - Sinais de apropriação na galeria.  
Fonte: wikiarquitectura.



Figura 93 - Entrada aberta sobre o vestíbulo © Joe Newman.  
Christian Skovgaard.



Figura 94 - Relação entre a galeria e o vestíbulo © Joe Newman.

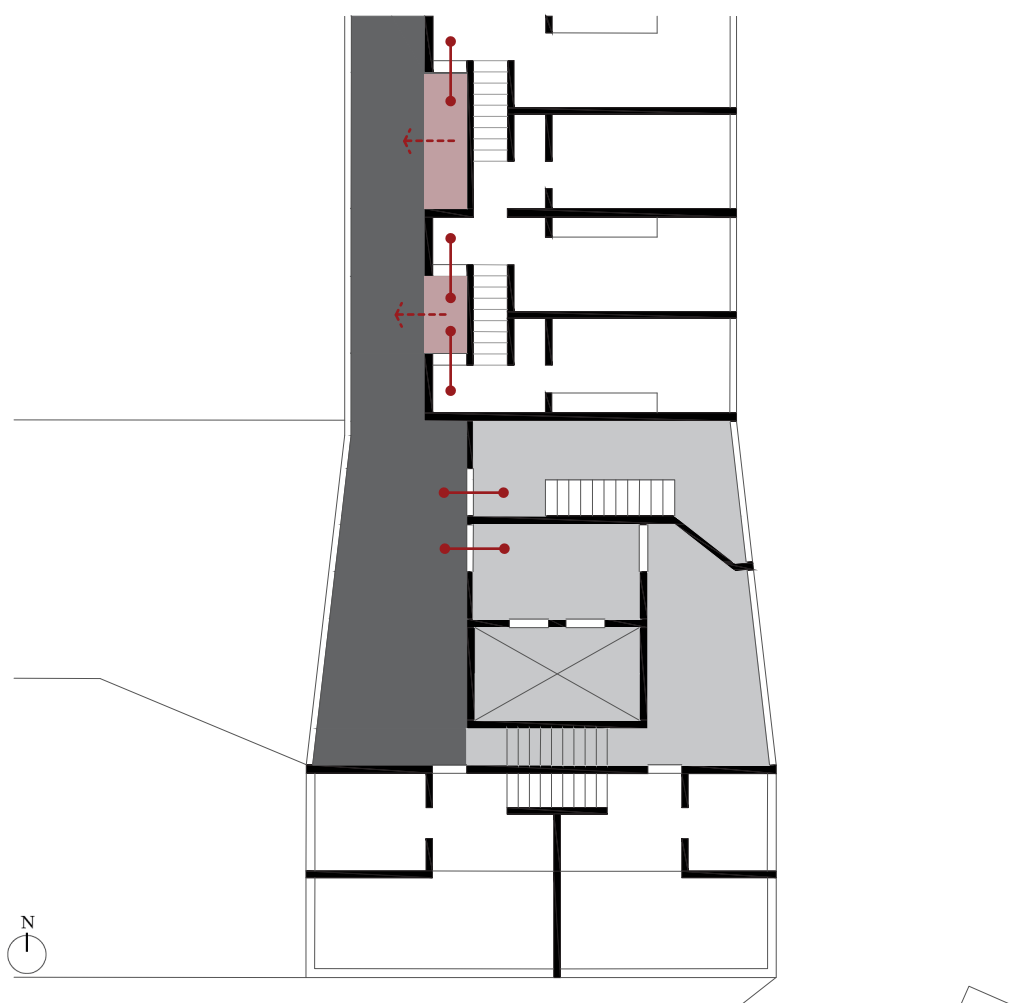


Figura 95 - Articulação entre os acessos verticais, a galeria e o nicho/vestíbulo. Escala 1.200.

A **galeria exterior** apresenta uma largura considerável e propícia ao contacto social. Os arquitetos consideram que “as ruas-galeria são espaços amplos, largos o suficiente para duas mães com carrinhos de bebé pararem e conversarem e, ainda assim, deixar espaço para alguém passar”.<sup>41</sup> O sobredimensionamento da área de distribuição e circulação (galeria) aumenta a funcionalidade deste espaço e permite aos habitantes a respetiva apropriação e uso como prolongamento do espaço interior doméstico (Figura 92). Esta noção de prolongamento é conseguida através da exteorização dos dispositivos de distribuição que ao serem “colocados na fachada (...), amplamente ventilados, iluminados e expostos à vista de todos como uma rua, desencorajam as práticas indesejáveis, socializações ou atividades ilícitas e permitem o automonitoramento”<sup>42</sup>.

Os fogos são organizados ao longo da galeria e as entradas destes são colocadas justapostas duas a duas, criando um pequeno **nicho/vestíbulo** recuado da galeria, ligeiramente mais reservado<sup>43</sup> (Figura 94). Mesmo não sendo fisicamente encerrado, este nicho representa a transição entre a galeria e o interior do espaço doméstico (Figura 93). É, como tal, um espaço intermédio que tanto recebe como concede: por um lado, protege a entrada dos fogos do espaço de circulação e, por outro lado, aproxima-os na medida em que a sua configuração é propícia à apropriação por parte dos habitantes<sup>44</sup>. Embora seja um espaço exterior ao fogo, caracteriza-se pela presença de objetos pessoais.

Esta apropriação de um espaço que é comum a um grupo de habitantes implica que exista uma relação de confiança e respeito. Embora não isoladamente, a arquitetura pode promover, através do desenho, essa sensação de conforto. É importante que

---

41 SMITHSON, Alison, *Urban Structuring: studies for Alison and Peter Smithson*. Londres: Studio Vista, 1967, p.25.

42 HAUMONT, Bernard; MOREL, Alain, *La société des voisins*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, Ministère de la Culture, 2005, pp. 6 e 7.

43 SMITHSON, Alison, *Changing the art of Inhabitation. Mies pieces, Eames dreams, The Smithsons*. Londres: Artemis, 1994, p.129.

44 “Na galeria existe um espaço exterior na porta de entrada dos fogos onde o habitante pode ‘pegar’ num pedaço da galeria para si mesmo, assim a porta não está aberta diretamente para o espaço de circulação e podem por alguns vasos de plantas.” Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.

o Homem se identifique com o espaço que habita e o sinta próprio<sup>45</sup> e, para tal, a escala do desenho e os vários momentos e associações que se criam ao longo do edifício estão no cerne desta questão: “Uma geometria mais complexa do que a divisão racional do lote responde às necessidades para um ambiente ativo e criativo socialmente. Fora da rua, as pessoas estão em contato direto com várias atividades que dão identidade à comunidade”<sup>46</sup>.

A organização espacial estabelece uma relação cuidada entre as habitações e habitantes e promove o encontro de forma hierarquizada, aumentando gradualmente a escala do habitar. Neste caso de estudo, a **galeria** é o espaço intermédio que articula o exterior urbano e o interior doméstico e, como tal, o desenho que apresenta assume o protagonismo ao longo desta *promenade* e influencia os usos que lhe estão associados.

---

45 “A ideia básica que desenvolvemos (conetar as galerias dando a possibilidade de aproximar, escolher a companhia; grupos de habitações claramente desenhadas para suporte social mútuo; adequar o limiar da porta de entrada para proteger e dar identidade aos fogos dentro do edifício) consiste em evoluir as formas e sub-formas para indicar como se usa o espaço.” SMITHSON, Alison - *Changing the art of Inhabitation. Mies pieces, Eames dreams, The Smithsons*. Londres: Artemis, 1994, p.128.

46 Ibid., p.25.

#### **4. Espaços intermédios nos espaços privados**



Figura 96 - Relação entre dois espaços contíguos. Fonte: HERTZBERGER, Herman - Lessons for students in architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1991.

O espaço doméstico (casa) é o lugar das relações mais íntimas do habitar humano. A casa, aqui considerada como o fogo, representa “um dos meios privilegiados para a expressão do *eu* e é o suporte fundamental da identidade pessoal, da estabilidade e da continuidade da própria existência”<sup>1</sup>. É no espaço doméstico que, num primeiro momento, o Homem descobre o mundo e se descobre na relação com o outro, neste caso, com aquele que lhe é próximo e que, de algum modo, lhe molda o caminho para a criação de uma identidade própria<sup>2</sup>.

Esta dualidade, entre o que é individual/íntimo e o que é coletivo/social, assume particular relevância no estudo dos espaços intermédios. Como tal, para se perceber o grau de intimidade e/ou sociabilidade do fogo, o presente trabalho analisa o modo como os vários compartimentos se articulam e distribuem. Os fatores enunciados, nomeadamente a articulação e a distribuição do fogo, permitem colocar em evidência a “continuidade ou distância, a separação ou comunicação”<sup>3</sup> e, juntamente com “o tratamento decorativo, qualificam os relacionamentos que se podem estabelecer, dominando os níveis de intimidade”<sup>4</sup>. A leitura que o Homem faz do espaço influencia o modo como o habita e como se relaciona com o outro, pelo que encontrar o equilíbrio entre a socialização e a individualidade passa pela intermediação entre a função que o desenho propõe e o uso efetivamente dado pelo habitante.

A arquitetura do espaço doméstico “adapta-se às grandes linhas da evolução da conceção da família, do indivíduo e da sociedade”<sup>5</sup> e, se existe uma interação constante entre a configuração espacial e o habitante, “os traços da evolução da mentalidade podem ler-se através da organização das habitações, que se apresentam como

---

1 BALDINI, Maria Rosella, *Il Significato Dell’Abitare: studio interdisciplinare per una nuova dimensione progettuale*. Firenze: Alinea Editrice, 1988, pp. 46 e 47.

2 Neste processo de descoberta, a projeção do indivíduo sobre aquilo que o rodeia assume um papel crucial, pois é através do confronto com o contexto que se cria a identidade. Deste contexto faz parte não só o espaço enquanto matéria física tangível, mas também os corpos que nele habitam e o contaminam. Através desta dinâmica entre o desenho e o uso, o espaço “para descobrir e se descobrir, para se ver ao espelho, no outro, nos outros” (João dos Santos, *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta*) assume uma dimensão imaterial e sensitiva, relacionada com a apropriação. Sobre o ponto em questão, Christian Norberg-Schulz refere que para ocorrer este processo de identificação é necessário que o habitante se “aproprie do mundo”, pois “a sua instalação corresponde à descoberta de si mesmo e à definição do seu ser no mundo”. NORBERG-SCHULZ, Christian, *Habiter. Vers une architecture figurative*. Milan: Electa, 1985, p.13.

3 ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités: XVIIe - XIXe siècles*. Bruxelas: AAM, 1999, p.283.

4 Ibid. p.283.

5 Ibid. p.283.

o verdadeiro testemunho dos diferentes modos de habitar”<sup>6</sup>. Assim sendo, este trabalho procura analisar algumas das transformações ocorridas no modo de conceber e habitar o espaço doméstico, tendo em conta a ideia de intimidade e sociabilidade, privado e público e do próprio papel do habitante no quadro da vida doméstica<sup>7</sup>.

#### 4.1. As transformações de desenho e uso do espaço doméstico

A contextualização realizada no ponto 1 da presente dissertação permite constatar que o séc. XX, na Europa, é marcado por um conjunto de transformações sociais, económicos e técnicos, que têm repercussões no modo de desenhar o espaço e, em particular, a habitação<sup>8</sup>. De um modo geral, alguns estudos apontam para a procura de um maior conforto aliado a um melhor aproveitamento do espaço<sup>9</sup>. Para tal, os vários compartimentos devem ser organizados de forma a responder aos requisitos de bem-estar, de higiene e de conforto próprios da vida moderna<sup>10</sup> e a habitação passa a ser concebida “como um organismo vivo em perfeita harmonia com as condições de vida”<sup>11</sup>.

Desta forma, a definição prévia das funções dos compartimentos torna-se crucial para uma melhor gestão e organização do espaço, “melhorar a economia da vida e simplificar as funções e os efeitos de consumo de energia”<sup>12</sup>. A localização do mobiliário *a priori*, muitas vezes embutido ou como remate de paredes, parece facilitar a posterior apropriação e uso dos habitantes, contribuindo, igualmente, para a flexibilidade, funcionalismo e racionalismo<sup>13</sup> que se pretendiam no desenho

---

6 Ibid. p.283.

7 “Os estatutos e os papéis do homem e da mulher diferenciam-se, articulam-se e hierarquizam-se segundo os períodos, o que se lê claramente nos espaços que lhes são destinados.” Ibid., p.284.

8 AYMÓNINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973, p.139.

9 “A casa mínima é um complexo orgânico de locais que constituem a habitação, estudados de maneira a permitir agrupar no menor espaço possível, e, portanto, com o mínimo gasto, as comodidades que hoje se manifestam como indispensáveis para a vida civil.” GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.29.

10 AGAREZ, Ricardo Costa, *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009. Premissas de modernidade na habitação plurifamiliar, p.88.

11 GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.165.

12 Ibid., p.186.

13 A racionalização do espaço doméstico quer dizer que se “consideram as estruturas como elementos estéticos (...) e significa subordinação rigorosa aos princípios que regem a indústria, nomeadamente: organização, rapidez, economia, unificação, trabalho em série”. Ibid., p.30.



do espaço doméstico<sup>14</sup>. É notória uma descompartimentação do fogo que se traduz, em parte, na integração dos espaços de circulação nos compartimentos sociais<sup>15</sup>.

As soluções adotadas pelos arquitetos modernos contêm uma organização espacial que garante a separação dos diferentes compartimentos e a correta interdependência entre estes, procurando preservar o equilíbrio entre a sociabilidade e a intimidade<sup>16</sup>. Esta procura leva ao estabelecimento de padrões/sistemas que permitem sintetizar essas mesmas relações, de acordo com a função e a característica de cada compartimento, de que são exemplos os sistemas de divisão tripartida e bipartida<sup>17</sup>.

No sistema de **divisão tripartida**, a organização espacial é feita segundo princípios de Dia-Noite-Serviços. Assim sendo, os compartimentos são distribuídos e relacionados de acordo com o uso quotidiano: a sala comum – Dia; a cozinha – Serviços, complementando a sala comum, podendo ainda ter um quarto anexo destinado ao empregado doméstico e uma instalação sanitária; quartos – Noite com quartos de banho associados. O facto da cozinha estar subordinada aos Serviços traduz-se, em certos casos, num aumento das áreas de circulação e distribuição, pois implica uma maior separação dos compartimentos do quadro da vida familiar.

O **princípio bipartido Dia-Noite**<sup>18</sup>, inclui os Serviços nos compartimentos de Dia. Neste caso, é notória uma ordenação das comunicações e redução de percursos, com a qual se pretende responder às necessidades básicas da vida doméstica: cozinhar-comer, trabalhar-repousar e dormir-lavar<sup>19</sup>.

A organização do espaço do fogo surge assim sobretudo dependente das relações

---

14 Ibid., p.150.

15 Ibid., p.150.

16 Importa referir a evolução do conceito de intimidade dentro do espaço doméstico, relacionada pela “importância do indivíduo e dos seus direitos de independência superam a união familiar. AY-MONINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973, p.118.

17 De acordo com Christian Moley, esta organização transmite uma doutrina de compromisso de um modelo e da racionalização técnica e económica. MOLEY, Christian, *L’immeuble en formation. Génese de l’habitat collectif et avatars intermédiaires*. Liège: Pierre Mardaga, 1991, p.189.

18 Nesta divisão, a planta do fogo é organizada “de acordo com a divisão longitudinal mediana”, dividindo “o alojamento em duas partes, (...) cada uma ao longo de sua fachada e correspondendo à divisão dia/noite de acordo com a formulação então emergente”. MOLEY, Christian, *L’Architecture du logement : culture et logiques d’une norme héritée*. Paris: Anthropos, 1998, p.252.

19 A divisão bipartida Dia-Noite é “meramente racional, ligada a uma certa noção de conforto. Para além disso, estão ligadas à vontade de permitir diferentes práticas entre os membros familiares”. ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d’aujourd’hui*. Paris: Ed. de l’Épure, 1997, p.110.

estabelecidas entre a cozinha-zona de refeição-zona de estar, a zona de estar-quarto de dormir e o quarto de dormir-quarto de banho<sup>20</sup>. Nesta relação de interdependência entre compartimentos, na qual cada um responde a uma necessidade e todos se complementam, de acordo com o quotidiano dos habitantes, importa perceber de que forma é que se intermedeia a relação entre zonas.

Tendo em conta que esta intermediação está dependente do carácter de cada compartimento, interessa analisar as principais transformações de desenho e uso destes espaços no contexto do séc. XX, focando tanto as mudanças nas configurações, como a posição que cada compartimento ocupa na habitação. De salientar que o enfoque dado ao modo como os compartimentos se hierarquizam e relacionam pressupõe abrir caminho para uma posterior análise dos espaços intermédios.

#### *Cozinha – Zona de refeição – Zona de Estar*

As transformações mais substanciais na **cozinha** surgem associadas à progressiva evolução dos aparelhos mecânicos e das infraestruturas e à simplificação das tarefas domésticas, de forma a economizar tempo e energia humana. Para tal, a cozinha tende para um compartimento mais **compacto e racional**, sendo “concebida e aplicada uma organização funcional altamente especializada, com tipos de superfície de trabalho, armário e gavetas específicas para cada função distinta – uma cozinha-laboratório, para produção científica e semi-industrial de refeições”<sup>21</sup>. A cozinha de Frankfurt (*Frankfurter Küche* - 1926), desenhada pela arquiteta Grete Schütte-Lihotzky para os programas de habitação em massa de Ernest May, traduz essa mesma intenção: num retângulo de 3.44 x 1.87 metros, bem iluminado e ventilado, é montada uma cozinha racional, totalmente equipada para a lavagem, preparação e confeção de alimentos.

A crescente higienização do espaço doméstico, a constante diminuição da área de cada célula habitacional e a evolução das dinâmicas do habitar<sup>22</sup> leva à progressi-

---

20 “Só a exata consideração das necessidades humanas, biológicas e sociológicas que atendem à vivenda para o mínimo nível de vida, prescindem de teorias inúteis e nos aproximam da meta da construção das habitações realizadas de tal forma que satisfaçam as exigências materiais e espirituais dos seus ocupantes.” AYMÓNINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973, p.113.

21 AGAREZ, Ricardo Costa, *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009. Premissas de modernidade na habitação plurifamiliar, p.92.

22 Integra-se aqui a emancipação da mulher e o ato de cozinhar estar associado a uma atividade de sociabilização e de prazer.

va aproximação da cozinha dos restantes compartimentos. Como dispositivo de comunicação, destaca-se o *passa-pratos* que consiste num pequeno vão na parede entre a cozinha e a mesa de refeição. Esta pequena abertura simboliza uma aceitação do espaço da cozinha, enquanto parte integrante da vida familiar e uma perda do carácter depreciativo que lhe esteve associado durante tanto tempo. Para além disso, a “ligação direta cozinha-sala permitia à mãe preparar as refeições e supervisionar as crianças que brincam ou trabalham na sala”<sup>23</sup>. Neste seguimento, a cozinha vai sendo incorporada no espaço da sociabilidade.

Esta racionalização do espaço tem igualmente efeito na relação entre cozinha-zona de refeição-zona de estar. Quando se procura racionalizar o espaço da cozinha para um melhor aproveitamento da área útil, a **zona de refeição** passa, por vezes, a estar integrada na zona de estar: de espaço autónomo passa, juntamente com a zona de estar, a formar a sala comum. A **sala comum** é o lugar de maior sociabilidade da vida doméstica. Este espaço associado à cozinha “forma um bloco de vida diurna bem coordenada, clara e impreterivelmente separada da zona noturna”<sup>24</sup>. Como tal, é em torno deste espaço que se desenvolvem as principais atividades comuns. A centralidade da sala é reforçada quando, com a necessidade de economizar a área da habitação, integra ainda os espaços de circulação. Neste tipo de organização interna, a articulação entre a sala e os compartimentos de Noite é feita por uma antecâmara de ligação, substituindo o comum corredor de acesso<sup>25</sup>. Desta forma, aproximam-se os compartimentos de Dia, de carácter mais social, aos compartimentos de Noite, os espaços mais íntimos da casa, dotando a sala comum de uma sociabilidade íntima.

#### *Quarto de dormir – Quarto de banho – Zona de estar*

O **quarto** enquanto espaço de dormir surge naturalmente pela transformação do conceito de privacidade e descoberta da intimidade. A dissociação dos espaços de dormir dos restantes compartimentos aumenta a dependência dos dispositivos de distribuição, para os organizar e separar. “O quarto torna-se o recinto mais privado

---

23 MOLEY, Christian, *L'Architecture du logement : culture et logiques d'une norme héritée*. Paris: Anthropos, 1998, p.259.

24 AGAREZ, Ricardo Costa, *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009. Premissas de modernidade na habitação plurifamiliar, p.90.

25 ROCHA, Luciana, *Intervenção no moderno : reconhecimento, caracterização e salvaguarda de edificios de habitação plurifamiliar*. Porto: FAUP, 2016, p.50.

e íntimo da vida humana. Tal como a maior parte das necessidades corporais, também o sono se retrai para trás do cenário da vida social”<sup>26</sup>.

A conquista progressiva do *eu* no interior do espaço doméstico consiste num dos principais fatores de mudança no desenho e no uso do quarto. Inicialmente destinado apenas à função de dormir e vestir<sup>27</sup>, o quarto passa a integrar outras funções. Para além disso, a crescente vontade de um espaço próprio e de expressar a individualidade levam, também, à integração das funções de trabalho e brincadeira neste espaço. Note-se que a criança passa a ser parte integrante do desenho do espaço doméstico, havendo uma valorização/aceitação da sua presença<sup>28</sup>.

A introdução do **quarto de banho** no espaço doméstico está associada às reformas de higienização do séc. XX, com as quais se normaliza a higiene no quotidiano do Homem<sup>29</sup>. Este espaço integra sobretudo o núcleo dos compartimentos de Noite e, como tal, localiza-se junto aos quartos de dormir, sendo a sua relação estabelecida através de uma pequena antecâmara ou corredor que, geralmente, articula o núcleo Noite - Dia.

#### 4.2. O papel dos espaços intermédios na organização interna do fogo

A presença dos espaços intermédios parece variar de acordo com a organização espacial de cada fogo e do quanto se pretende distanciar os compartimentos que o compõem. A distância<sup>30</sup> surge então como um fator associado aos dispositivos de distribuição e dependente do posicionamento da entrada.

O **átrio de entrada** representa o espaço de maior ambiguidade, na medida em que é neste compartimento que se articula o maior número de domínios e escalas de habitar. Por um lado, é o primeiro contato entre o exterior coletivo e o interior

---

26 Ibid. p.218.

27 Ressalve-se aqui o facto de o quarto de vestir ter representado em tempos o único espaço privado da casa. De certa forma, é a ambiência do quarto de vestir que se estende ao espaço do quarto.

28 “Dar-lhe um espaço próprio conduz a considerá-lo como diferente.” ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités: XVIIe - XIXe siècles*. Bruxelas: AAM, 1999, p.247.

29 Em 1904, no Congresso da Salubridade da Habitação, Emile Cheysson refere que “sem água não há limpeza; sem limpeza não há nem higienização, nem saúde, nem dignidade”. Ibid., p.204.

30 Tal como se verificou nas análises precedentes, a distância apresenta-se como um dos fatores que permite dotar os compartimentos de maior ou menor intimidade e/ou sociabilidade, pela sua capacidade de reunir ou separar.

privado e, por outro, representa o ponto chave da hierarquização e ordenação dos espaços íntimos e sociais da casa<sup>31</sup>. A posição do átrio de entrada tem, como tal, “um impacto significativo na organização dos espaços dentro da habitação”<sup>32</sup>. O que se permite antever a partir da entrada e o modo como esta se configura orienta o habitante no modo de usar e ocupar o espaço.

O desenho dos espaços intermédios está dependente das hierarquias e das articulações que se estabelecem e dos usos que se incutem dentro do fogo. De certa forma, quanto maior é o número de compartimentos, maior é a complexidade das relações e mais relevante o papel dos espaços intermédios. Nestes casos, o átrio de entrada é muitas vezes complementado com outros espaços de distribuição, como **corredores** e/ou **átrios/antecâmaras**.

Os espaços intermédios no espaço privado estão, como tal, associados aos espaços de distribuição, nos quais se inclui o átrio de entrada. As relações que se estabelecem entre compartimentos podem apresentar inúmeras soluções – que não se pretendem aqui enumerar. Ao invés, a análise propõe sintetizar alguns modos de organizar e hierarquizar o espaço doméstico, relacionando-os com os respetivos espaços intermédios daí resultantes. Esta análise abre caminho para uma leitura dos espaços intermédios nos casos de estudo convocados. Consideram-se, para o efeito, os esquemas 1, 2 e 3.

No esquema 1 (Figura 97), todos os compartimentos convergem sobre um espaço central. Esta organização **em torno de um único espaço** permite aproximar os diversos domínios inerentes a cada divisão, na medida em que, quando os espaços não estão encerrados, se permite antever o que se passa nuns e noutros. Neste caso, a transição entre diferentes domínios faz-se de forma direta, podendo os compartimentos ser diferenciados através de um dispositivo de encerramento.

---

31 “A zona da entrada exprime a transição e a ligação entre os domínios correspondentes a responsabilidades territoriais diferentes. Oferece as condições espaciais para o reencontro e o diálogo entre os domínios de diferente carácter, como um lugar de reconciliação onde a habitação e a rua, o privado e o público se interpenetram.” MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006, p.128.

32 LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011, p.178.

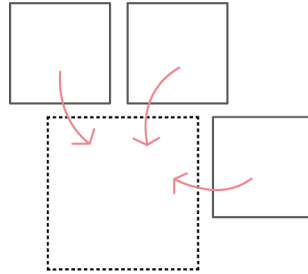


Figura 97 - Esquema de organização 1 - *em torno de*.

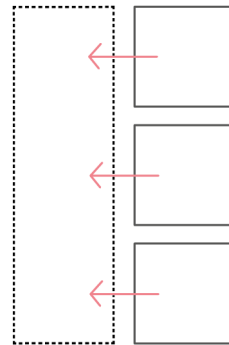


Figura 98 - Esquema de organização 2 - *ao longo de*.

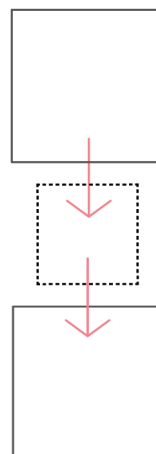


Figura 99 - Esquema de organização 3 - *antes de*.

No esquema 2 (Figura 98), a articulação entre os diferentes espaços é estabelecida **ao longo de um compartimento**. Dada a extensão deste espaço, o corredor funciona como um mecanismo que permite distanciar e individualizar os vários compartimentos, dotando-os de um maior sentido de privacidade. Neste caso, para além de ser possível diferenciar os espaços através de um dispositivo de encerramento, a distância assume-se crucial na determinação do carácter social ou íntimo dos vários espaços. Importa referir que, neste modelo organizacional, as áreas de circulação podem estar ou não integradas nos compartimentos, podendo estar ou não encerradas.

No esquema 3 (Figura 99), o espaço intermédio surge **antes de qualquer contacto** com os espaços interiores. Esta articulação entre compartimentos permite individualizar as várias áreas do espaço doméstico, funcionando como uma rótula que intermedeia os compartimentos íntimos e sociais. Tal como nos esquemas anteriores, os sistemas de encerramento são fundamentais na determinação do uso dos diferentes espaços.

Dada a complexidade característica da hierarquização e organização do espaço doméstico e entre os vários compartimentos, estes modelos funcionam independentemente ou de forma complementar. Por isso, embora se apresentem dissociados, colocam em causa a densidade que o desenho de arquitetura pode compreender. A análise que se segue aplica estes modelos aos casos de estudo, para colocar em evidência de que forma o desenho dos espaços intermédios promove diferentes usos e vivências no espaço doméstico. No seguimento deste discurso, consideram-se como fatores de análise o esquema organizacional, a posição dos compartimentos em relação com a entrada, a relação física entre compartimentos, a sequência espacial, o número de utilizadores por compartimento e os dispositivos que permitem garantir a privacidade e/ou sociabilidade.

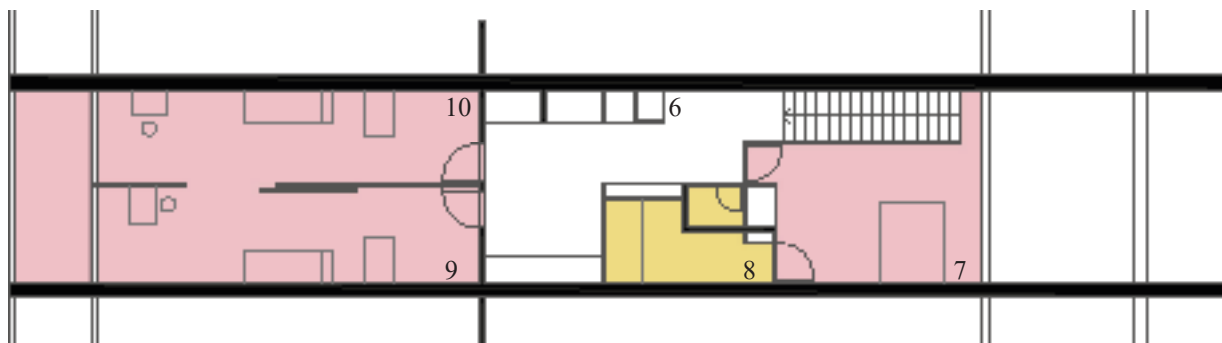


Figura 100 - Planta Piso Superior. Escala 1:200.

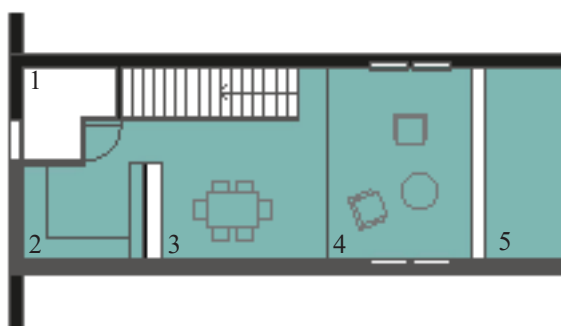


Figura 101 - Planta piso inferior. Escala 1:200.

1. Átrio de entrada, 2. Cozinha, 3. Zona de refeições, 4. Sala, 5. Varanda, 6. Átrio, 7. Quarto Principal, 8. Quarto de banho, 9. Quarto, 10. Quarto.

— Zona Comum — Zona Serviço — Zona Privada.

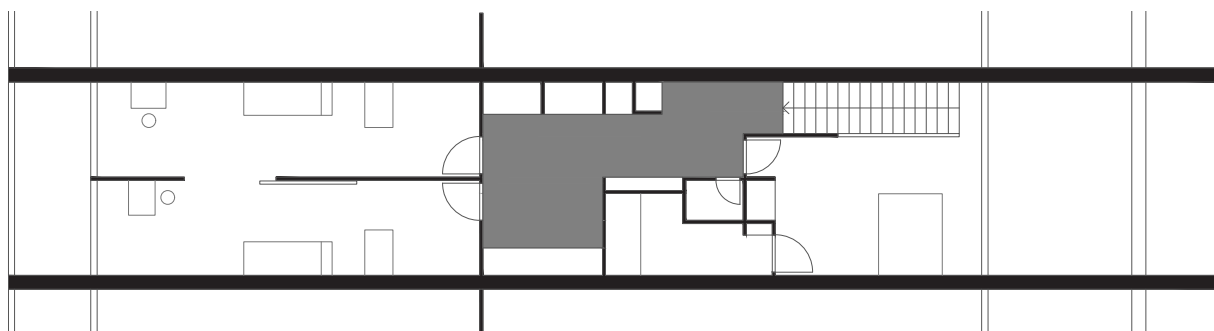


Figura 102 - Espaço intermédio piso superior. Escala 1:200.

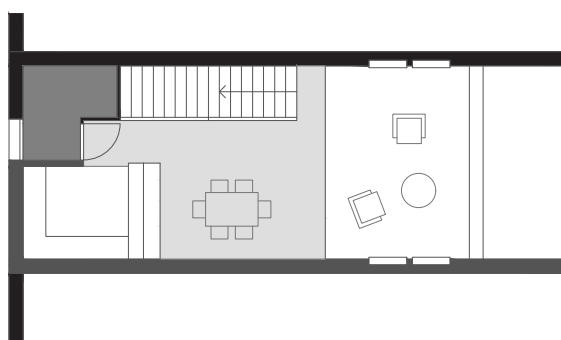


Figura 103 - Espaço intermédio piso inferior. Escala 1:200.



#### 4.2.1. A organização ao longo do fogo: Unidade de Habitação de Marselha

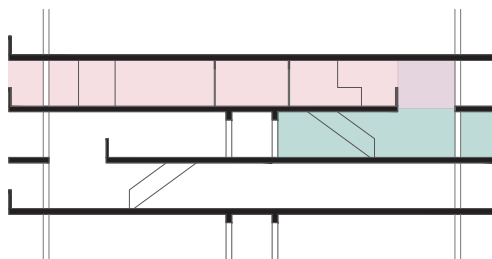


Figura 104 - Sistema de Organização Escala 1:500.

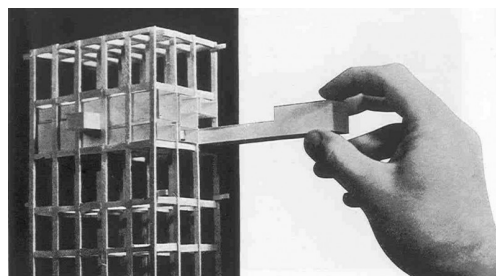


Figura 105 - Maquete sistema funcional. Fonte: BOESIGER, W e GIRSBERGER, H - *Le Corbusier 1910-1965*. Barcelona: Gustavo Gili, 1971. p. 144.

Como referido anteriormente, a *Unidade de Habitação de Marselha* compreende fogos de diferentes tipologias. Para esta análise, a tipologia considerada é o T3 organizado em dois pisos – dúplex, um sistema que “permite obter economia de espaço pela supressão de corredores em pisos alternados”<sup>33</sup>. A organização funcional desta habitação segue o esquema geralmente associado às tipologia duplex: os compartimentos de Dia (cozinha e sala comum) localizam-se ao nível da entrada (Figura 101) e os compartimentos de Noite (quartos e quartos de banho) no piso superior<sup>34</sup> (Figura 100). Esta distribuição é, como tal, feita de acordo com o grau de sociabilidade e intimidade dos espaços (Figura 104). No entanto, conforme se evidencia de seguida, o modo como os pisos se articulam permite colocar em relação os dois domínios. Numa aproximação ao desenho do fogo, é possível identificar diferentes espaços intermédios, dos quais se destacam: o **átrio de entrada**, localizado no piso inferior (Figura 103) articulado com a **sala comum**, e um **átrio/ antecâmara**, localizado no piso superior associado aos compartimentos de Noite (Figura 102).

O **átrio de entrada** consiste num espaço separado e autónomo relativamente aos restantes compartimentos, funcionando como uma pequena antecâmara que é colocada entre o espaço de distribuição coletivo (galeria) e o interior doméstico. Já no interior do espaço doméstico, os vários compartimentos **organizam-se ao longo de um eixo** que funciona como um *corredor aberto*. Assim sendo, os espaços surgem justapostos: adjacente à entrada encontra-se a cozinha e no seguimento desta, a

<sup>33</sup> GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.60.

<sup>34</sup> Ibid. p.60.

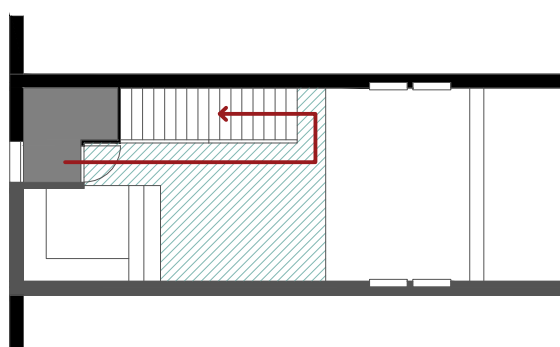
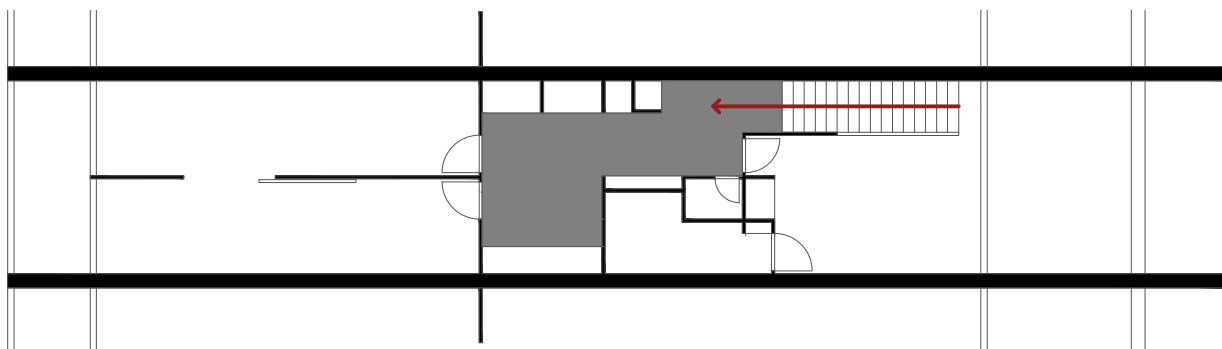


Figura 106 - Integração dos espaços de circulação nos compartimentos sociais. Escala 1:200.

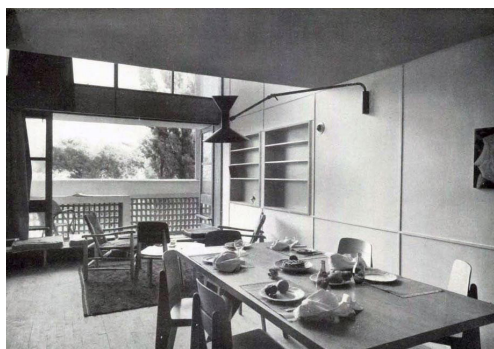


Figura 107 - Vista sobre a sala a partir da entrada  
© René Burri.



Figura 108 - Vista sobre a cozinha a partir do espaço de circulação © René Burri.



Figura 109 - Relação entre compartimentos sociais e articulação com piso superior © René Burri.

zona de refeições e a zona de estar, complementada por uma varanda<sup>35</sup>. A zona de refeições e de estar são integradas no mesmo espaço, sendo diferenciadas pela altura do pé-direito (Figura 109). A cozinha é desenhada ligeiramente mais resguardada pela colocação do mobiliário, sem estar encerrada totalmente (Figura 108).

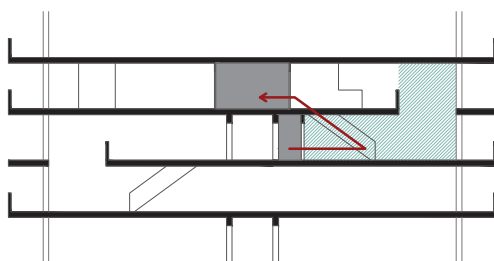


Figura 110 - Articulação entre os dois átrios. Corte Transversal. Escala 1:500.

O desenho do fogo tem implícita a **integração dos espaços de circulação** nos compartimentos sociais, sendo notório que se garante uma área suplementar na sala para assegurar o conforto deste espaço (Figura 106). Salienta-se, ainda, o desenho de mobiliário embutido na sala comum, fator que reforça o cuidado em tornar o espaço doméstico o mais funcional e racional possível. A articulação entre os dois pisos, nomeadamente entre o átrio de entrada e a antecâmara dos quartos, está dependente dos espaços sociais, não funcionando, como tal, de forma autónoma (Figura 110) e dotando a sala de um carácter intermédio.

Através das escadas da sala de estar acede-se ao **átrio/antecâmara** ladeado, nos dois extremos, pelos quartos: o quarto principal sobre a sala e os outros dois no lado oposto. O pé-direito duplo da zona de estar, de onde partem as escadas, permite que as vivências do espaço social sejam realizadas na presença de um espaço privado, na medida em que existe uma relação visual permanente entre os dois pisos (Figura 112 e Figura 114). A relação entre estes dois domínios segue o esquema sala-átrio dos quartos, com um acentuar da transição de escalas nesta passagem. A

<sup>35</sup> Recorda-se que o desenho de espaços exteriores em cada fogo do edifício de habitação pluri-familiar é, de certa forma, entendido como uma reposição das valências da habitação unifamiliar. Através deste espaço permite-se colocar o fogo numa relação direta com o espaço exterior..

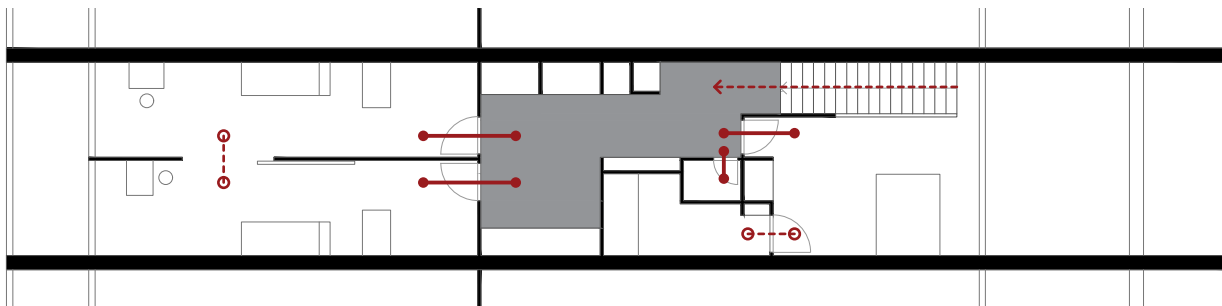


Figura 111 - Organização piso superior. Planta Escala 1:200.

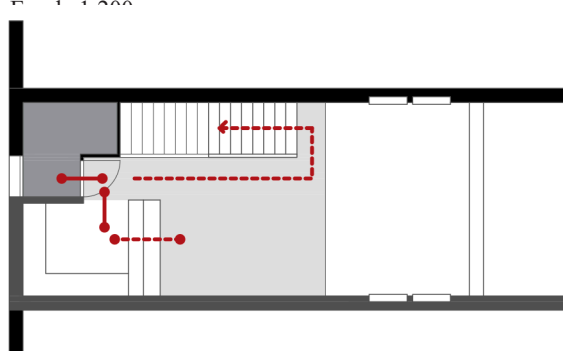


Figura 112 - Organização piso inferior. Planta Escala 1:200.

■ Espaços intermédios    - - - - - Relação entre espaços intermédios    • - - - • Ligação direta entre espaços  
 ● — ● Articulação a partir do espaço intermédio



Figura 113 - Relação visual entre os dois pisos © René Burri.



Figura 114 - Relação visual entre os dois pisos © René Burri.



Figura 115 - Relação entre a sala e a varanda. Vista do quarto principal © René Burri.

relação física e visual entre os espaços permite uma aproximação gradual entre as diferentes ambiências. Mesmo no núcleo mais privado (quartos) há sempre uma certa presença do que se passa nos espaços sociais.

No que diz respeito aos quartos, é importante salientar a **flexibilidade** inerente à relação entre os dois quartos adjacentes, nos quais, uma parte da parede é formada por painéis de madeira que correm e permitem unir os dois espaços (Figura 116). Esta flexibilidade permite criar uma certa dinâmica nestes compartimentos pela utilização conjunta ou próxima destes. Para além disso, os dois compartimentos podem funcionar de modo complementar, pois a sua função não fica reduzida à do quarto, podendo funcionar numa relação de quarto – escritório, quarto – roupeiro, entre outros.

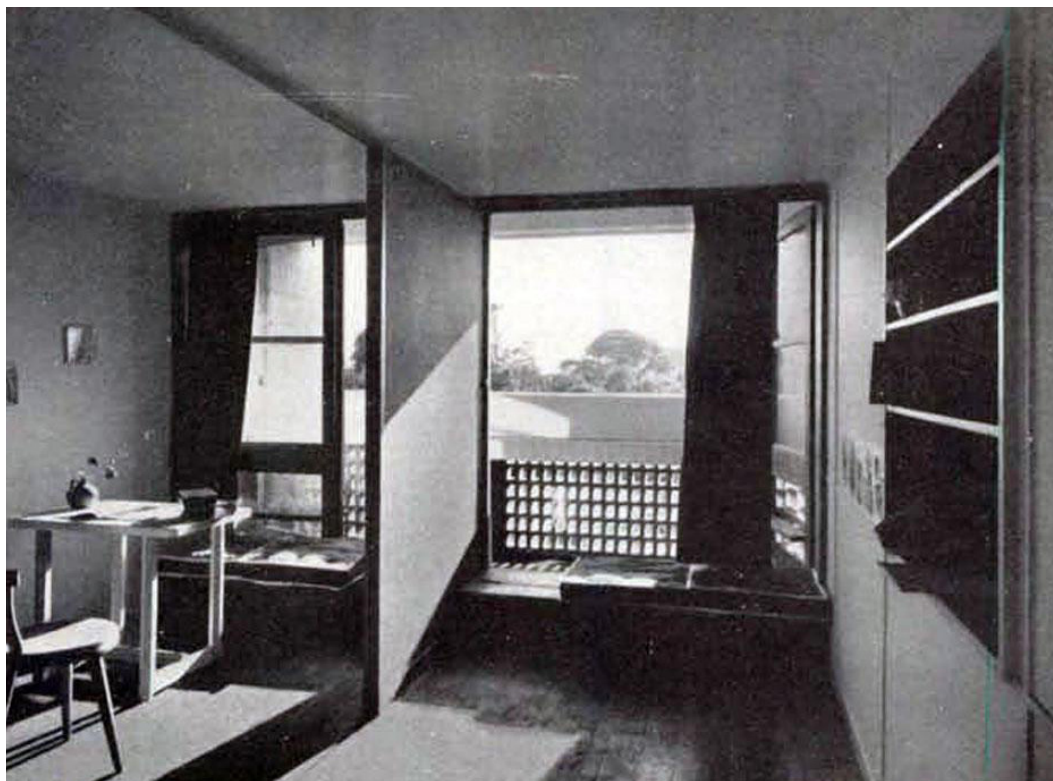


Figura 116 - Relação entre quartos. Fonte: dommusweb.it.



Figura 117 - Planta Fogo T3. Escala 1:200.

1. Átrio de entrada, 2. Cozinha, 3. Zona de refeições, 4. Sala, 5. Varanda, 6. Quarto Principal, 7. e 8. Quarto, 9. Corredor, 10. e 11. Quarto de banho. ■ Zona Comum ■ Zona Serviço ■ Zona Privada.

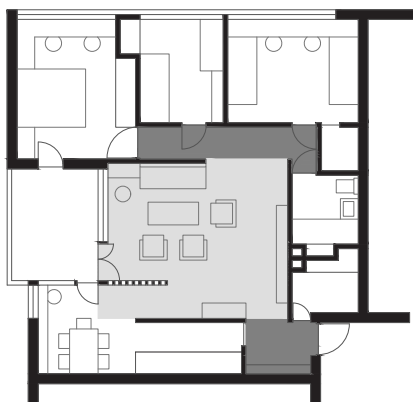


Figura 118 - Espaços intermédios fogo. Escala 1:200.

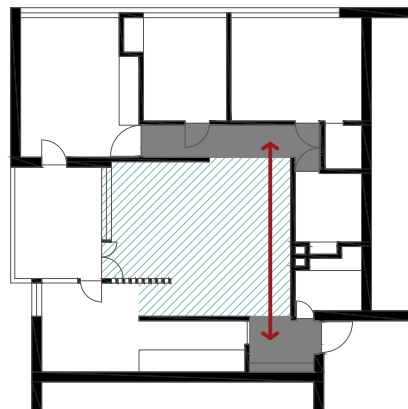


Figura 119 - Integração dos espaços de circulação na sala. Escala 1:200.

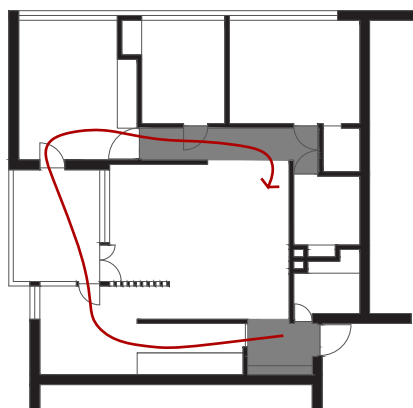


Figura 120 - Esquema de organização. Escala 1:200.



Figura 121 - Relação visual a partir do átrio de entrada  
© Willy Pragher.



#### 4.2.2. A organização em torno do espaço comum: Hansaviertel

Conforme analisado previamente, o núcleo Sul do *edifício de habitação plurifamiliar em Hansaviertel* integra diferentes tipologias (T3 e T1), sendo que a tipologia abordada na presente análise é o T3. Este fogão apresenta um programa funcional composto por um sistema bipartido organizado segundo Dia/Noite (Figura 117). Desta forma, os compartimentos de Dia localizam-se junto ao átrio de entrada e os compartimentos de Noite no extremo oposto, para garantir o equilíbrio entre os compartimentos sociais e íntimos. Numa aproximação ao desenho do fogão é possível identificar diferentes espaços intermédios nomeadamente, o **átrio de entrada**, a **sala de estar** e o **corredor** associado aos compartimentos de Noite (Figura 118).

O **átrio de entrada** localiza-se no extremo Norte da habitação consiste num pequeno espaço que marca a passagem do espaço exterior coletivo para o interior privado, funcionando quase como uma pequena antecâmara da sala<sup>36</sup>. Adjacente a este, um armário serve como um primeiro elemento de armazenamento que, não sendo totalmente encerrado, estabelece uma relação visual com o interior da habitação e permite antever o quadro da vida doméstica (Figura 121).

Contíguo à entrada localizam-se a cozinha e, em frente a esta, a zona de refeições. No lado oposto encontram-se os espaços mais íntimos, nomeadamente os quartos de dormir e os quartos de banho. O átrio de entrada enquadra o campo visual para o espaço central, a sala comum, em torno do qual se organiza todo o espaço doméstico (Figura 120). Este espaço funciona como dispositivo que separa os compartimentos da vida social/comum dos da vida privada/individual e, simultaneamente, também os aproxima, pois tanto a cozinha, como a zona de refeições e os quartos convergem sobre a sala de modo mais ou menos direto (Figura 119).

Em termos de hierarquia espacial é notória uma dinâmica em torno do espaço da sociabilização: sala de estar – cozinha – zona de refeições – varanda – quarto principal – quartos – quarto de banho – sala de estar, e assim sucessivamente. Esta dinâmica reforça a centralidade da sala de estar e o papel desta na organização dos

---

36 De acordo com Monique Eleb-Vidal, quando a entrada no fogão se faz diretamente num compartimento do fogão é geralmente na sala, o que pode justificar a proximidade entre o átrio de entrada e a sala de estar. ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997, p.133.



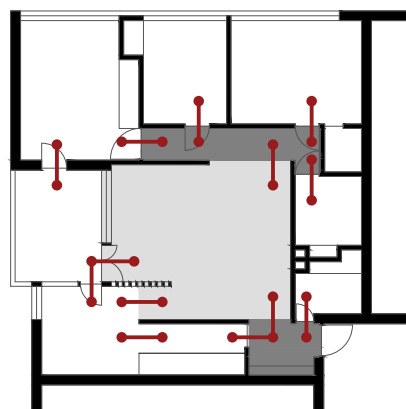


Figura 122 - Relação entre compartimentos.

■ Espaços intermédios    - - - - - Relação entre espaços intermédios  
 ● — ● Articulação a partir do espaço intermédio



Figura 123 - Relação entre a zona de refeições e a varanda. Fonte: Landesarchiv Berlin.



Figura 124 - Paineis de madeira © Heikki Havas.



Figura 125 - Relação entre compartimentos sociais © Heikki Havas .

compartimentos comuns e individuais<sup>37</sup>. Neste sentido a sala de estar adquire um carácter intermédio, aproximando os dois domínios e tornando a transição gradual.

A sala é o compartimento que estabelece mais relações físicas e diretas com os restantes espaços, embora o modo como estes se relacionam seja diferente, tendo em conta a respetiva escala (Figura 122). As áreas de circulação são diluídas e compreendidas neste espaço central e comum, aspeto que permite garantir uma maior área útil ao fogo, pela descompartimentação do espaço. No entanto, são utilizados alguns dispositivos que permitem garantir algum grau de privacidade à sala, ao mesmo tempo que mantêm a permeabilidade do conjunto.

Na transição entre a sala de estar e a cozinha localiza-se a zona de refeições, marcada pela presença de um painel de madeira (Figura 124). A introdução deste elemento permite estabelecer uma relação visual entre os espaços e, ao mesmo tempo, diferenciar a zona de estar da zona de comer. Embora a zona de refeições se localize entre a cozinha e a sala de estar, está mais associada à primeira.

Entre a sala de estar e a zona dos quartos existe um pequeno **corredor**, em parte aberto para a sala, que intermedeia a relação entre o núcleo social (Dia) e o núcleo privado (Noite). O corredor dos quartos é desenhado recuado e resguardado em relação à sala. As portas dos quartos e dos quartos de banho não se encontram diretamente expostas para a zona de estar, pelo que as opções de desenho do espaço garantem um certo grau de privacidade ao interior destes compartimentos.

O espaço exterior do fogo, nomeadamente a varanda, relaciona-se diretamente com a zona de refeições (Figura 123), a sala de estar e o quarto principal. Esta disposição concede uma dinâmica própria a este espaço, pois tanto se relaciona com os espaços sociais como com os espaços privados. Esta associação de compartimentos diferencia o quarto principal dos restantes, dando-lhe alguma relevância na hierarquia, pois não está unicamente relacionado com o corredor.

---

37 “... a sala de estar é o coração do apartamento, à volta do qual os outros compartimentos se reúnem. Além disso, esta sala estende-se para uma varanda resguardada e abrigada que pode ser acedida pela cozinha e pelo quarto. A varanda torna-se um dos quartos. (...) A singularidade do espaço de estar central (...) é enfatizada pela diferenciação do pavimento utilizado neste espaço em relação aos restantes.” JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari, *Alvar Aalto: apartments*. Helsínquia: Rakennustieto, 2004, p.88.



Figura 126 - Planta piso de entrada. Escala 1:200.



Figura 127 - Planta piso inferior. Escala 1:200.

1. Átrio de entrada, 2. Cozinha, 3. Quarto, 4. Quarto de banho, 5. Sala, 6. Quarto de banho, 7. e 8. Quarto, 9. Átrio.      ■ Zona Comum    ■ Zona Serviço    ■ Zona Privada

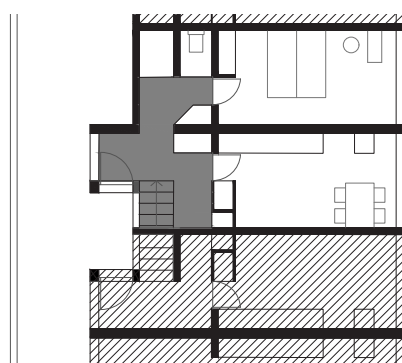


Figura 128 - Espaço intermédio piso de entrada. Escala 1:200.

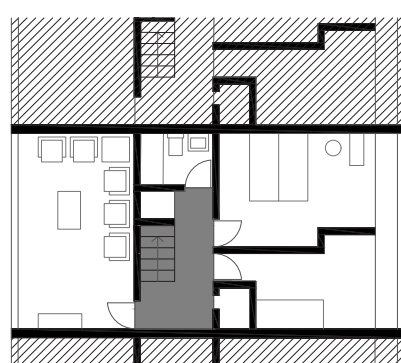


Figura 129 - Espaço intermédio piso inferior. Escala 1:200.

#### 4.2.3 A organização dos compartimentos através de um espaço que os antecede: Robin Hood Gardens)

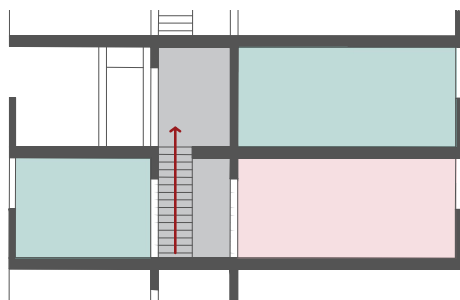


Figura 130 - Sistema de Organização por piso. Escala 1:200.



Figura 131 - Disposição dos compartimentos em relação com o exterior. Fonte: Diagrama de Alison e Peter Smithson's.

Embora o edifício de habitação plurifamiliar *Robin Hood Gardens* compreenda fogos de diferentes tipologias, para esta análise, a tipologia considerada é o T3 organizado em dois pisos – dúplex. Contrariamente às características gerais deste tipo de organização<sup>38</sup>, neste caso, os compartimentos não estão organizados por piso, segundo o sistema bipartido Dia/Noite (Figura 130). A distribuição do programa funcional parte da vontade de orientar os compartimentos de Noite para o espaço central exterior, e os compartimentos de Dia para o espaço urbano envolvente (Figura 131). Desta forma, esta organização garante maior tranquilidade e privacidade aos compartimentos privados (quartos) enquanto o espaço predominantemente social (sala) convive com o ambiente mais ruidoso. A cozinha, embora seja um compartimento de Dia, é voltada para o espaço central exterior, o que permite um controlo parental sobre as crianças que usufruam do espaço exterior coletivo<sup>39</sup>.

Neste caso, os principais espaços intermédios consistem no **átrio de entrada**, localizado no piso superior (Figura 128), e um outro **átrio**, localizado no piso inferior (Figura 129). É através destes dois átrios, relacionados entre si, que se organizam todos os compartimentos. Neste caso, os átrios são **colocados antes de todos os compartimentos** de Dia e Noite.

38 Tal como referido anteriormente, nas tipologias em dúplex a organização dos compartimentos por piso costuma coincidir com a divisão bipartida Dia/Noite. GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953, p.60.

39 Peter Smithson in JOHNSON, B.S., *The Smithsons on housing*, BBC Productions, 1970.

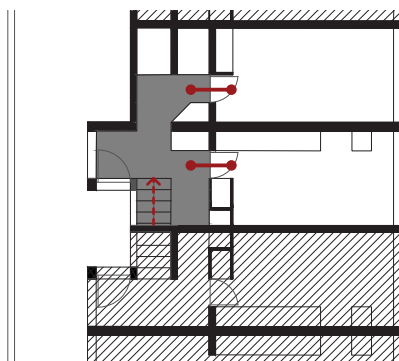


Figura 132 - Organização dos compartimentos a partir do  trio de entrada. Escala 1:200.

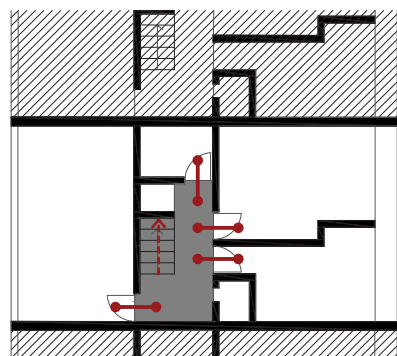


Figura 133 - Organização dos compartimentos a partir do átrio do piso inferior. Escala 1:200.

■ Espaços intermédios    - - - - - Relac  o entre espaços intermédios  
● - - - - - Articulação a partir do espaço intermédio



Figura 134 - Vista sobre o átrio de entrada a partir da galeria. Fonte: Smithson Family Collection.



Figura 135 - Sala de estar   Sandra Lousada.



Figura 136 - Varanda dos quartos   Kois Miah.

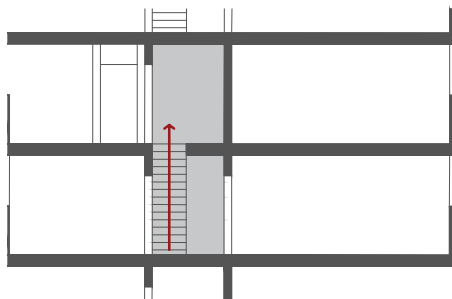


Figura 137 - Corte transversal. Relação entre os dois átrios. Escala 1:200.

O **átrio de entrada** situado no piso superior (Figura 134), permite o acesso à cozinha, a um quarto de dormir e quarto de banho e ao átrio do piso inferior (Figura 132). O acesso à cozinha e ao quarto são diferenciados pela proximidade com a porta de entrada. A porta da cozinha situa-se numa posição central em relação ao desenho do átrio, enquanto que as portas do quarto de dormir e banho são posicionadas num espaço que se configura como um segundo momento do átrio. As escadas que dão acesso ao segundo piso são colocadas junto à porta de entrada, o que permite encurtar a distância entre esta e os compartimentos do segundo piso. Desta forma, estabelece-se uma relação mais direta entre os dois átrios de distribuição (Figura 137).

O **átrio do piso inferior**, que ocupa uma posição central, permite o acesso à sala de estar, aos dois quartos de dormir e ao quarto de banho (Figura 133). Na proximidade imediata das escadas localiza-se a sala de estar (Figura 135) e no espaço de átrio adjacente, a entrada para os dois quartos e para o quarto de banho. De notar que a porta da sala e a porta dos quartos estão desfasadas, o que promove algum sentido de privacidade entre os compartimentos. Os quartos de dormir, adjacentes, possuem uma varanda partilhada, reforçando a proximidade destes espaços (Figura 136).

O facto dos átrios se colocarem sempre antes de qualquer compartimento, ou seja, como espaço de transição, permite uma certa individualização e autonomia das várias partes do fogo. No entanto, o espaço geral da habitação parece mais segmentado, o que, por sua vez, compromete a flexibilidade entre diferentes compartimentos e aumenta as áreas de circulação.





## **5. O desenho e o uso dos espaços intermédios: uma análise comparativa**



Figura 138 - Espaços de circulação e permanência em Hubertus House (1973-1981), Aldo Van Eyck, Amsterdão © Aldo Van Eyck.

As análises de cariz teórico-prático realizadas na presente dissertação permitem definir e identificar três escalas de espaços intermédios no contexto do edifício de habitação plurifamiliar. Tendo presente todos os momentos de análise realizados, o presente capítulo constitui uma síntese comparativa dos três casos de estudo, tendo como finalidade esclarecer os fatores de desenho que condicionam e influenciam o uso dos espaços intermédios.

Os espaços intermédios estão geralmente associados aos espaços de distribuição e articulação, por integrarem a distância percorrida entre dois espaços, logo implicam um sentido de **circulação**. No entanto, esta função pode ser complementada e os espaços intermédios podem comportar também um uso de **permanência**, tornando-se verdadeiros espaços de estar, capazes de gerar lugar e de suportar atividades. A capacidade dos espaços intermédios suportarem diferentes funções e usos está, de um modo geral, condicionado ao respetivo desenho. Resumidamente, identificam-se, assim, dois **usos** distintos: um que tem implícito um maior sentido de passagem - *circulação*, e outro que se aproxima de um espaço de estar - *permanência*.

Os espaços intermédios dos casos de estudo analisados revelam desenhos bastante distintos. No entanto, é possível notar alguns princípios comuns e características de desenho que têm repercussão no uso - *circulação* e/ou *permanência*, nomeadamente a **configuração**, o **posicionamento** e a **materialidade**. De certa forma, o âmbito do uso depende do domínio de determinado espaço, pelo que um desenho que clarifique o “grau de reclamação territorial e, simultaneamente, as formas de acessibilidade dos espaços adjacentes (...) introduz uma certa ordem no conjunto”<sup>1</sup>. Assim sendo, para além da funcionalidade do uso - *circulação/permanência* - apon-ta-se o domínio mais ou menos público/privado associado aos espaços intermédios.

Embora algumas das conclusões sejam mais evidentes nuns domínios do que nou-tros, em relação aos fatores enunciados, traçar uma narrativa comum e comparativa entre o uso dos diferentes espaços intermédios torna-se fundamental para reduzir a ambiguidade de cada um desses domínios.

---

1 HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.19.

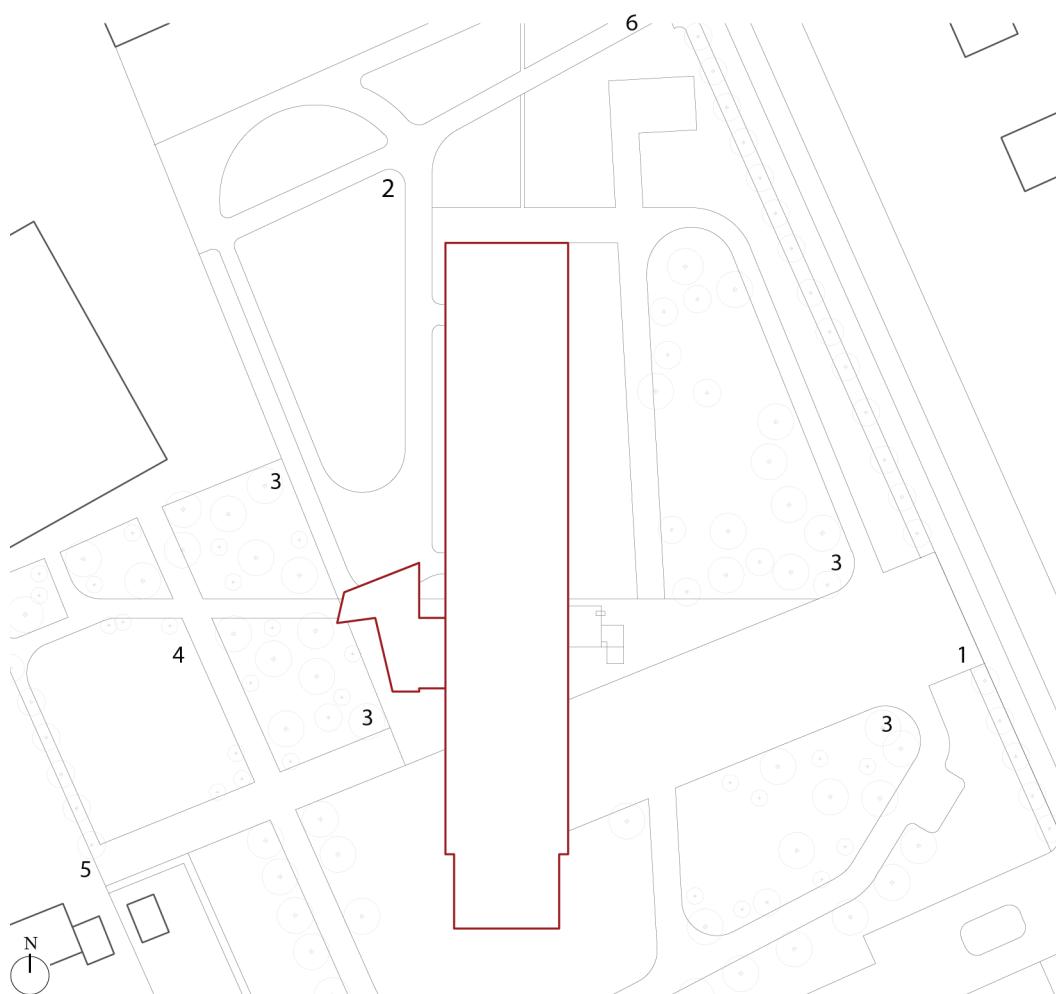


Figura 139 - Planta de Conjunto, Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:2000.

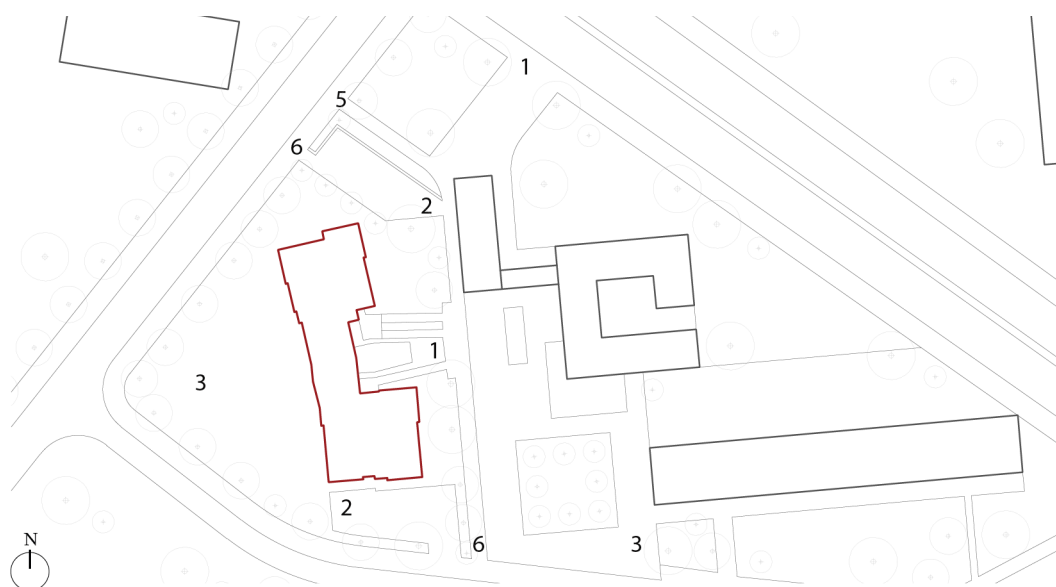


Figura 140 - Planta de Conjunto, Hansaviertel. Escala 1:1500.

1- Acesso Pedonal; 2- Estacionamento; 3- Espaço de permanência; 4- Recreio; 5- Acesso Secundário; 6- Acesso Automóvel

### 5.1. O impacto da configuração no uso dos espaços intermédios

A configuração de determinado espaço tem implicações diretas no respetivo uso. Ou seja, diferentes configurações originam diferentes comportamentos e apropriações. É através da configuração que se dimensionam e se conformam os espaços. Neste âmbito, a **área**, a **proporção** e a **acessibilidade** são factores determinantes para a análise dos usos e apropriação dos espaços intermédios.



Figura 141 - Planta de Conjunto, Robin Hood Gardens. Escala 1:2000.

#### [Área]

A área significativa dos **espaço intermédios na continuidade do espaço público**, permite a constante subdivisão destes espaços, que assim adquirem flexibilidade de usos e funções. Assim sendo, os acessos pedonais e automóveis (espaços de circulação) surgem geralmente dissociados, garantindo um maior conforto aos utilizadores. Para além disso, os casos analisados apresentam também zonas de estacionamento exteriores, espaços de piso permeável e impermeável com mais ou menos mobiliário urbano, áreas mais ou menos arborizadas e, ainda, espaços de recreio e jogo (espaço de permanência).

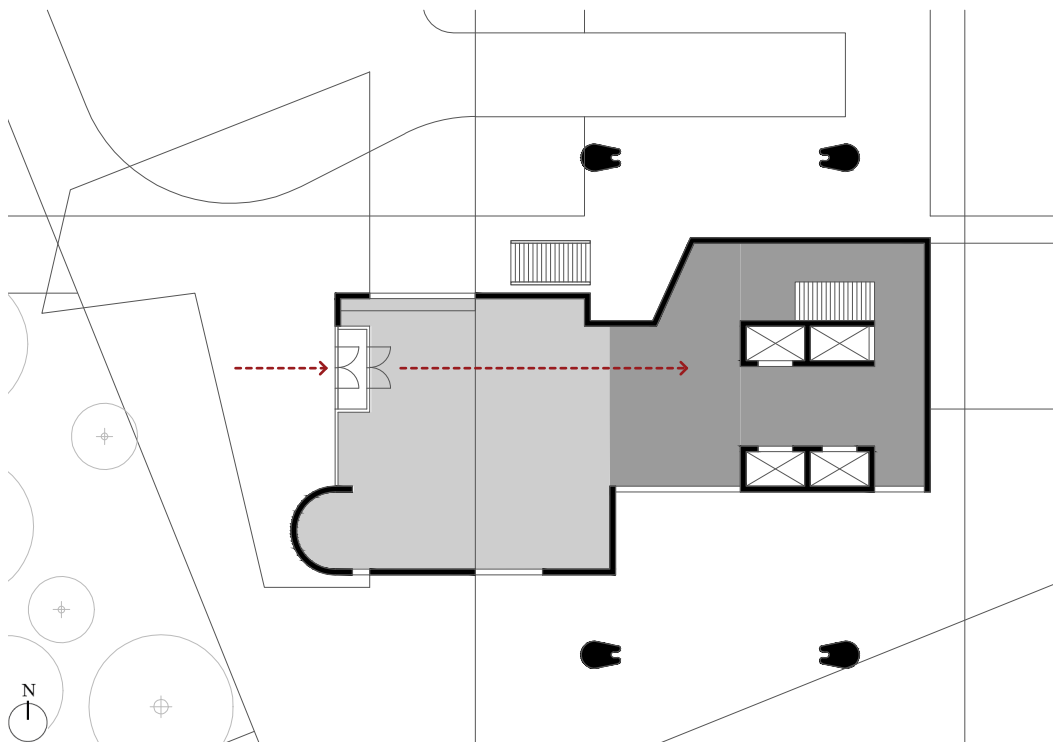


Figura 142 - Divisão do átrio de entrada na Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:500.

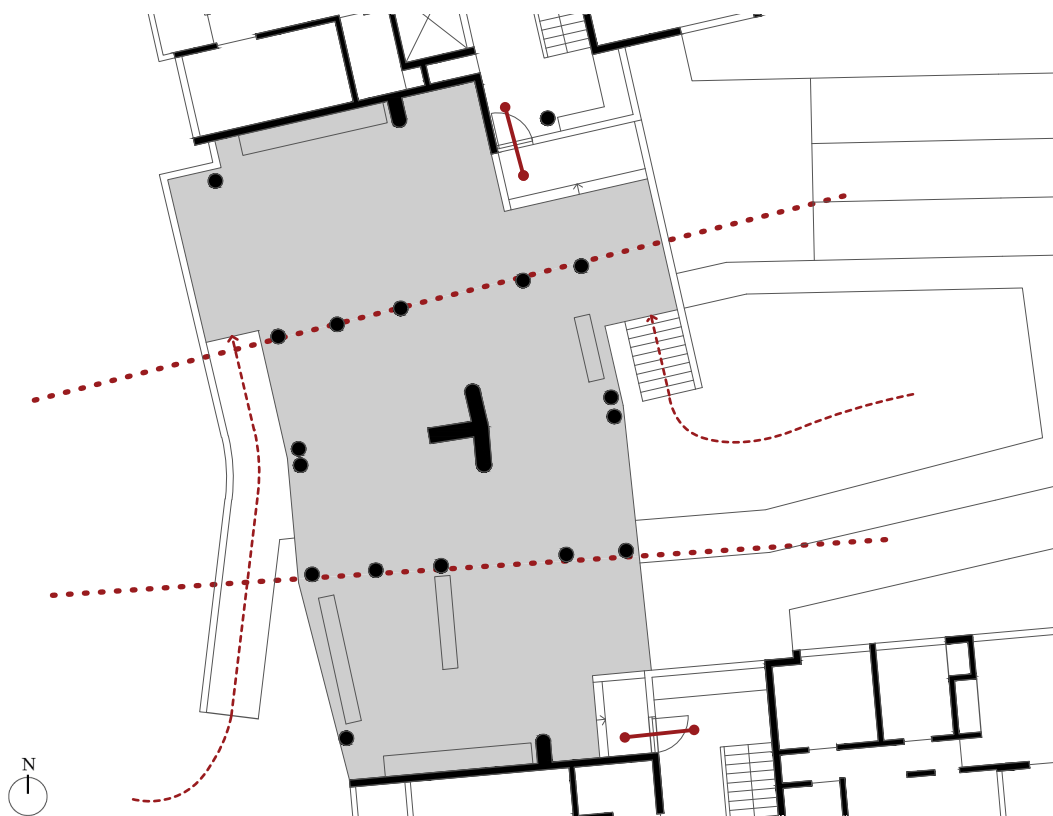


Figura 143 - Divisão do átrio de entrada em Hansaviertel. Escala: 1:200.

—●— Articulação com o interior    - - - - -> Percurso

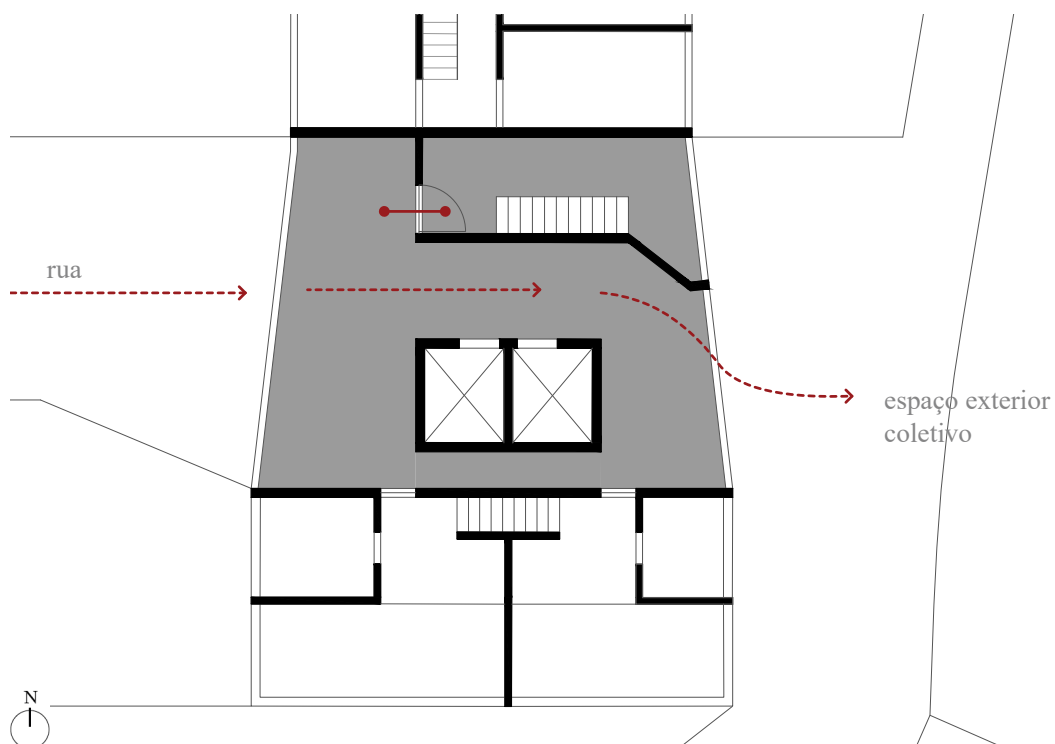


Figura 144 - Átrio de entrada em Robin Hood Gardens. Escala: 1:200.

Nos **espaços privados de uso coletivo** os átrios de entrada enquanto espaços intermédios apresentam nos três casos de estudos áreas bastante distintas. Na *Unidade de Habitação de Marselha*, o átrio de entrada apresenta dimensões consideráveis, tendo uma área útil de 610 m<sup>2</sup>. Comparativamente, o átrio de entrada do edifício de habitação plurifamiliar em *Hansaviertel* tem uma área útil de 160 m<sup>2</sup> e o do edifício de habitação *Robin Hood Gardens* apenas 25 m<sup>2</sup>. A diferença de área destes espaços é notória e tem consequências nos usos que proporcionam.

Enquanto em *Robin Hood Gardens* este espaço funciona apenas como espaço de circulação (Figura 144), nos restantes casos de estudo, o átrio suporta outras funções. Na *Unidade de Habitação de Marselha*, a área permite dividir o átrio em dois espaços: um junto ao pórtico de entrada, com carácter de permanência, e um outro, junto aos acessos verticais, de circulação (Figura 142). Em *Hansaviertel* é a própria estrutura do edifício (pilares) que subdivide o átrio em três momentos, estando cada um associado a diferentes núcleos (Figura 143). Os espaços a Norte e a Sul relacionam-se com as entradas dos núcleos respetivos e o espaço central articula estes dois acessos. Embora os diferentes espaços do átrio tenham associado um carácter distributivo, a área possibilita a colocação de mobiliário (bancos) que convida à permanência.





Figura 145 - Área do vestíbulo/nicho, Robin Hood Gardens. Fonte: Flickr user © Seier + Seier.

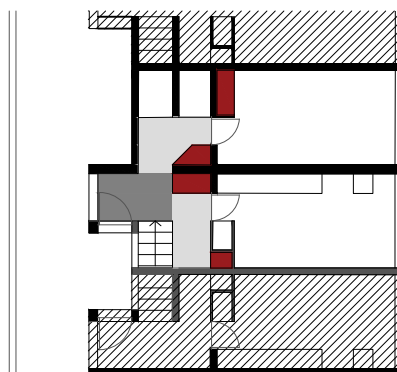


Figura 147 - Átrio de entrada, Robin Hood Gardens. Escala 1:200.



Figura 146 - Amplitude da cobertura na Unidade de Habitação de Marselha © René Burri.

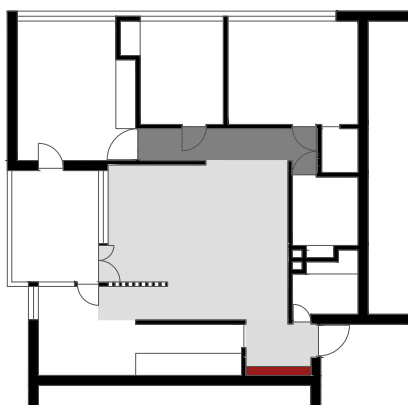


Figura 148 - Átrio de entrada, Hansaviertel. Escala 1:200.

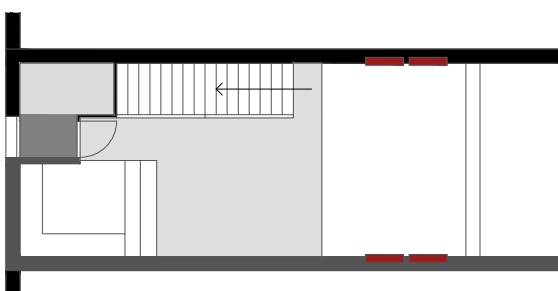


Figura 149 - Átrio de entrada, Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:200.

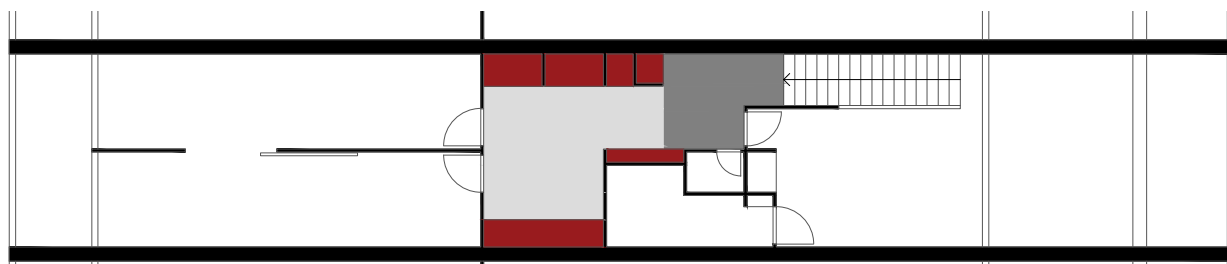


Figura 150 - Espaço intermédio no piso superior, Unidade Habitação Marselha. Escala 1:200.

■ Zona de passagem com armazenamento ■ Zona de passagem ■ Mobiliário de apoio

Em relação aos restantes espaços intermédios deste domínio, em *Robin Hood Gardens* os restantes espaços intermédios servem mais funções, pois a área da galeria e dos vestíbulos/nichos permite conceber maior flexibilidade e conforto aos diferentes usos (Figura 145). Nos restantes casos verifica-se uma racionalização da área dos espaços distributivos junto aos fogos, reduzindo o seu carácter ao de circulação e impossibilitando a sua utilização enquanto espaços complementares ao espaço doméstico.

De certa forma, a redução dos espaços de distribuição contíguos aos fogos na *Unidade de Habitação de Marselha* e em *Hansaviertel* é complementada pela existência de outros espaços intermédios no interior do edifício, facto que não se verifica em *Robin Hood Gardens*. Na cobertura da *Unidade de Habitação de Marselha*, por exemplo, os espaços têm uma área considerável, existindo diversos equipamentos que possibilitam diversos usos e atividades (Figura 146).

No âmbito do **espaço privado**, os espaços intermédios com maior área integram algumas zonas de armazenamento<sup>2</sup>. Para além disso, alguns destes espaços possibilitam uma subdivisão espacial e funcional com diferentes caracteres. No átrio de entrada do fogo da *Unidade de Habitação de Marselha* (5 m<sup>2</sup>) é possível identificar dois espaços: um que estabelece a transição entre a galeria e o interior do fogo e outro, adjacente, que assume a função de armazenamento (Figura 149). O espaço intermédio do piso superior tem uma área que permite uma maior flexibilidade de usos (Figura 150). Em *Hansaviertel*, o átrio de entrada do fogo, embora com menor área (2,5 m<sup>2</sup>), mantém a possibilidade de armazenamento através de um móvel de apoio (Figura 148).

Em *Robin Hood Gardens*, este espaço tem uma configuração mais alongada e uma área significativa (5 m<sup>2</sup>), permitindo criar várias zonas, quer de armazenamento, quer de carácter meramente distributivo (Figura 147). Neste caso, identificam-se dois espaços: um mais relacionado com a entrada; e outro que precede a cozinha, onde são colocados vários móveis de apoio. Salienta-se ainda o desenho de uma antecâmara associada ao quarto do piso superior, que articula o átrio de entrada, o quarto, o quarto de banho e uma zona de armazenamento.

---

2 A integração de mobiliário embutido patente nos três casos de estudo é fruto da racionalização e otimização do espaço doméstico. Pensar a configuração de um espaço tendo em conta o mobiliário que o pode vir a ocupar, de acordo com a sua função, permite garantir um maior conforto aos compartimentos. GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953.

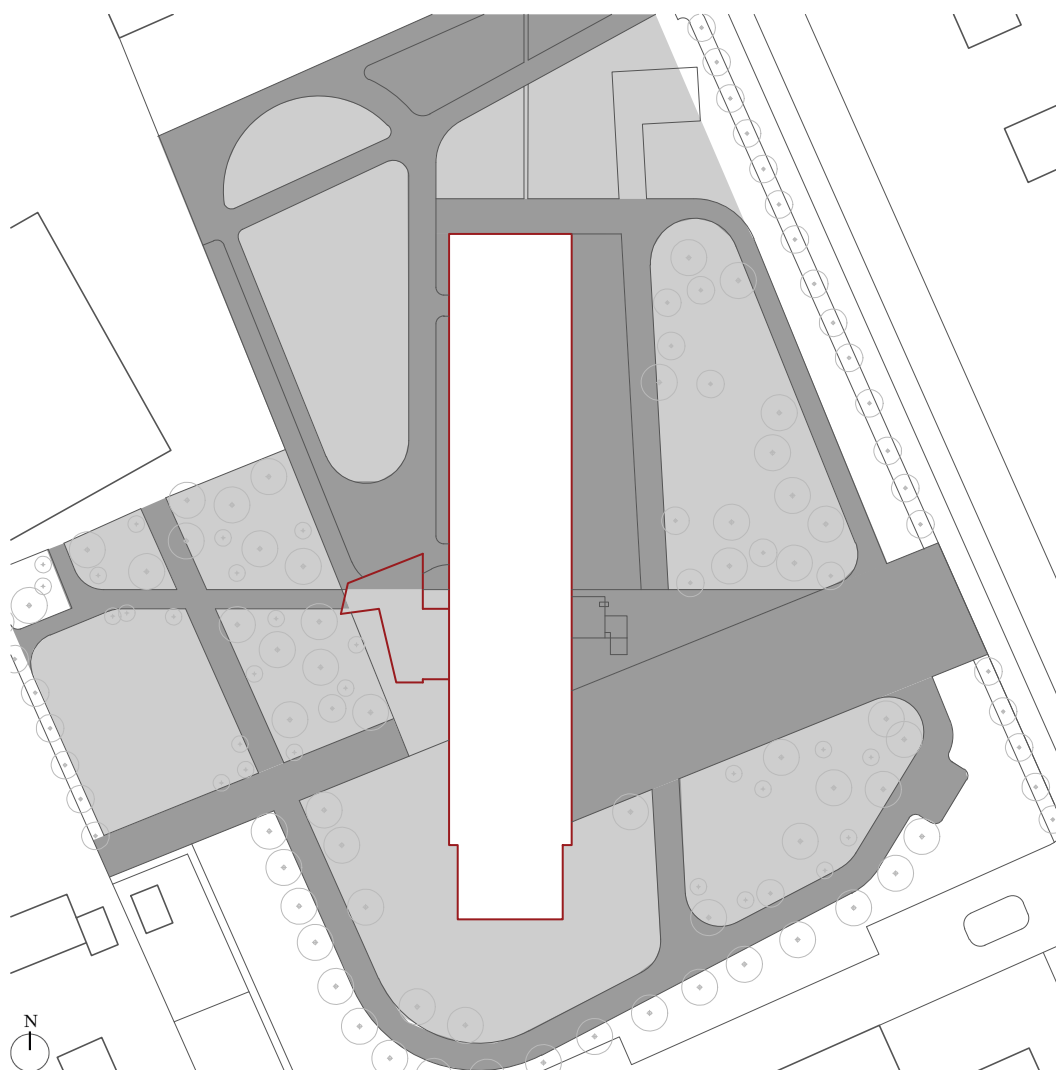


Figura 151 - Espaços de circulação e permanência. Unidade de Habitação Marselha. Planta Escala 1:2000.

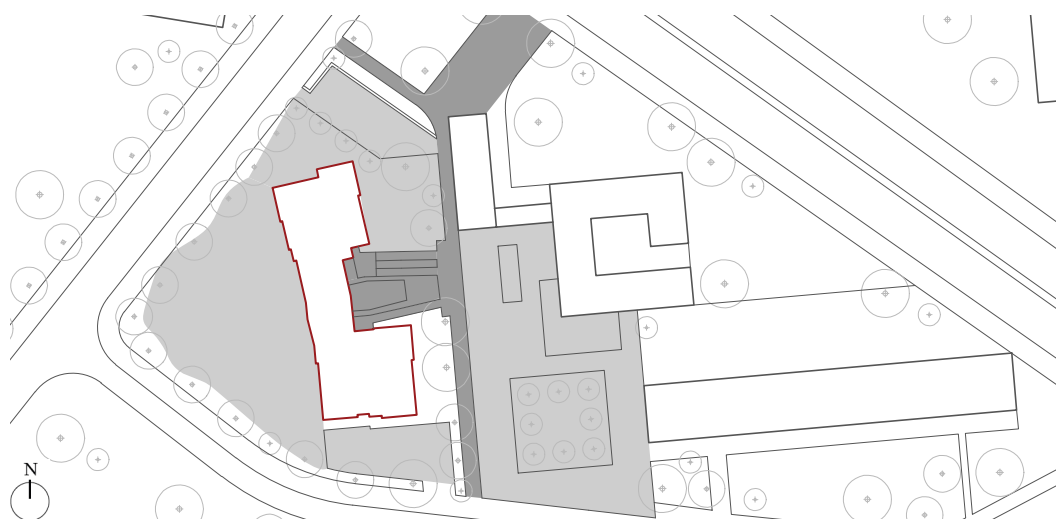


Figura 152 - Espaços de circulação e permanência em Hansaviertel. Planta Escala 1:1500.

■ Espaço de passagem    ■ Espaço de permanência



Figura 153 - Espaços de circulação e permanência em Robin Hood Gardens. Planta Escala 1:2000.

#### [Proporção]

Para além da área, a proporção também consiste num factor fundamental para determinar o uso dos espaços intermédios. Nos casos de estudo analisados nota-se que os espaços de circulação são, regra geral, mais extensos, pois representam um *caminho/percurso* entre dois lugares. Por contraponto, os espaços de permanência são *lugares de paragem* e, como tal, o seu desenho diferencia-se, pressupondo menos comprimento e maior largura. De certo modo, é possível constatar que quanto mais equitativa é a relação entre o compartimento, a largura e a altura, maior é o sentido de permanência dos espaços intermédios.

Nos **espaços intermédios na continuidade do espaço público** é notória uma grande diferenciação no dimensionamento dos espaços de circulação e de permanência. Como se verifica nas plantas (Figura 151, Figura 152 e Figura 153), em todos os casos de estudo, os espaços com maior sentido de permanência são, precisamente, aqueles em que se verifica uma dimensão equitativa dos seus limites. Na *Unidade de Habitação de Marselha* destacam-se o parque infantil e o espaço adjacente à entrada do edifício. Em *Hansaviertel* é possível diferenciar igualmente dois espaços, nomeadamente o espaço relvado a Oeste e a praça comum aos três edifícios que constituem o quarteirão. Por sua vez, em *Robin Hood Gardens*, o espaço de permanência é o espaço exterior coletivo, delimitado pelos dois edifícios do conjunto.

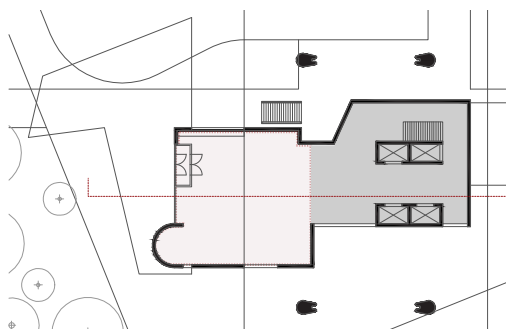


Figura 154 - Átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Planta Escala 1:1000.

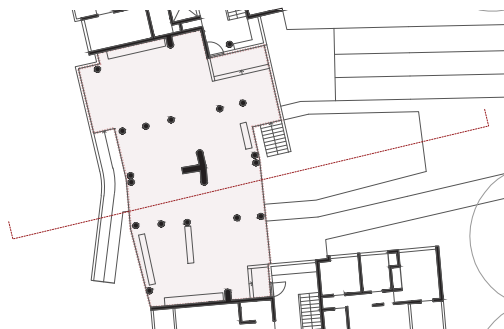


Figura 155 - Átrio de entrada, Hansaviertel. Planta Escala 1:500.

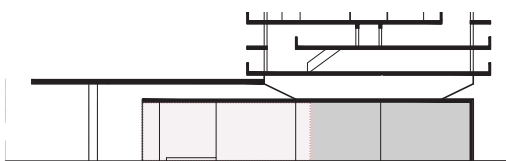


Figura 156 - Átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:1000.

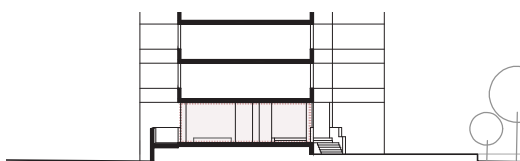


Figura 157 - Átrio de entrada, Hansaviertel. Corte transversal Escala 1:500.

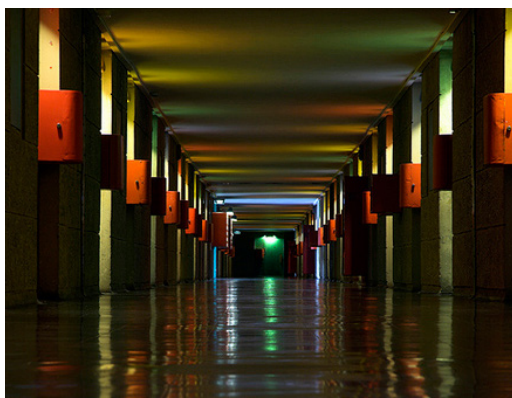


Figura 158 - Galeria interna, Unidade de Habitação de Marselha. © James Burns.



Figura 159 - Galeria 8º piso, Unidade de Habitação de Marselha. © Pascal Poggi.

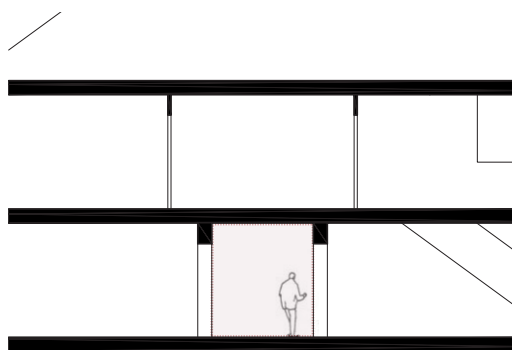


Figura 160 - Galeria interna, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:200.

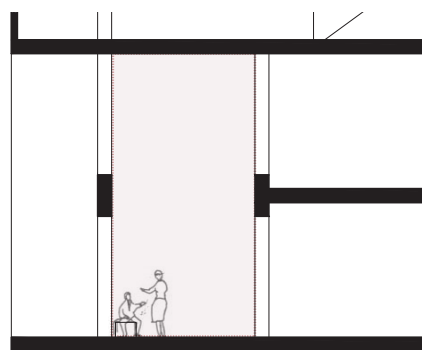


Figura 161 - Galeria 8º piso, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:200.



O dimensionamento dos **espaços intermédios no espaço privado de uso coletivo** varia de acordo com a categoria em que estes se inscrevem: espaços que marcam os acessos, como átrios de entrada do edifício e vestíbulos/nichos adjacentes à entrada dos fogos; ou espaços que os articulam, nomeadamente, os espaços de distribuição e circulação. Na *Unidade de Habitação de Marselha* e no edifício de habitação plurifamiliar em *Hansaviertel*, a relação entre o compartimento e a largura dos átrios de entrada é bastante equitativa, contrariamente, aos restantes espaços de distribuição. Como tal, estes espaços adquirem um carácter de maior apropriação e permanência, reforçado pelo conforto promovido pela colocação de mobiliário (bancos).

Relativamente à *Unidade de Habitação de Marselha*, importa referir a diferente proporção entre a galeria interna, adjacente aos fogos, e a galeria na fachada, junto aos espaços de serviço. Enquanto que na primeira a largura é reduzida, na segunda é mais significativa para reforçar o sentido de uso coletivo e permanente. Contrariamente, em *Robin Hood Gardens* é nos vestíbulos entre a galeria e a entrada nos fogos que se verifica um maior sentido de permanência (Figura 163). Embora estejam, em parte, associados à galeria (espaço de grande extensão), enquanto espaços independentes/próprios, apresentam dimensões (comprimento, largura e altura) aproximadas e, portanto, criam-se condições propícias ao convívio entre habitantes (Figura 162).

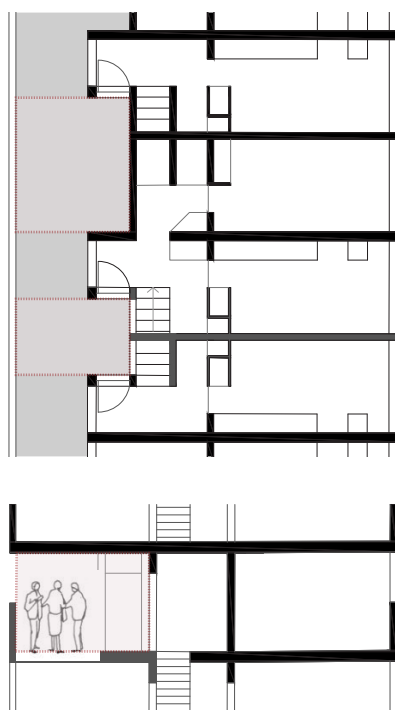


Figura 162 - Dimensionamento do vestíbulo/nicho. Planta e Corte transversal. Escala 1:200.



Figura 163 - Dimensionamento do vestíbulo/nicho, Robin Hood Gardens. Autor desconhecido.

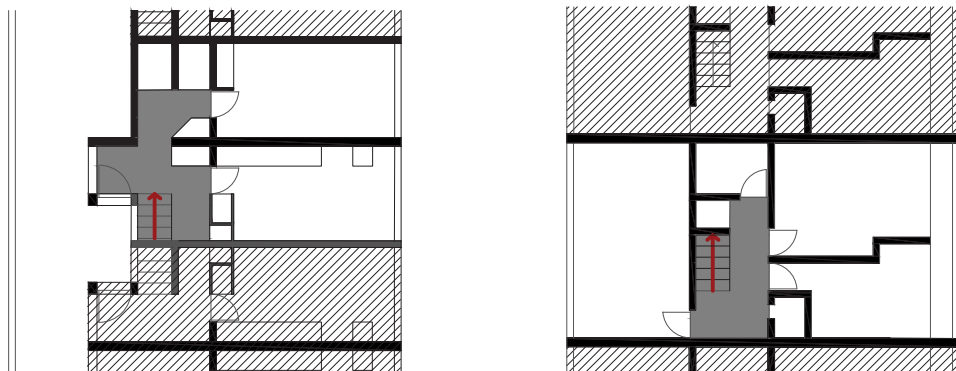


Figura 164 - Relação entre os átrios (espaços de distribuição) e os diferentes compartimentos. Robin Hood Gardens. Escala 1:200.

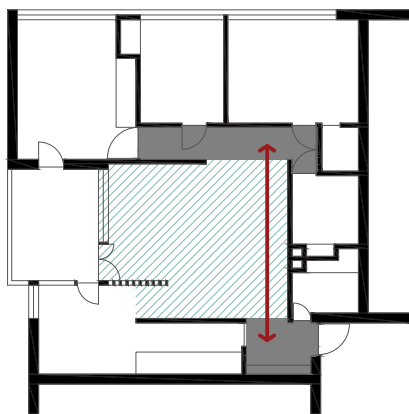


Figura 165 - Relação entre os átrios (espaços de distribuição) e os diferentes compartimentos. Hansaviertel. Escala 1:200.

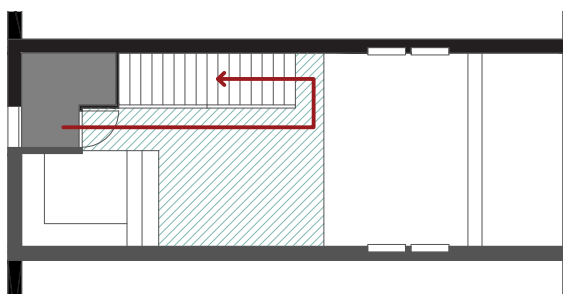


Figura 166 - Relação entre os átrios (espaços de distribuição) e os diferentes compartimentos. Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:200.

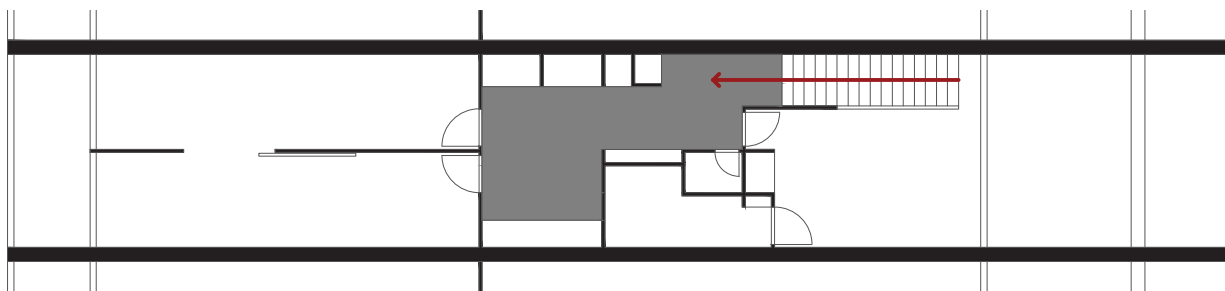


Figura 167 - Relação entre os átrios (espaços de distribuição) e os diferentes compartimentos. Unidade Habitação Marselha. Escala 1:200.





Figura 168 - Vista do corredor dos quartos sobre os espaços sociais do fogo, Hansaviertel © Willy Pragher.

Importa salientar que desenhar um espaço com privacidade e conforto não está apenas dependente do sistema distributivo adoptado. A dinâmica associada a cada acesso fica complementada e submetida ao modo como se configuram esses espaços e, como tal, o dimensionamento destes e a respetiva articulação com o fogo assumem particular relevância<sup>3</sup>.

De modo semelhante, o uso **dos espaços intermédios no espaço privado** está relacionado com a utilização de átrios ou corredores no âmbito do espaço doméstico. Enquanto os átrios são espaços com dimensões aproximadas, os corredores pressupõem, naturalmente, uma maior extensão. Na *Unidade de Habitação de Marselha* e no edifício de habitação *Robin Hood Gardens*, os átrios enquanto espaços intermédios assumem maior sentido de permanência, reforçado pela integração de algum mobiliário. Por sua vez, em *Hansaviertel*, identificam-se duas situações distintas: uma no átrio de entrada, um espaço de paragem com algum mobiliário de apoio, e outra no corredor entre a zona de estar e a zona dos quartos, que, dada a sua configuração estreita, se assume como um espaço apenas de passagem.

Nesta escala e, em particular nos casos de estudo apresentados, o uso dos átrios de entrada não se revela propício a uso de permanência. De certa forma, a área e a proporção destes espaços intermédios apresenta-se como complementar às divisões do espaço doméstico. Assim sendo, a proporção destes espaços acaba por estar relacionada com o sistema de organização e o número de compartimentos do fogo.

---

3 Em Robin Hood Gardens, por exemplo, o modo como se articulam as galerias com o núcleo dos acessos verticais e as ligeiras torções do edifício permitem, simultaneamente, reduzir o número de fogos por secção e tornar o comprimento, aparentemente, mais curto.

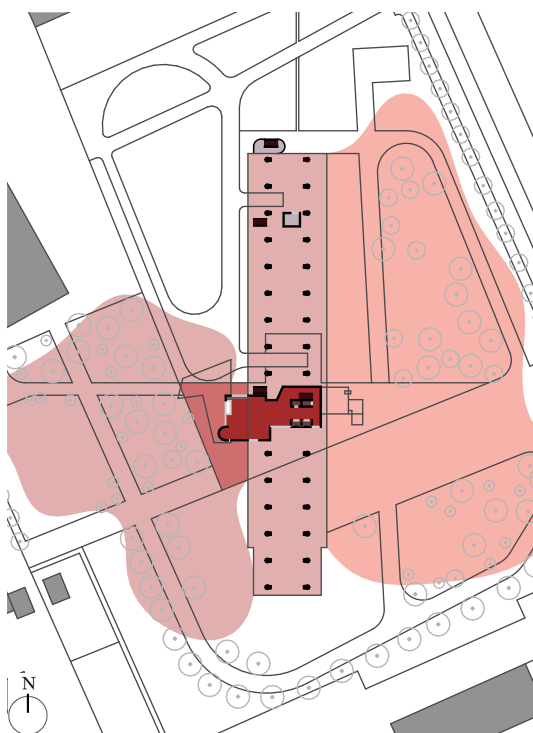


Figura 169 - Transição gradual entre domínios. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:3000.

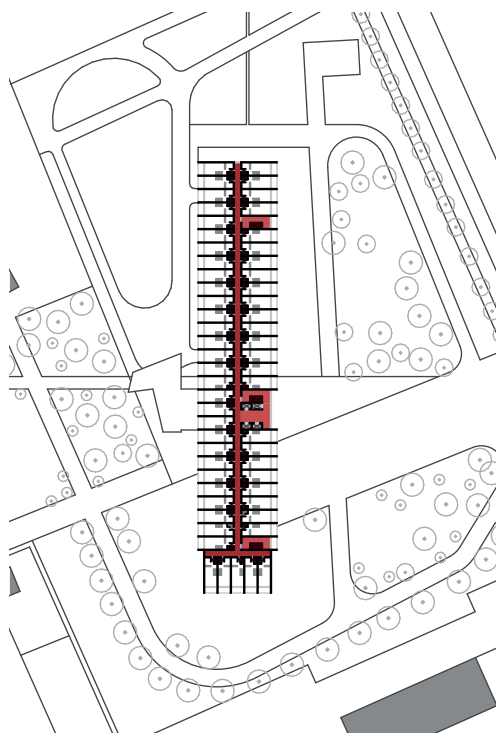


Figura 170 - Transição gradual entre domínios. Hansaviertel. Escala 1:1000.

Público  Privado

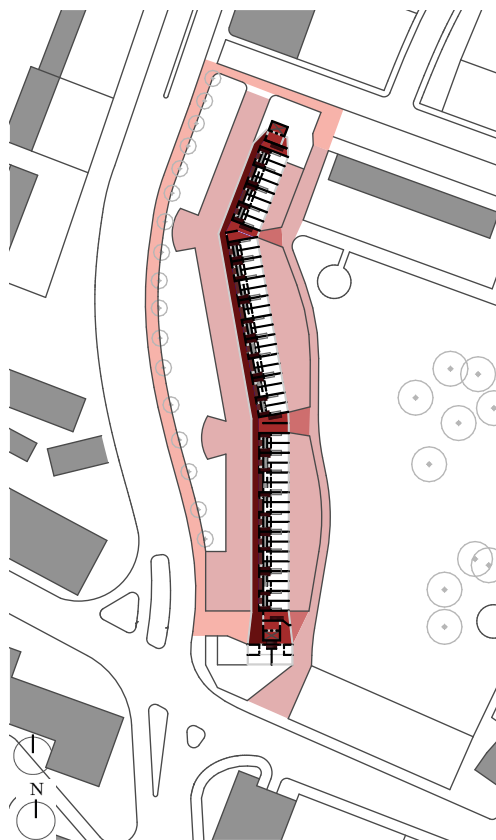


Figura 171 - Transição gradual entre domínios. Robin Hood Gardens. Escala 1:2000.

[Acessibilidade]

Uma leitura integral dos vários domínios de espaços intermédios nos edifícios analisados permite constatar que a configuração dos acessos influenciam o domínio destes espaços. De certa forma, os espaços podem ser considerados mais ou menos públicos ou privados de acordo com o grau de acessibilidade, supervisão, controlo/gestão e uso<sup>4</sup>, sendo notória uma transição gradual do domínio público ao domínio privado. Neste sentido, a configuração dos acessos torna-se crucial para definir o grau de acessibilidade e o uso dos espaços intermédios.

No que diz respeito aos acessos dos **espaços intermédios na continuidade do espaço público**, é notório as diferentes abordagens utilizadas em cada um dos casos de estudo. Na *Unidade de Habitação de Marselha*, como o edifício se implanta no meio do quarteirão – bloco autónomo<sup>5</sup> - a relação entre a rua e o edifício é mais assumida, havendo uma ideia de continuidade entre ambos. O controlo e distanciamento entre os domínios é marcado pela presença de uma linha de árvores, interrompida nos locais dos acessos pedonais e automóveis. Ainda assim, os acessos, em especial o acesso Este, têm um dimensionamento considerável, desenhando-se de modo bastante permeável e acessível relativamente ao espaço público.

O mesmo pode ser verificado no edifício de habitação plurifamiliar em *Hansaviertel*, caracterizado por acessos também diferenciados com escalas distintas. A Este, um espaço com carácter mais público, pela acessibilidade e proximidade com as infraestruturas viárias e com os restantes edifícios. O espaço situado a Oeste, mais privado, é delimitado por uma linha de árvores que, de certa forma, evoca a noção de limite. Como o espaço Este comporta os acessos entre a rua e a entrada do edifício, o desenho que apresenta aproxima-se de um espaço de circulação, enquanto o espaço Oeste, mais restrito que o primeiro, tem um uso, maioritariamente, de permanência. Ainda que não exista uma dinâmica entre frente-tardoz<sup>6</sup>, o desenho dos acessos e o uso que se propicia evoca, de algum modo, essa noção.

Por oposição, no caso do edifício de habitação plurifamiliar *Robin Hood Gardens* que se implanta de forma linear, ao longo dos limites do quarteirão<sup>7</sup>, verifica-se um

---

4 HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p. 14.

5 Ver capítulo 1, página 51.

6 Relação que é própria da cidade tradicional.

7 Ver capítulo 1, página 61.



Figura 172 - Pala que antecede o átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha © Paul Kozlowski.



Figura 173 - Aproximação ao átrio de entrada em Hansaviertel © Seier + Seier.



Figura 174 - Percurso entre a rua e a entrada, Robin Hood Gardens © Joe Gilbert.

espaço intermédio que se localiza entre os edifícios que conformam este conjunto. Neste caso, os edifícios definem a acessibilidade deste espaço, possibilitando dotá-lo de um sentido mais privado e exclusivamente permanente que nos casos anteriores.

No **espaço privado de uso coletivo** é sobretudo o átrio de entrada, localizado no piso térreo, o espaço intermédio que estabelece o principal acesso. No entanto, tratando-se de um edifício de habitação plurifamiliar, destinado a um grupo restrito de habitantes, o modo como se configura este acesso torna-se crucial na promoção de conforto e privacidade. O átrio de entrada representa a articulação entre o público e o privado coletivo e, como tal, importa perceber até onde este se prolonga e se este parte do interior ou do exterior<sup>8</sup>. Segundo Herman Hertzberger, o prolongamento dos limites de um espaço representa uma demarcação territorial, ou seja, uma extensão de um domínio sobre o outro<sup>9</sup>, e pode ser feito com o recurso de alguns elementos arquitetónicos como palas, pórticos, patamares, vestíbulos, entre outros. A marcação do átrio de entrada parece assim fundamental, pois orienta e conduz o habitante.

Na *Unidade de Habitação de Marselha*, o átrio de entrada é antecedido por uma pala (Figura 172). Este elemento estabelece um prolongamento do espaço interior sobre o exterior, reforçado pelo corta-vento envidraçado, sendo criado um primeiro momento de permanência. No edifício em *Hansaviertel*, o espaço que antecede o átrio de entrada está pensado de maneira inversa, pelo que se estabelece um prolongamento do espaço exterior envolvente através de diferentes patamares (Figura 173), que promovem uma transição gradual entre escalas. O átrio de entrada em *Robin Hood Gardens* não se estende nem sobre o espaço interior, nem sobre o exterior (Figura 174). O átrio de entrada consiste num espaço de circulação entre o espaço público, o espaço privado exterior e os espaços coletivos no interior do edifício.

O acesso aos **espaços intermédios no espaço privado** estabelece-se, maioritariamente, através de uma porta de dimensões reduzidas, que pode ser colocada de forma mais ou menos resguardada, promovendo maior ou menor privacidade.

---

8 MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006.

9 HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.35.

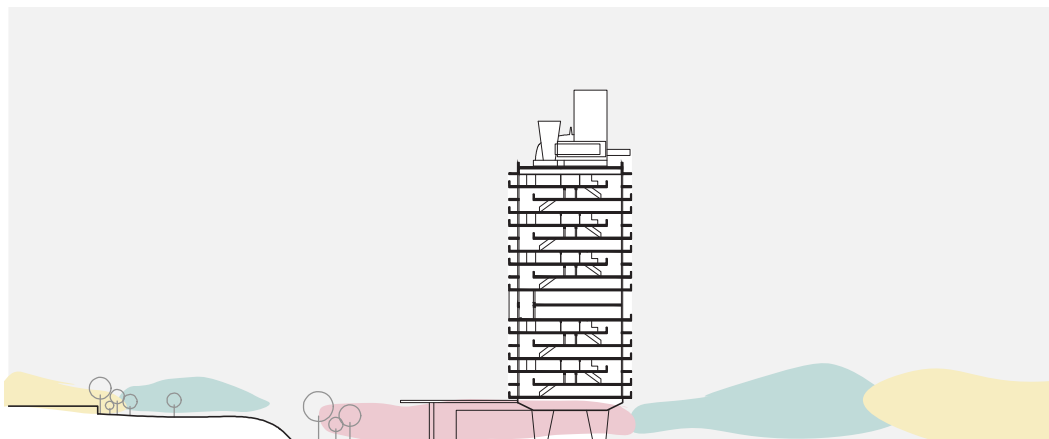


Figura 175 - Posicionamento da Unidade de Habitação de Marselha dentro do quarteirão. Escala 1:2000

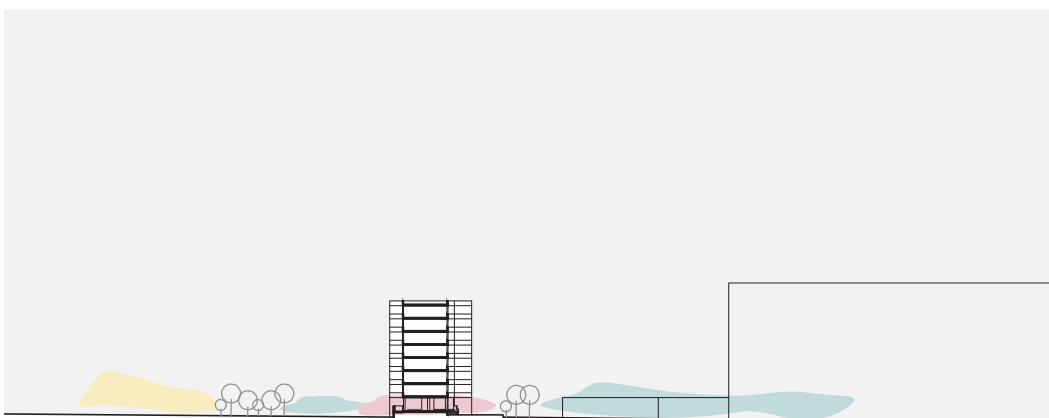


Figura 176 - Posicionamento do edifício de habitação em Hansaviertel dentro do quarteirão. Escala 1:1500.

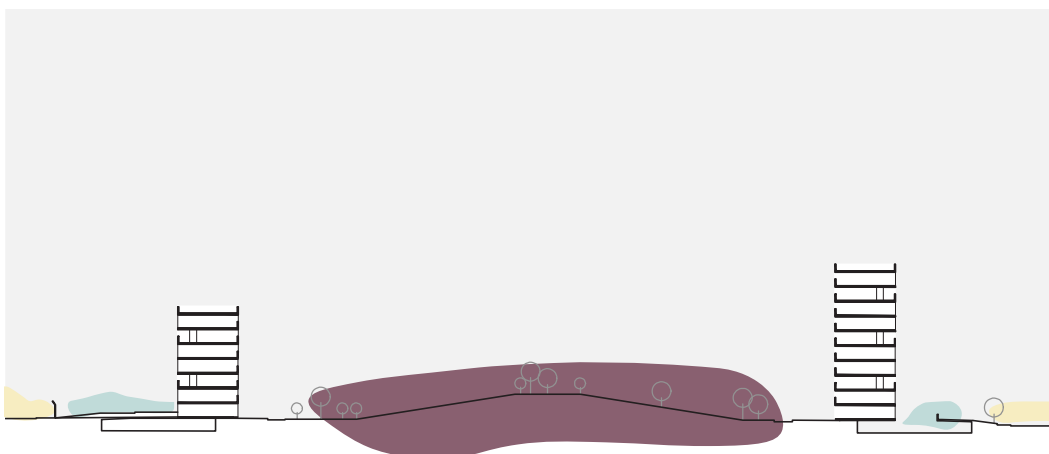


Figura 177 - Posicionamento do conjunto Robin Hood Gardens dentro do quarteirão. Escala 1:1500.

Domínio público 1ª Envolvente 2ª Envolvente Interior do quarteirão



## 5.2. O posicionamento e as demarcações territoriais entre o público e o privado

O posicionamento de um espaço intermédio na relação exterior/interior e público/privado é outro fator que se considera como fundamental para definir as relações que se estabelecem entre habitantes, nesse espaço. Destacam-se, neste contexto, a **distância** (relação física e visual) a que os espaços intermédios se posicionam relativamente aos domínios que articulam e a consequente **iluminação**.

[Distância]

De certa forma, a distância física face ao domínio público influencia o carácter privado e confortável dos espaços intermédios. A articulação gradual de escalas permite equilibrar a relação entre a sociabilização e a intimidade, condições essenciais ao bom relacionamento humano. De um modo geral, é dentro do fogo que os espaços intermédios se tornam menos incertos, por terem definidos os respetivos utilizadores .

**Na continuidade do espaço público** é notório que os espaços intermédios analisados procuram garantir privacidade e conforto através da distância face ao espaço público circundante. Nesta escala, a implantação e a morfologia do edifício têm um papel fundamental, pois a posição que os edifícios ocupam dentro do quarteirão condiciona o uso (circulação ou permanência) e o carácter (público ou privado) dos espaços intermédios.

Na *Unidade de Habitação de Marselha* (Figura 175) e em *Hansaviertel* (Figura 176), a posição dos edifícios dentro do quarteirão torna os espaços intermédios do domínio público mais ambíguos e menos definidos, uma vez que estes se encontram em constante relação com a envolvente mais abrangente. Nestes casos, estes espaços ganham um sentido mais privado, gradualmente, à medida que se aproximam do átrio de entrada. Por sua vez, como em *Robin Hood Gardens* os edifícios se colocam entre a rua e o principal espaço intermédio exterior - o interior do quarteirão, promovem um carácter mais privado que nos casos anteriores (Figura 177). A opção de valorizar a privacidade do espaço exterior coletivo em prol do átrio de entrada pode justificar-se pelo facto de, neste edifício, se optar por tornar os espaços exteriores mais propícios à sociabilização. Para além disso, enquanto estes espaços intermédios na *Unidade de Habitação de Marselha* e em *Hansaviertel* pressupõem um uso de circulação, por representarem o acesso ao edifício, complementado por zonas de permanência, em *Robin Hood Gardens* predomina o



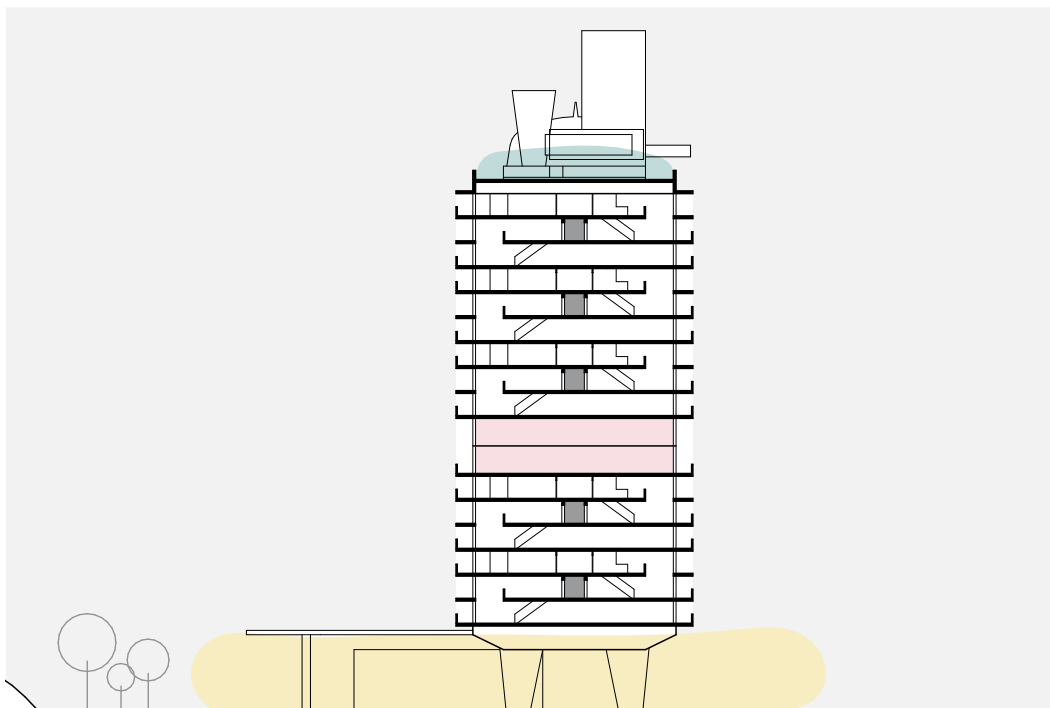


Figura 178 - Distância dos espaços intermédios coletivos de uso privado face ao espaço exterior. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:1000.

■ Espaço exterior ■ Galeria piso dos fogos ■ Espaços coletivos ■ Equipamentos na cobertura

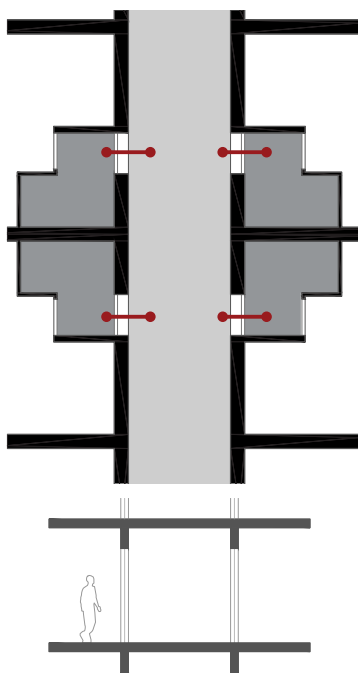


Figura 179 - Acesso aos fogos, Unidade Habitação Marselha. Planta e corte Escala 1:200.

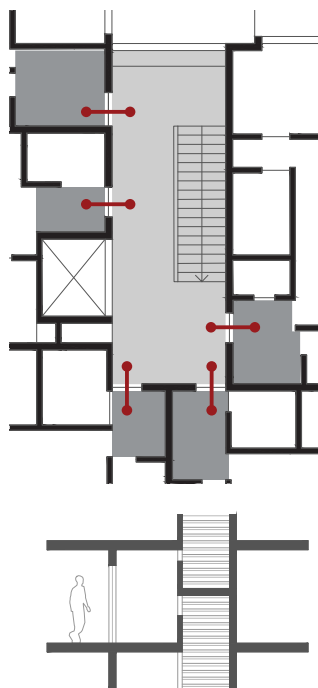


Figura 180 - Acesso aos fogos, Hansaviertel. Planta e corte Escala 1:200.

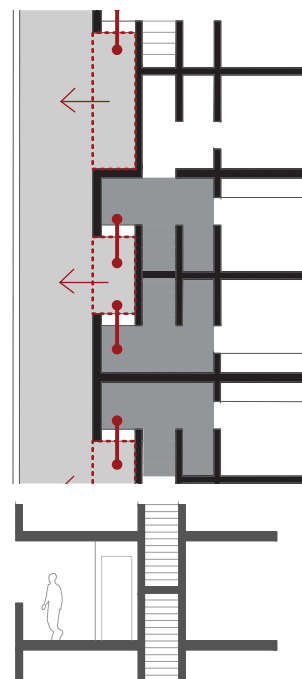


Figura 181 - Acesso aos fogos, Robin Hood Gardens. Planta e corte Escala 1:200.

■ Átrio de entrada dos fogos ■ Átrio dos acessos verticais ● Articulação

uso, maioritariamente, de permanência.

Nos **espaços intermédios privados de uso coletivo**, o sentido de privacidade decorre, de certa forma, da aproximação gradual aos fogos. No entanto, como nestes espaços há um maior controlo dos utilizadores<sup>10</sup>, o sentido de uso está associado tanto à distância face ao espaço exterior público como face à entrada dos fogos. Assim sendo, neste domínio, o uso mais ou menos permanente destes espaços intermédios procura preservar a intimidade e tranquilidade própria do espaço doméstico. Cada um dos casos de estudos revela soluções de desenho bastante diversas que vão de encontro a estas ideias.

Na *Unidade de Habitação de Marselha*, o espaço intermédio neste domínio com maior carácter de permanência é o espaço localizado na cobertura do edifício, sentido que é reforçado pela existência de vários equipamentos coletivos (Figura 178). Este espaço é o mais distanciado fisicamente do espaço público e, simultaneamente, mais distante da entrada dos fogos. Neste sentido, as galerias de distribuição dos pisos com habitação e a galeria do 8º piso<sup>11</sup> refletem esta preocupação em desenhar espaços de permanência privados sem pôr em causa a intimidade dos fogos: enquanto a galeria dos pisos dos fogos pressupõe maior circulação, pela proximidade com a entrada dos espaços domésticos, a galeria do 8º piso apresenta um uso mais permanente.

Neste edifício, a articulação entre os fogos e o espaço de distribuição (galeria interior) é direta, sem um espaço que se coloque entre as escalas privada e coletiva (Figura 179). No edifício de habitação plurifamiliar em *Hansaviertel*, a transição entre domínios assemelha-se, sendo o átrio de distribuição de piso o primeiro espaço na articulação com o interior doméstico. De modo inverso, a galeria de distribuição em *Robin Hood Gardens*, espaço intermédio mais distante do espaço público e adjacente aos fogos, apresenta um maior sentido de apropriação e um forte sentido de permanência. Esta situação parece justificar-se pela presença do vestíbulo/nicho que permite distanciar a galeria da entrada do fogo. Neste caso, o desenho da articulação entre a galeria e o fogo permite preservar a intimidade do espaço doméstico.

---

10 Considera-se que há um maior controlo de utilizadores, na medida em que o acesso a estes espaços é mediado pelo átrio de entrada e, como tal, têm naturalmente implícito um sentido mais privado que os espaços intermédios na continuidade do espaço público.

11 Galeria que está associada aos espaços coletivos de serviço, comércio e restauração.

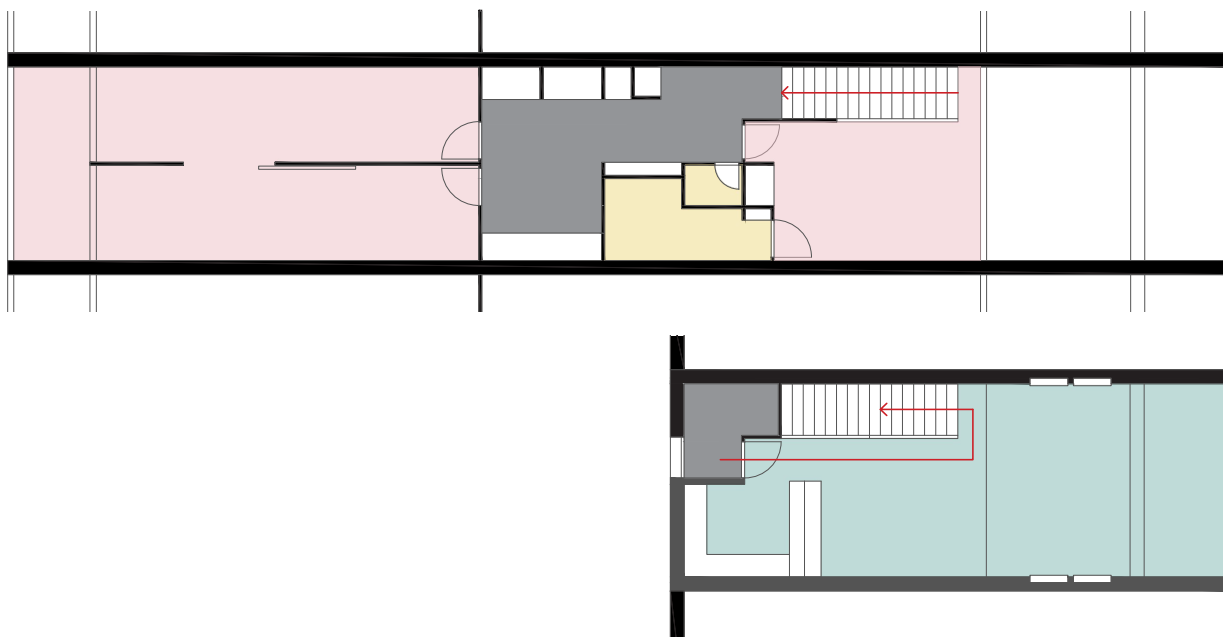


Figura 182 - A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Plantas piso superior (cima) e inferior (baixo). Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:200.

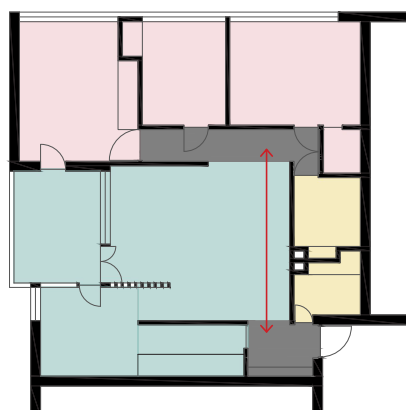


Figura 183 - A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Plantas fogo, Hansaviertel. Escala 1:200.

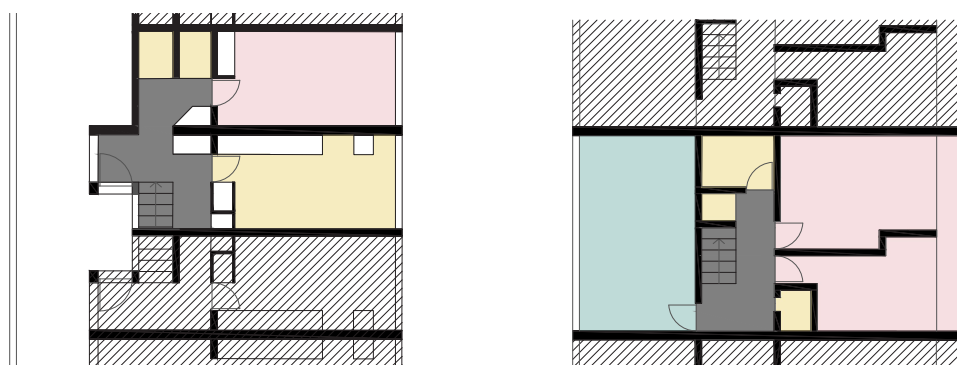


Figura 184 - A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Robin Hood Gardens. Escala 1:200.

■ Espaços intermédios ■ Zona de serviço ■ Zona Privada ■ Zona Comum



Figura 185 - Distância do edifício, em Hansaviertel, face ao espaço exterior. Autor desconhecido.

Em *Hansaviertel*, o espaço com maior sentido de permanência e apropriação neste domínio é o próprio átrio de entrada, dado que se afasta do espaço envolvente (Figura 185). Desta forma, este espaço ganha um sentido menos ambíguo, mais privado e confortável, comparativamente com os átrios de entrada dos restantes casos de estudo.

No âmbito do espaço privado, destacam-se os espaços intermédios mais afastados da entrada por apresentarem um carácter mais privado. De certa forma, esta condição está associada ao sistema de organização bipartido Dia-Noite, nos quais os compartimentos íntimos, separados dos sociais, são dispostos, preferencialmente, mais afastados da entrada. De todos os casos apresentados, é na *Unidade de Habitação de Marselha* que o espaço adjacente aos quartos apresenta maior privacidade, pela relação exclusiva com o domínio privado (Figura 182). Por sua vez, em *Hansaviertel* (Figura 183) e em *Robin Hood Gardens* (Figura 184), os espaços intermédios mais afastados da entrada são o corredor e átrio, respetivamente. Embora de forma distinta, estes articulam os compartimentos sociais e íntimos do fogo, sendo que em *Hansaviertel* o espaço é menos delimitado que em *Robin Hood Gardens*.

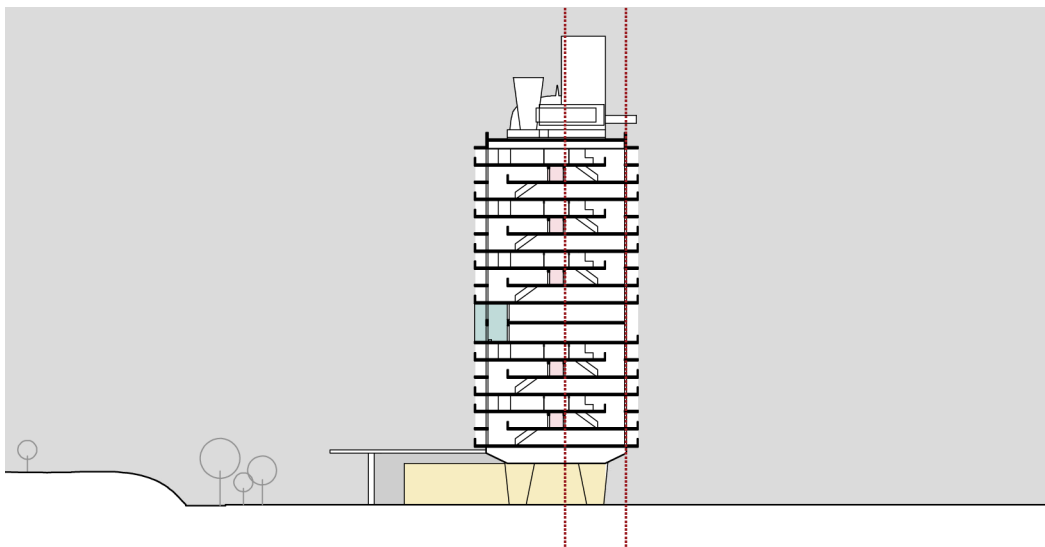


Figura 186 - Espaços intermédios privados de uso coletivo, Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:1500.

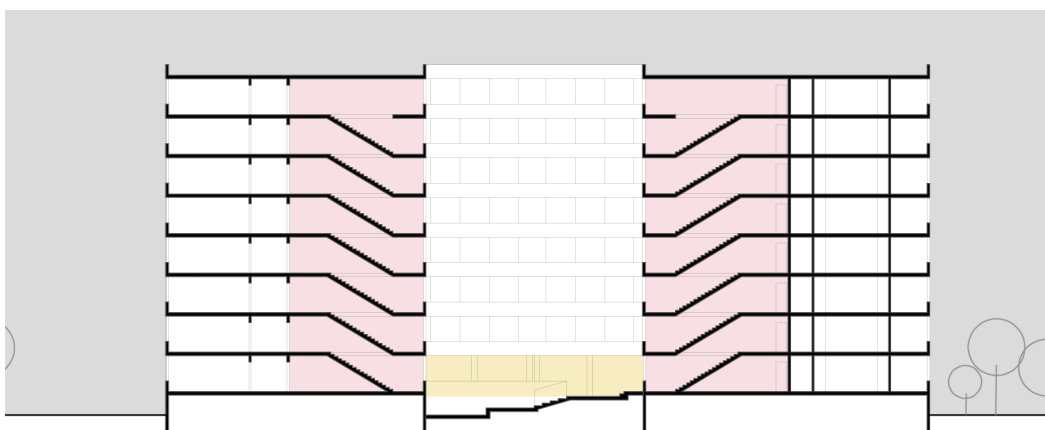


Figura 187 - Espaços intermédios privados de uso coletivo, Hansaviertel. Escala 1:500.

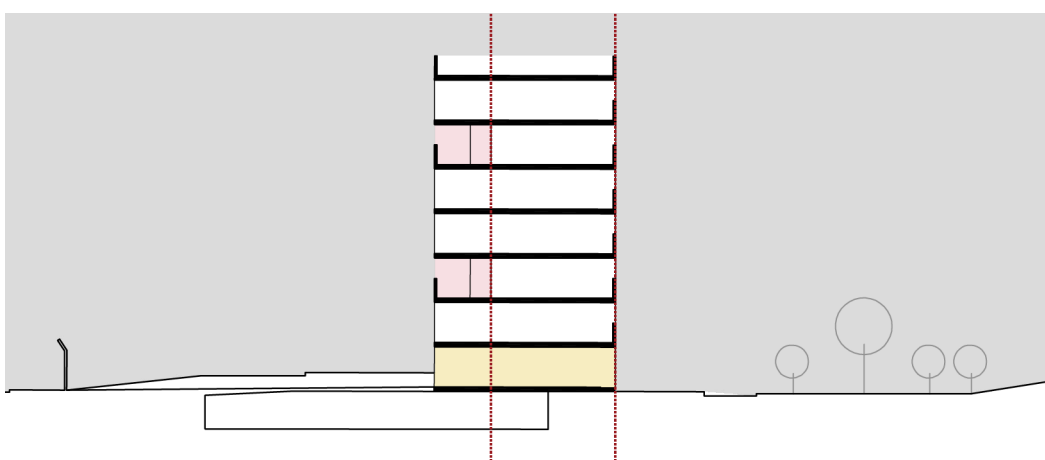


Figura 188 - Espaços intermédios privados de uso coletivo, Robin Hood Gardens. Escala 1:500.

Átrio de entrada
  Espaços de distribuição junto aos fogos
  Espaços de distribuição zona coletiva
  Marcação da zona dos acessos verticais

[Iluminação]

**No espaço privado de uso coletivo**, a iluminação dos espaços intermédios está dependente da posição que estes ocupam dentro do edifício de habitação. Nas análises dos três casos de estudo verifica-se que os espaços de maior uso são os que se localizam na fachada do edifício, pois são os que adquirem uma melhor exposição solar, ventilação e relação com o exterior. É notório que esta relação com o exterior e a iluminação garantem maior grau de apropriação.

Na *Unidade de Habitação de Marselha*, o átrio de entrada e a galeria dos espaços coletivos apresentam iluminação natural (localizam-se na fachada), ao contrário da galeria dos pisos intermédios. A diferença lumínica entre estes espaços origina diferentes níveis de conforto e uso, sendo mais evidente nos dois primeiros espaços pela presença de mobiliário que convida à permanência no local (bancos). Em *Hansaviertel*, tanto o átrio de entrada como o átrio de distribuição junto das habitações recebem iluminação natural. Neste caso, o facto de se identificarem diversos elementos de carácter pessoal intensifica ou reforça a dinâmica e conforto destes espaços. Em *Robin Hood Gardens*, a galeria exterior tem predomínio de uso, tanto de circulação como de permanência, face aos restantes espaços distributivos. A localização desta no exterior da fachada contribui para uma utilização constante por parte dos habitantes. Por ser um espaço exterior, relacionado quer com a escala doméstica, quer com a escala urbana contribui para a dinamização de ambas.

**No espaço privado**, os compartimentos posicionados junto à fachada e, consequentemente, melhor iluminados, são os compartimentos principais do fogo (sala, cozinha e quartos). Assim sendo, os espaços intermédios anexos a estes espaços adquirem, geralmente, melhor condição de iluminação. Nos casos de estudo, os átrios de entrada em *Hansaviertel* e em *Robin Hood Gardens* são os espaços intermédios neste domínio com melhor iluminação. O átrio de entrada em *Hansaviertel* é iluminado a partir da sala de estar, por estar desenhado em relação direta com esse espaço. Por sua vez, em *Robin Hood Gardens*, o átrio de entrada contíguo à galeria de distribuição coletiva adquire uma relação direta com o exterior, garantindo iluminação natural. Por oposição, o átrio de entrada do fogo na *Unidade de Habitação de Marselha* é totalmente encerrado e, por isso não recebe qualquer luz natural.

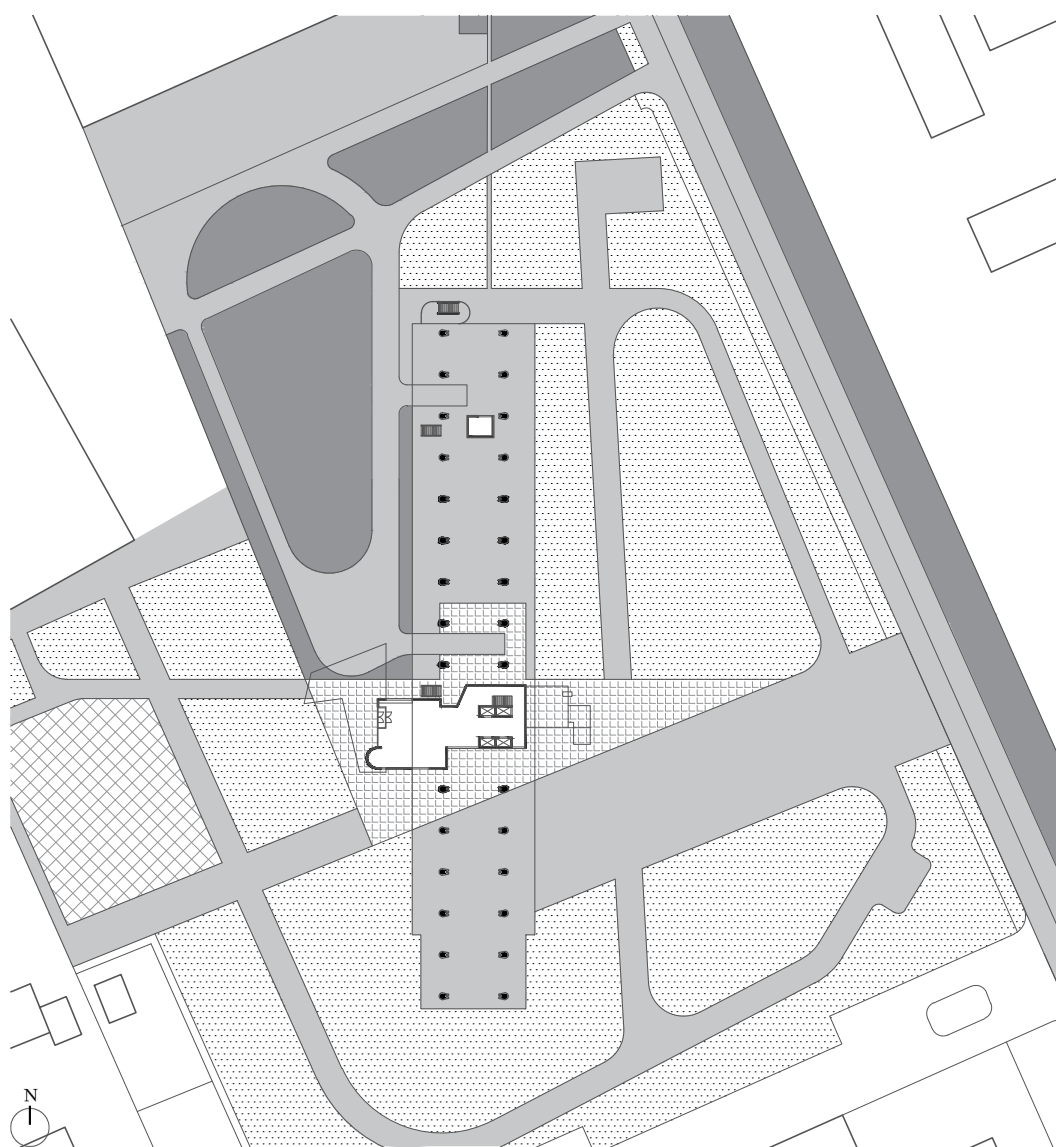




Figura 191 - Planta de pavimentos, Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:2000.

 Pavimento permeável 1 - lajeado
  Pavimento permeável 2
  Pavimento permeável 3  
 Pavimento parque infantil
  Pavimento impermeável



### 5.3. A materialidade na promoção de conforto e privacidade

A materialidade diz respeito aos materiais e respetivas características (cores, texturas, entre outras) empregues nos vários planos que definem um espaço. Assim sendo, para analisar a materialidade de um espaço intermédio é necessário ter em conta os planos que o conformam, nomeadamente os planos horizontais (pavimento e cobertura) e verticais (paredes ou alçados dos edifícios)<sup>12</sup>. Estes materiais podem contribuir para a garantia de conforto desses espaços.

[Materiais]

Os espaços intermédios analisados **na continuidade do espaço público** apresentam um princípio comum: a diferenciação dos pavimentos surge não só associada à proximidade e posicionamento desses espaços em relação aos edifícios como também ao respetivo uso.

Na *Unidade de Habitação de Marselha* (Figura 194), os acessos pedonais e automóvel (espaços de circulação) são em pavimento impermeável, distinguindo-se entre si tanto pela dimensão, como por uma ligeira diferenciação de cotas: os espaços pedonais são elevados em relação aos espaços destinados ao automóvel. Os espaços de permanência têm pavimento tanto permeável como impermeável, o que exige a colocação de um maior número de mobiliário urbano como bancos e equipamentos infantis como garantia de conforto e qualidade espacial. Regra geral, os pavimentos são intercalados para criar várias zonas, havendo um predomínio de piso impermeável no espaço central do quarteirão (Figura 193). Esta diferenciação do pavimento do espaço central associa-se aos acessos e ao átrio de entrada, intensificados pela variação do desenho do alçado do edifício (Figura 192). No prolongamento do átrio de entrada o pavimento muda, conferindo um carácter distinto dos espaços exteriores envolventes.

---

12 “Consideramos que o espaço público tem sido normalmente entendido e desenhado a duas dimensões, como aquela superfície urbana contida entre parcelas divididas. Pensamos que a sua definição deverá evidenciar um carácter tridimensional, dinâmico, heteromórfico, aglutinador e globalizante; deverá incluir a descrição das fachadas existentes ou de outros elementos que o delimitam formalmente; deverá estar sempre referenciada à hierarquia global do espaço público da cidade ou da parte da cidade; deverá incluir a descrição de cada parte e das soluções de articulação com outros espaços contíguos”. FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuguesa. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.306.

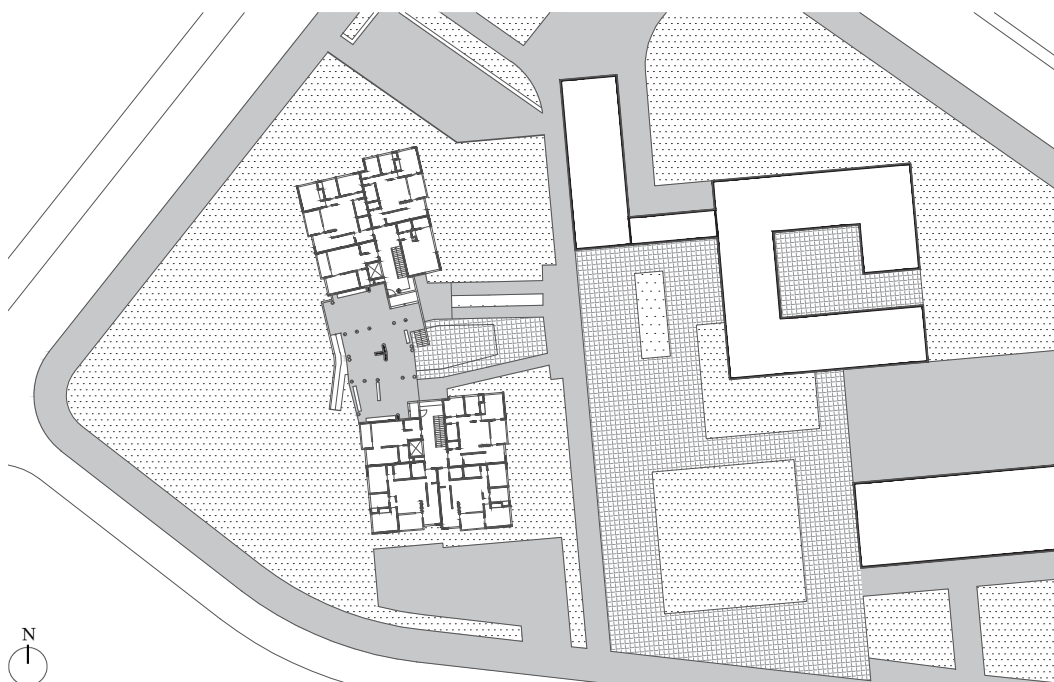


Figura 192 - Planta de pavimentos, Hansaviertel. Escala 1:1000.

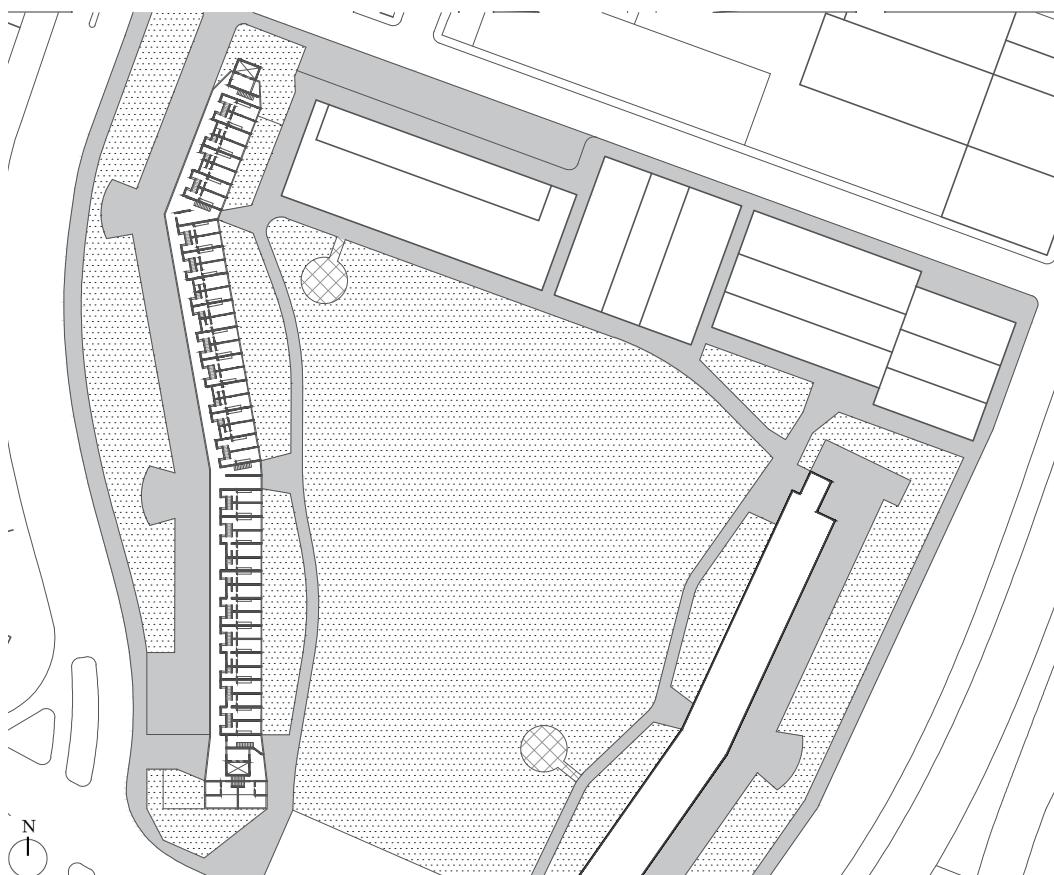


Figura 193 - Planta de Pavimentos, Robin Hood Gardens. Escala 1:1500.

■ Pavimento permeável 1 - lajeado ■ Pavimento permeável 2 ■ Pavimento permeável 3  
 ■ Pavimento permeável 4 ■ Pavimento permeável 5 ■ Pavimento impermeável



Figura 194 - Materialidade dos espaços de permanência, Hansaviertel. Fonte: Landesarchiv Berlin, Fotosammlung.



Figura 195 - Materialidade dos espaços de permanência e circulação, Robin Hood Gardens © Will of Memory.

Em comparação, em *Hansaviertel*, a aplicação de pavimentos traduz-se na diferenciação entre os espaços de circulação para automóvel e peões, em pavimento impermeável (cubo), e os espaços de permanência, que variam entre impermeável (lajeado) e permeável (ajardinado) (Figura 195). Os espaços de permanência revelam-se sobre duas categorias: a primeira diz respeito ao espaço comum dos três edifícios do quarteirão, sendo utilizado um pavimento impermeável onde é colocado algum mobiliário urbano (bancos, fontes...); a segunda categoria tem um carácter mais privado e um pavimento permeável. Tal como nos casos de estudo anteriores, na proximidade do átrio de entrada também existe uma variação para material impermeável, o que intensifica a transição entre escalas de habitar.

No edifício de habitação plurifamiliar *Robin Hood Gardens* (Figura 196) o principal espaço intermédio de permanência na continuidade do espaço público consiste num grande espaço de solo permeável, atravessado por alguns caminhos em terra batida que unem os espaços de circulação pedonal, de solo impermeável, que ladeiam os dois edifícios. Adjacente a estes percursos são colocados alguns bancos que convidam à permanência e alguns equipamentos específicos como parques infantis. É no espaço de piso permeável que a sociabilização entre habitantes se intensifica, dado o grau de informalidade na conceção formal e material deste espaço intermédio que, aliado à privacidade face ao espaço público envolvente, propicia à apropriação<sup>13</sup>.

13 A configuração e a materialidade deste espaço intermédio tornam-se uma referência para a construção de uma imagem mental do projeto.

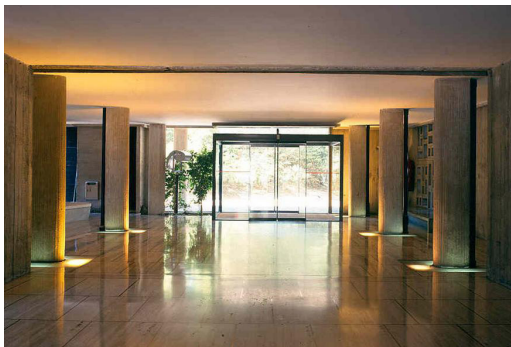


Figura 196 - Materialidade do átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha © Paul Kozlowski.

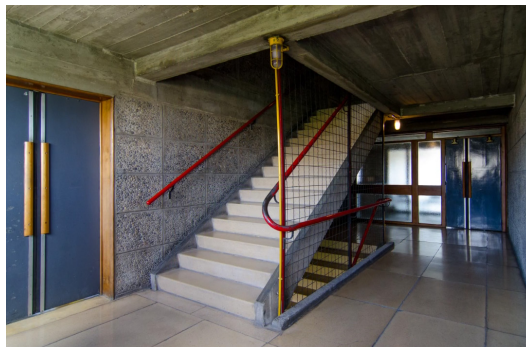


Figura 197 - Materialidade dos espaços de distribuição, Unidade de Habitação de Marselha © Anna Armstrong.



Figura 198 - Materialidade do átrio de entrada, Hansaviertel © Addison Godel.

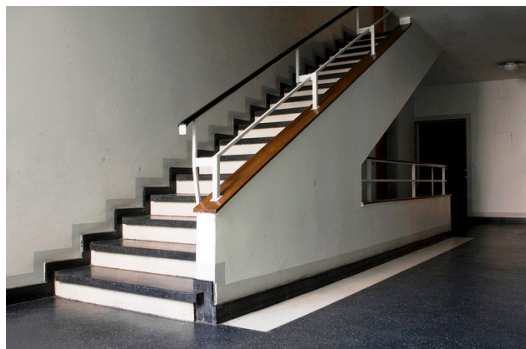


Figura 199 - Materialidade dos espaços de distribuição, Hansaviertel © Jari Jetsonen.



Figura 200 - Materialidade do átrio de entrada, Robin Hood Gardens © Joe Gilbert.



Figura 201 - Materialidade do espaço de distribuição, Robin Hood Gardens © Dale Hickman.



**No espaço privado de uso coletivo** a distinção de materiais associada aos espaços intermédios está relacionada, de certa forma, com o papel e carácter de cada espaço. A *Unidade de Habitação de Marselha*, apresenta distintas materialidades no átrio de entrada, no espaço dos acessos verticais e na galeria interna o que intensifica a mudança de carácter patente (Figura 199 e Figura 200). Enquanto no átrio de entrada (espaço com maior sentido de permanência) o material aplicado é mais *nobre* (lajeado de mármore) e há maior cuidado nos acabamentos<sup>14</sup>, nos restantes espaços a materialidade revela um sentido mais *bruto* (betão à vista). Em *Hansaviertel*, o átrio de entrada (Figura 201) e o átrio de piso (Figura 202) apresentam diferentes concepções espaciais reforçadas pelo desenho da cobertura do átrio de entrada. Esta solução permite valorizar um espaço em relação ao outro, reforçando o maior sentido de uso do átrio de entrada. Por sua vez, os espaços de distribuição em *Robin Hood Gardens* têm um aspeto brutalista, definido pela aplicação do betão e do ritmo das janelas e portas.

Os **espaços intermédios no espaço privado** apresentam um maior cuidado nos acabamentos relativamente aos domínios anteriormente apresentados. O facto de estarem integrados no espaço da habitação propicia um maior cuidado na escolha dos materiais, para que sejam de acordo com o grau de conforto pretendido para este espaço doméstico. Dos casos de estudo analisados, importa destacar o papel dos pavimentos no desenho dos espaços intermédios do fogo em *Hansaviertel*. Neste caso, a sala consiste no espaço central e intermédio, em torno do qual se organizam os restantes compartimentos. Em termos de materiais, enquanto o pavimento da sala é em madeira, os restantes apresentam um material distinto. Esta característica permite destacar a centralidade deste espaço.

---

14 De salientar que o material escolhido intensifica a luminosidade do átrio de entrada.



## Considerações finais

A realização de um estudo sobre os espaços intermédios em edifícios de habitação plurifamiliar possibilita um conjunto de reflexões que se consideram pertinentes na construção do espaço habitacional. Tendo como base o facto da arquitetura gerar lugares e motivar laços e relacionamentos, o interesse pelos espaços intermédios passa pela tentativa de descobrir e entender o desenho e uso das relações que se podem estabelecer entre espaços.

Num edifício de habitação plurifamiliar parece ilógico reduzir o pensamento aos espaços centrais de funções específicas - o bloco e o fogo -, descurando os espaços de articulação entre os domínios público e privado. Neste sentido, o estudo dos espaços intermédios integra todos os espaços de ligação, - corredores, galerias, escadas, átrios interiores e/ou exteriores, entre outros, - frequentemente descurados para um desenho marginal e, conseqüentemente, ambíguo. Os espaços intermédios definem articulações, comunicações e hierarquias entre espaços, materializando a distância entre estes. Através da análise do desenho destes espaços, este trabalho procura superar a condição de espaços meramente transitórios geralmente atribuída. Mais do que pensar o uso exclusivo e específico de determinado espaço, esta análise permite abrir caminho para um pensamento atento e cuidado sobre as possibilidades destes *espaços entre*.

Numa tentativa de ultrapassar o discurso meramente teórico, o pós-guerra na Europa serve como campo de pesquisa, possibilitando o cruzamento com uma componente prática. O enquadramento revelou-se pertinente pelo desenvolvimento de algumas questões ligadas ao desenvolvimento da habitação plurifamiliar, que foi o mote para o estudo dos espaços intermédios. Importa destacar neste contexto os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna pelo contributo na implementação de novas morfologias, tipologias e organizações formais e funcionais, com as quais se procurava construir a cidade e promover maior conforto aos habitantes.

Para além disso, no decorrer destas transformações, os debates realizados, em particular após a 2ª Guerra Mundial, procuram equilibrar as dimensões sociais e individuais do habitar humano, o que intensifica a presença e o papel dos espaços intermédios no contexto da habitação. Sobre este tema, importa salientar o contributo dos debates realizados pelo Team 10, pois introduzem uma dimensão mais social



ao modo de pensar e fazer cidade, através do edifício de habitação plurifamiliar, que pretendia ultrapassar algum excesso de racionalismo patente na arquitetura da primeira metade do século XX.

O estudo analisa especificamente os espaços intermédios de três edifícios de habitação plurifamiliar distintos pela autoria, inserção urbana, morfologia, sistema de acesso, distribuição e organização interna dos fogos. Através destes casos de estudo, o trabalho procura identificar os fatores que condicionam o desenho e uso destes espaços nos diferentes domínios, nomeadamente na continuidade do espaço público (fora do edifício), no espaço privado de uso coletivo (dentro do edifício, entre fogos) e no espaço privado (dentro do fogo).

Os **espaços intermédios na continuidade do espaço público** materializam-se na distância que se coloca entre a rua ou o limite do quarteirão e a entrada do edifício de habitação. Estes surgem condicionados pela implantação e morfologia do edifício e sobretudo pelo modo como se desenha o piso térreo e a entrada. Cada opção de desenho determina diferentes ambiências, condicionando o carácter mais ou menos privado e o uso mais ou menos permanente desses espaços.

No contexto da Arquitetura Moderna, é notória a preocupação em encontrar uma densidade adequada para as novas aglomerações urbanas, o que acaba por se traduzir em diferentes vertentes: uma que procura o equilíbrio através da dispersão - cidade -jardim e outra que tem por base a concentração através da construção em altura - cidade concentrada e vertical. Embora apresentem morfologias distintas, que se traduzem em diferentes relações entre o público e o privado, os projetos apresentados evidenciam princípios comuns, nomeadamente pelo equilíbrio entre os *cheios* e os *vazios*.

De certa forma, estes princípios procuram promover condições salubres ao espaço público e acabam por se traduzir num dimensionamento considerável associado aos espaços intermédios neste domínio. Este facto (dimensionamento) permite estabelecer relações e criar espaços propícios à sociabilização. Ainda que seja vantajoso garantir alguma flexibilidade a estes espaços, deixando ao critério dos habitantes os usos que se propiciam, distinguir algumas funcionalidades permitem diminuir alguma ambiguidade. A diferenciação de pavimentos, os desníveis, a colocação de algum mobiliário urbano de apoio e a maior ou menor distância relativamente

ao edifício e ao espaço urbano circundante são alguns dos fatores de desenho que permitem dotar os espaços de um maior sentido de permanência complementar ao seu carácter de circulação.

Um dos problemas patentes neste domínio é, por vezes, a dificuldade em clarificar a entidade responsável pela gestão e manutenção destes espaços. Neste sentido, as demarcações territoriais e a permeabilidade entre o interior do edifício e o espaço urbano envolvente, bem como a definição do espaço intermédio - são fundamentais. Um espaço mais próximo do interior do edifício e resguardado do espaço público envolvente e das infraestruturas de acesso tem um carácter mais privado e permite, em parte, um uso mais restrito e controlado. Por outro lado, o afastamento excessivo em relação à rua reduz o grau de interação e utilização dos espaços exteriores próximos, tornando-os menos apelativos ao relacionamento humano.

Os **espaços intermédios no espaço privado de uso coletivo** dizem respeito aos espaços que se colocam antes, durante e no final do percurso entre a entrada do edifício e a entrada do fogo, nomeadamente os espaços de distribuição e circulação. Como tal, o desenho destes espaços está, inevitavelmente, condicionado ao sistema aplicado - galeria ou vertical múltiplo e o uso que se proporciona nestes espaços intermédios está relacionado com a respetiva proximidade em relação à entrada do edifício ou do fogo. Como se constatou, embora os acessos em galeria e vertical múltiplo estivessem já presentes em tipologias anteriores, o desenvolvimento destes sistemas está relacionado com a melhoria do edifício de habitação plurifamiliar.

A valorização dos espaços intermédios neste domínio enquanto espaços de permanência está sobretudo relacionada com a relação visual e física que estabelece com o exterior. Regra geral, e do que podemos verificar nos casos de estudo, os espaços com melhor exposição solar e mais próximos da entrada dos fogos apresentam maior apropriação por parte dos habitantes. No entanto, quando o uso permanente está reforçado junto aos fogos, o desenho de pequenos espaços (patamares e vestíbulos) entre estes e os espaços de distribuição parece crucial para resguardar e preservar a privacidade dos espaços domésticos. O desenho de espaços entre o privado de uso coletivo e o privado restabelecem uma demarcação territorial, aproximando e afastando os domínios.

Os **espaços intermédios no espaço privado** surgem associados aos espaços de

entrada, na articulação entre os espaços exteriores e interiores do fogo e na relação que se estabelece entre os espaços individuais e sociais. Desta forma, o papel dos espaços intermédios neste domínio está relacionado com a complexidade do programa funcional e com o modo como se articulam e organizam os diferentes compartimentos.

No contexto da Arquitetura Moderna, a organização espacial do fogo está relacionada com as alterações dos modos de vida. O posicionamento dos espaços intermédios dentro do fogo depende do sistema de organização bipartido ou tripartido (zonas comuns, zonas privadas e zonas de serviço), sendo mais evidente quando as divisões privadas estão mais distantes da entrada e dos espaços sociais.

A área e o dimensionamento destes espaços resulta como um complemento aos compartimentos contíguos, o que se reflete na colocação de mobiliário de apoio. A iluminação está condicionada à relação de maior ou menor permeabilidade com os espaços que o antecedem e/ou precedem, dado que esta está naturalmente associada às principais divisões sociais e íntimas que compreendem o espaço doméstico. Importa ainda salientar o facto do desenho destes espaços intermédios integrarem mais funções para além da distribuição e circulação - como o armazenamento, o que garante um maior conforto ao quotidiano dos habitantes.

Perante a dualidade constante entre o público e o privado, os espaços intermédios surgem como uma entidade capaz de equilibrar e interligar os dois domínios. Estes espaços tornam as transições menos abruptas e permitem desenvolver uma ideia de continuidade e diálogo. Mesmo que a adesão possa não corresponder à intenção do projeto, o impacto dos espaços intermédios decorre da oportunidade originada para a sociabilização.

A potencialidade dos espaços intermédios está relacionada com o facto de serem espaços multifuncionais (permanência e circulação) e por garantirem flexibilidade de usos. Dependendo da configuração, do posicionamento e da materialidade, os espaços intermédios podem funcionar de modo complementar ao espaço doméstico, enriquecendo e facilitando o quotidiano dos habitantes.

De certa forma, assumir uma posição crítica em relação aos espaços intermédios permite entender o papel que desempenham e aproveitar da melhor forma as potencialidades inerentes às diferentes características que estes podem apresentar. A

presente dissertação torna-se, assim, um *despertador* de consciência que possibilita um olhar mais atento, conhecedor e capaz no que toca ao pensar e fazer uma arquitetura que promova o contato social entre habitantes.



## Bibliografia

- ADDINSON, Paul, *Now the War Is Over: A Social History of Britain, 1945-1951*. Great Britain: Faber & Faber, 2012. 1: The Impact of the Second War.
- AGAREZ, Ricardo Costa, *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009. Premissas de modernidade na habitação plurifamiliar.
- ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 2001.
- ARÍS, Carlos Martí, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000.
- AYMONINO, Carlo, *La vivienda racional*. Barcelona: Editorial G. Gili, S.A., 1973.
- BACHELARD, Gaston, *The Poetics of Space*. New York: Penguin Books, 2014.
- BALDINI, Maria Rosella, *Il Significato Dell'Abitare: studio interdisciplinare per una nuova dimensione progettuale*. Firenze: Alinea Editrice, 1988.
- BOLLNOW, O. Friedrich - *Hombre y espacio*. Barcelona: Editorial Labor, 1969.
- CAIN, Albane, *Espace(s) public(s), Espace(s) privé(s). Enjeux et partages*. Cergy-Pontoise Cedex: L'Hamattan, 2004.
- CÁLIX, Teresa, *As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto*. Tese de doutoramento, Porto: FAUP, 2013.
- CHERMAYEFF, Serge; ALEXANDER, Christopher, *Comunidad y privacidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970.
- CORBUSIER, Le, *Toward an Architecture*. Londres: Frances Lincoln, 2008.
- DOMINGOS, Manuel Rui Cunha, *Do vazio construtivo ao espaço-entre: corpo, limite, luz e espaço*. Tese de doutoramento, Porto: FAUP, 2015.
- DOORDAN, Dennis, *Twentieth-Century Architecture*. Londres: Calmann & King 2001.
- ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités:*

- XVIIe - XIXe siècles*. Bruxelles: AAM, 1999.
- ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris: Ed. de l'Épure, 1997.
- FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na Habitação Portuguesa. As formas da casa na forma da cidade*. 2ª. Porto: FAUP Publicações, 1999.
- FRAMPTON, Kenneth, *Historia crítica de la arquitectura moderna*. 4ª. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.
- GIEDION, Siegfried, *La mécanisation au pouvoir*. Paris: Centre George Pompidou, 1980.
- GRIFFINI, E. A., *Construcción racional de la casa*. Barcelona: Hoepli, 1953.
- HAUMONT, Bernard; MOREL, Alain, *La société des voisins*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Ministère de la Culture, 2005.
- HERTZBERGER, Herman, *Articulations*. Munique: Prestel, 2002.
- HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991.
- HERTZBERGER, Herman, *Six architectures photographiées par Johan van der Keuken*. Milano: Electa, 1935.
- JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari, *Alvar Aalto: apartments*. Helsinki: Rakennustieto, 2004.
- JUDT, Tony, *Postwar. A History of Europe since 1945*. New York: The Penguin Press, 2005.
- LAMEIRA, Gisela, *Contemporary Oporto fragments: oppositions on the morphological relationship between collective housing and the city*. In Gulsun Saglam et al (org.) Proceedings – European Simposium on Research in Architecture and Urban Design. Istanbul Technical University: Composite Cities, 12-14 Novembro 2014.
- LARHOURI, Marina, *CIAM Meetings 1947-59 and the "Core" of the City: Transformations of an Idea*. Roma: ACSA International Conference, 1999.



- LEUPEN, Bernard ; MOOIJ, Harald, *Housing design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011.
- MEUWISSEN, Joost, *Aldo in wonderland. Remarks on the Houses of Aldo Van Eyck*. OASE 75 - 25 years of critical reflection on Architecture. Roterdão: Nai Publishers, 2008.
- MOLEY, Christian, *L'immeuble en formation. Génese de l'habitat collectif et avatars intermédiaires*. Liège: Pierre Mardaga, 1991.
- MOLEY, Christian, *L'Architecture du logement : culture et logiques d'une norme héritée*. Paris: Anthropos, 1998.
- MOLEY, Christian, *Les abords du chez-soi. En quête d'espaces intermédiaires*. Paris: Éditions de la Villette, 2006.
- MONTANER, Josep Maria, *As formas do século XX*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2002.
- MONTANER, Josep Maria, *La Arquitectura de la Vivienda Colectiva. Políticas y proyectos en la ciudad contemporánea*. Barcelona: Editorial Reverté, 2015.
- MUMFORD, Eric, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Habiter. Vers une architecture figurative*. Milan: Electa, 1985.
- PANERAI, Philippe R; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles, *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1986.
- PORTAS, Nuno, *A Cidade como Arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- PORTAS, Nuno, *Os tempos das Formas. A Cidade Feita e Refeita*. 1ª. Guimarães: DAAUM, 2012.
- ROCHA, Luciana, *Intervenção no moderno : reconhecimento, caracterização e salvaguarda de edifícios de habitação plurifamiliar*. Tese de doutoramento, Porto: FAUP, 2016.
- SINGLY, François, *Les uns avec les autres. Quand l'individualisme crée du lien*.

- Paris: Armand Colin/VUEF, 2003.
- SMITHSON, Alison, *Team 10 primer*. Londres: The MIT Press, 1974.
- SMITHSON, Alison, *Urban Structuring: studies for Alison and Peter Smithson*. Londres: Studio Vista, 1967.
- SMITHSON, Alison, *Changing the art of Inhabitation. Mies pieces, Eames dreams, The Smithsons*. Londres: Artemis, 1994.
- STRAUVEN, Francis, *Aldo Van Eyck : the shape of relativity*. Amesterdam: Architectura & Natura, 1998.
- TAINHA, Manuel, *Manuel Tainha, Textos de Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006. - A propósito de uma porta.
- TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2012.
- TEYSSOT, Georges. *Aldo Van Eyck and the rise of an ethnographic paradigm in the 1960s*. Editorial do Departamento de Arquitetura.
- VAN EYCK, Aldo. *Aldo Van Eyck - works*. Ed. Vincent Ligtelijn. Basel: Birkhauser, 1999.
- VAN EYCK, Aldo. *The child, the city and the artist: an essay on architecture. The in-between realm*. Ed. Vincent Ligtelijn; Ed. Francis Strauven. Amesterdão: SUN, 2008.

## Referências na Internet

- JOHNSON, B.S., *The Smithnsons on housing*, BBC Productions, 1970. Disponível em: <https://www.archdaily.com/579226/video-alison-and-peter-smithson-on-housing>.

## Lista de imagens

Figura 1 Espaço de Transição vs Espaço Intermédio. **Desenho da autora.**

Figura 2 Espaço intermédio junto a uma habitação em Burkina Faso. Fonte: James Morris, *Woman's Living Quarters*. **Disponível em:** <https://bit.ly/2xDn7YU>

Figura 3 Espaço intermédio junto a uma habitação, Herman Hertzberger, *De Overloop* (Almere, 1980-84). **Disponível em:** HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*. Rotterdam 010 (1991), p.34.

Figura 4 Morfologia do Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise. **Disponível em:** <https://www.histoire-image.org/de/etudes/palais-social-ouvriers>

Figura 5 Esquema Falanstério de Charles Fourier, 1829. Fonte: Charles Fourier. **Disponível em:** <http://web.tiscali.it/icaria/urbanistica/fourier/fourier05b.jpg>

Figura 6 Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise. **Disponível em:** <https://www.histoire-image.org/de/etudes/palais-social-ouvriers>

Figura 7 Interior do Falanstério de Guise, Godin, 1859. Fonte: Coleção Museu de Guise. **Disponível em:** <https://www.histoire-image.org/de/etudes/palais-social-ouvriers>

Figura 8 Trabalhos de reconstrução em Dresden, Alemanha, 1945. Fonte: Getty Images. **Disponível em:** <http://www.spiegel.de/fotostrecke/photo-gallery-women-in-the-rubble-fotostrecke-56829-11.html>

Figura 9 Trabalhos de reconstrução em Dresden, Alemanha, 1945. Fonte: Getty Images. **Disponível em:** <http://www.spiegel.de/fotostrecke/photo-gallery-women-in-the-rubble-fotostrecke-56829-11.html>

Figura 10 Três crianças sentadas nos escombros em Londres - 1945. Fonte: New Times Paris Bureau Collection. **Disponível em:** <https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article>

Figura 11 Crianças a brincar em Chisenhale Road, Londres. Fonte: © Nigel Henderson Estate, 1949 - 1956. **Disponível em:** <https://bit.ly/2NK6IvC>

Figura 12 A rua como ponto de encontro. Fonte: © Nigel Henderson Estate, 1949 - 1956. **Disponível em:** <https://bit.ly/2NK6IvC>

Figura 13 Sentido de recolhimento nas imediações da habitação. Fonte: © Nigel Henderson Estate, 1949 - 1956. **Disponível em:** <https://bit.ly/2NK6IvC>

Figura 14 Noção do espaço entre a rua e a habitação. Fonte: © Nigel Henderson Estate, 1949 - 1956. **Disponível em:** <https://bit.ly/2NK6IvC>

Figura 15 Espaço intermédio entre a habitação e a praça em Welwin. Fonte: Studio Lisa, 1919. **Disponível em:** <http://cashewnut.me.uk/WGCbooks/web-WGC-books-1946-1.php>

Figura 16 Construção de um espaço exterior comum, Welwin. Fonte: J. P. Steele, 1928. **Disponível em:** <http://cashewnut.me.uk/WGCbooks/web-WGC-books-1946-1.php>

Figura 17 Relação entre a rua e a habitação, Welwin,. Fonte: Studio Lisa, 1919. **Disponível em:** <http://cashewnut.me.uk/WGCbooks/web-WGC-books-1946-1.php>

Figura 18 Jardim privado entre a rua e a habitação, Welwin. Fonte: J. P. Steele, 1926. **Disponível em:** <http://cashewnut.me.uk/WGCbooks/web-WGC-books-1946-1.php>

Figura 19 Cidade Contemporânea para 3 milhões de habitantes, Le Corbusier, 1922. **Disponível em:** Le Corbusier, *Maneira de Pensar o urbanismo*. Publicações Europa-América, 1969.

Figura 20 Proposta da Cidade Vertical, Hilberseimer. **Disponível em:** ARÍS, Carlos Martí - *Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Edicions UPC, 2000, p.36.

Figura 21 Forma fechada. **Desenho da autora.**

Figura 22 Forma semiaberta. **Desenho da autora.**

Figura 23 Forma linear ou aberta. **Desenho da autora.**

Figura 24 Bloco autónomo. **Desenho da autora.**

Figura 25 Implantação e identificação do espaço intermédio na continuidade do espaço público. Escala 1:3000. **Desenho da autora.**

Figura 26 A forma da habitação e a circunstância. Fonte: Phaidon (ed.), Le Corbusier *Le Grand*, New York, 2008 *Brutalism. Architecture of Everyday Culture, Poetry and Theory*, Berlin. **Disponível em:** <http://www.brutalismus.com/e/?/concept/>

Figura 27 Articulação com a envolvente. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 28 O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 29 Presença do volume da entrada. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 30 Espaço entre pilotis. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 31 Topo Norte. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 32 Relação entre o edifício e envolvente. Corte Transversal. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 33 Espaço intermédio localizado a Oeste. Fonte: Henri Salesse, La Cité Radieuse, 1953. **Disponível em:** <https://bit.ly/2xB7dOL>

Figura 34 Espaço intermédio por baixo do edifício. Fonte: Marina Ferreira Leite, 2012. **Disponível em:** <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.166/5142>

Figura 35 Espaço intermédio localizado a Este. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 36 Implantação e identificação do espaço intermédio na continuidade do espaço público. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 37 A forma da habitação e a circunstância. Fonte: Karl-Heinz Schubert, Aerial photo of the Hansaviertel District, 1962. **Disponível em:** [http://architectuul.com/architecture/view\\_image/berlin-interbau-1957/22604](http://architectuul.com/architecture/view_image/berlin-interbau-1957/22604)

Figura 38 Relação do edifício com a envolvente. Alçado Poente. Fonte: Heikki Havas © Alvar Aalto Museum. **Disponível em:** <http://navi.finnisharchitecture.fi/en/hansaviertel-apartment-house/>

Figura 39 O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público. Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 40 Relação do edifício com a envolvente. Alçado Nascente. Fonte: Heikki Havas © Alvar Aalto Museum. **Disponível em:** <http://navi.finnisharchitecture.fi/en/hansaviertel-apartment-house/>

Figura 41 Espaço contíguo à entrada. Fonte: Flickr user © Maggie Lee. **Disponível em:** [https://www.flickr.com/photos/design\\_her/6991820066/](https://www.flickr.com/photos/design_her/6991820066/)

Figura 42 Relação entre o edifício e a envolvente. Corte Transversal. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 43 Acesso Pedonal. Fonte: Flickr user © Addison Godel. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/doctorcasino/4881549188/>

Figura 44 Espaço intermédio a Oeste. Fonte: © Rudivan Cattani via, 2010. **Disponível em:** <http://enbusquedelaformamoderna.blogspot.com/2010/12/blog-post.html>

Figura 45 Espaço intermédio a Este. Fonte: Flickr user © Seier + Seier. **Disponível em:** <https://architecture-designprimer.wordpress.com/2017/11/14/plinth-and-void-as-mediator-to-ground/#jp-carousel-393>

Figura 46 Espaço intermédio a Sudeste. Fonte: Archiv GTA/TU Darmstadt via Haufe. **Disponível em:** <https://bit.ly/2N4L40f>

Figura 47 Implantação e identificação do espaço intermédio na continuidade do espaço público. Escala: 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 48 A forma da habitação e a circunstância. Fonte: © Craig Atkinson. **Disponível em:** <https://thelondoncolumn.com/tag/robin-hood-gardens/>

Figura 49 Espaço exterior coletivo. Fonte: Sandra Lousada © The Smithsonian Family Collection, 1972. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 50 O desenho do piso térreo e os espaços intermédios na continuidade do espaço público. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 51 Caminhos pedonais junto ao edifício. Fonte: Sandra Lousada © The Smithsonian Family Collection, 1972. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 52 Vista sobre a entrada a partir da rua. Fonte: © Joe Gilbert, Streets in the sky, 2015. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com/779498/a-six-minute-snapshot-of-alison-and-peter-smithsons-robin-hood-gardens>

Figura 53 Relação entre o edifício e a envolvente. Corte Transversal. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 54 Sound-buffer. Fonte: Studio Esinam © Rory Gardiner, London's Brutalist Utopias. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com.br/br/785062/utopia-serie-fotografica-registra-a-arquitetura-brutalista-de-londres>

Figura 55 Espaço exterior coletivo. Fonte: Sandra Lousada © The Smithsonian Family Collection, 1972. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 56 Parque de estacionamento. Fonte: © Luke Hayes, 2014 via Dezeen. **Disponível em:** <https://bit.ly/2Od0YKu>

Figura 57 Acesso pedonal. Fonte: Flickr user © arthurjohnpicton via archdaily. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DxpbqB>

Figura 58 Espaço intermédio privado de uso coletivo. O acesso ao fogo em De Drie Hoven, Holanda, 1974, Herman Hertzberger. **Disponível em:** HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.40.

Figura 59 Espaço de permanência no átrio. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphocean.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 60 Volume do átrio de entrada. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 61 Pala que antecede o átrio. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 62 Vestíbulo. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphocean.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 63 Interior do átrio de entrada. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 64 Planta do átrio de entrada. Escala 1: 500. **Desenho da autora.**

Figura 65 Planta piso-tipo. Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 66 Galeria de distribuição. Fonte: © Darren Bradley. **Disponível em:** <http://modernistarchitecture.blogspot.com/2015/07/the-radiant-city.html>

Figura 67 Átrio dos elevadores. Fonte: © Sreve Eilenger. **Disponível em:** <https://aperturephotoarts.com/wp-content/uploads/2014/09/Marseille-Unite-dHabitat-elevators-SE-July-2013.jpg>

Figura 68 Acessos Verticais. Fonte: Flickr user © Anna Armstrong. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/french-disko/3796069094/in/photostream/>

Figura 69 Espaço de convívio na cobertura. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphocean.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 70 Articulação com a galeria. Fonte: Flickr user © Anna Armstrong. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/french-disko/3796069094/in/photostream/>

Figura 71 Galeria do 8º piso. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 72 Espaço de convívio na cobertura. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphocean.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 73 Pavilhão na cobertura. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphocean.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 74 Espaços Intermédios no espaço privado de uso coletivo. Piso Térreo. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 75 Acesso Nastente (1). Fonte: Flickr user © Pedro Kok. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/kuk/8484643732>

Figura 76 Acesso Nascente (2). Fonte: © Dani via Architectuul. **Disponível em:** [http://architectuul.com/architecture/view\\_image/hansaviertel/22833](http://architectuul.com/architecture/view_image/hansaviertel/22833)

Figura 77 Acesso Nascente (3). Fonte: Autor desconhecido. **Disponível em:** <https://bit.ly/2R2NlvP>

Figura 78 Acesso Poente. Fonte: Flickr user © Seier + Seier. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/seier/2605362378/in/photostream/>

Figura 79 Vista geral do átrio de entrada. Fonte: Flickr user © Addison Godel, 2010. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/doctorcasino/4881549188/>

Figura 80 Espaços Intermédios no espaço privado de uso coletivo. Piso Térreo. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 81 Percurso de ligação entre a entrada no átrio e o átrio de piso. Fonte: Tommi Summanen © Alvar Aalto Museum. **Disponível em:** <http://navi.finnisharchitecture.fi/en/hansaviertel=-apartment-house/#&gid-1&pid=5>

Figura 82 Patamar entre o átrio de entrada e o átrio de piso. Fonte: Flickr user © Ard Hoksbergen. **Disponível em:** <http://picssr.com/photos/alkoven/interesting?nsid=89148613@N00>

Figura 83 Acesso Vertical do átrio de piso. **Disponível em:** JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari,

*Alvar Aalto: apartments*. Helsínquia: Rakennustieto, 2004, p.80.

Figura 84 Janela do átrio de piso. Fonte: Flickr user © Addison Godel, 2010. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/doctorcasino/4881549188/>

Figura 85 Galerias exteriores. Corte transversal. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 86 Linguagem formal e sinalização dos espaços de distribuição - Alçado Poente. Fonte: Studio Esinam © Rory Gardiner, London's Brutalist Utopias. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com.br/br/785062/utopia-serie-fotografica-registra-a-arquitetura-brutalista-de-londres>

Figura 87 Linguagem formal e sinalização dos espaços de distribuição - Alçado Nascente. Fonte: Studio Esinam © Rory Gardiner, London's Brutalist Utopias. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com.br/br/785062/utopia-serie-fotografica-registra-a-arquitetura-brutalista-de-londres>

Figura 88 Planta piso tipo. Escala 1:750. **Desenho da autora.**

Figura 89 Átrio de entrada. Fonte: © Joe Gilbert, Streets in the sky, 2015. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com/779498/a-six-minute-snapshot-of-alison-and-peter-smithsons-robin-hood-gardens>

Figura 90 Átrio dos acessos verticais. Fonte: © Kois Miah, Lived Brutalism: Portraits at Robin Hood Gardens, 2015. **Disponível em:** <http://www.demagazine.co.uk/architecture/robin-hood-gardens-portraits>

Figura 91 Galeria exterior. Fonte: Sandra Lousada © The Smithsonian Family Collection, 1972. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 92 Sinais de apropriação na galeria. Fonte: wikiarquitectura. **Disponível em:** <https://en.wikiarquitectura.com/building/robin-hood-gardens/#lg=1&slide=11>

Figura 93 Articulação entre os acessos verticais, a galeria e o nicho/vestíbulo. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 94 Entrada aberta sobre o vestíbulo. Fonte: © Christian Skovgaard via Interwoven. **Disponível em:** <http://kvadratinterwoven.com/a-brutal-end-for-robin-hood-gardens>

Figura 95 Relação entre a galeria e o vestíbulo. Fonte: © Joe Newman SWS.com via dailymail. **Disponível em:** <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4447906/London-s-skyline-Tower-blocks-estates.html>

Figura 96 Relação entre dois espaços contíguos. **Disponível em:** HERTZBERGER, Herman - Lessons for students in architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1991.

Figura 97 Esquema de organização 1 - *em torno de*. **Desenho da autora.**

Figura 98 Esquema de organização 2 - *ao longo de*. **Desenho da autora.**

Figura 99 Esquema de organização 3 - *antes de*. **Desenho da autora.**

Figura 100 Planta Piso Superior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 101 Planta piso inferior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 102 Espaço intermédio piso superior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 103 Espaço intermédio piso inferior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 104 Sistema de Organização Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 105 Maquete sistema funcional. Fonte: BOESIGER, W e GIRSBERGER, H - *Le Corbusier 1910-1965*. Barcelona: Gustavo Gili, 1971. p. 144. **Disponível em:** <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384>

Figura 106 Vista sobre a cozinha a partir do espaço de circulação. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 107 Integração dos espaços de circulação nos compartimentos sociais. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 108 Vista sobre a sala a partir da entrada. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 109 Relação entre compartimentos sociais e articulação com piso superior. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 110 Articulação entre os dois átrios. Corte Transversal. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 111 Relação visual entre os dois pisos. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 112 Organização piso superior. Planta Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 113 Organização piso inferior. Planta Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 114 Relação visual entre os dois pisos. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível**



**em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 115 Relação entre a sala e a varanda. Vista do quarto principal. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 116 Relação entre quartos. **Disponível em:** [https://www.daniellaondesign.com/uploads/7/3/9/7/7397659/153282\\_orig.jpg](https://www.daniellaondesign.com/uploads/7/3/9/7/7397659/153282_orig.jpg)

Figura 117 Espaços intermédios fogo. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 118 Esquema de organização. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 119 Relação visual a partir do átrio de entrada. Fonte: © Willy Pragher, Berlin: Inneraume; Raum mit Saule, Alvar Aalto. **Disponível em:** <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/item/PWVFKKH5SGWAC-FFVSYVY44M3IKIJTGLT>

Figura 120 Planta Fogo T3. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 121 Integração dos espaços de circulação na sala. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 122 Painel de madeira. Fonte: Heikki Havas © Alvar Aalto Museum. **Disponível em:** <http://navi.finnisharchitecture.fi/en/hansaviertel-apartment-house/#&gid=1&pid=7>

Figura 123 Relação entre compartimentos. **Desenho da autora.**

Figura 124 Relação entre a zona de refeições e a varanda. Fonte: Landesarchiv Berlin © Fotosammlung, LAB 55 999. **Disponível em:** <http://www.aalto-wolfsburg.com/content.php?id=aalto>

Figura 125 Relação entre compartimentos sociais. Fonte: Heikki Havas © Alvar Aalto Museum. **Disponível em:** <http://navi.finnisharchitecture.fi/en/hansaviertel-apartment-house/#&gid=1&pid=7>

Figura 126 Planta piso de entrada. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 127 Espaço intermédio piso de entrada. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 128 Planta piso inferior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 129 Espaço intermédio piso inferior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 130 Sistema de Organização por piso. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 131 Disposição dos compartimentos em relação com o exterior. Fonte: Diagrama de Alison e Peter Smithson's. **Disponível em:** <https://bit.ly/2Dx4GdV>

Figura 132 Organização dos compartimentos a partir do átrio de entrada. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 133 Vista sobre o átrio de entrada a partir da galeria. Fonte: © Smithsonian Family Collection. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 134 Organização dos compartimentos a partir do átrio do piso inferior. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 135 Sala de estar. Fonte: Sandra Lousada © The Smithsonian Family Collection, 1972. **Disponível em:** <https://bit.ly/2DvHJaV>

Figura 136 Varanda dos quartos. Fonte: © Kois Miah, Lived Brutalism: Portraits at Robin Hood Gardens, 2015. **Disponível em:** <http://www.demagazine.co.uk/architecture/robin-hood-gardens-portraits>

Figura 137 Corte transversal. Relação entre os dois átrios. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 138 Espaços de passagem e permanência nos espaços de distribuição em Hubertus House (1973-1981), Aldo Van Eyck, Amesterdão. Fonte: Aldo Van Eyck.

Figura 139 Planta Conjunto, Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 140 Planta Conjunto, Hansaviertel. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 141 Planta Conjunto, Robin Hood Gardens. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 142 Divisão do átrio de entrada na Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 143 Divisão do átrio de entrada em Hansaviertel. Escala: 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 144 Átrio de entrada em Robin Hood Gardens. Escala: 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 145 Área do vestíbulo/nicho, Robin Hood Gardens. Fonte: Flickr user © Seier + Seier. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/seier/2605362378/in/photostream/>

Figura 146 Amplitude da cobertura na Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 147 Área do espaço intermédio no piso superior, Unidade Habitação Marselha. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 148 Área do átrio de entrada, Robin Hood Gardens. Escala 1:200. **Desenho da autora.**



Figura 149 Área do átrio de entrada, Hansaviertel. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 150 Área do átrio de entrada, Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 151 Espaços de passagem e permanência. Unidade de Habitação Marselha. Planta Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 152 Espaços de passagem e permanência em Hansaviertel. Planta Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 153 Espaços de passagem e permanência em Robin Hood Gardens. Planta Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 154 Dimensionamento do átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Planta Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 155 Dimensionamento do átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 156 Galeria interna, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: James Burns. **Disponível em:** <https://weheartit.com/entry/237850727>

Figura 157 Dimensionamento da galeria interna, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 158 Dimensionamento do átrio de entrada, Hansaviertel. Planta Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 159 Dimensionamento do átrio de entrada, Hansaviertel. Corte transversal Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 160 Galeria 8º piso, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: Flickr user © Pascal Poggi. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/paspog/2349616156>

Figura 161 Dimensionamento da galeria 8º piso, Unidade de Habitação de Marselha. Corte transversal Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 162 Dimensionamento do vestíbulo/nicho. Planta e Corte transversal. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 163 Dimensionamento do vestíbulo/nicho, Robin Hood Gardens. Fonte: Autor desconhecido. **Disponível em:** <https://coisasdaarquitectura.files.wordpress.com/2011/01/ruas-elevadas-robin-hood.jpg>

Figura 164 Dimensionamento dos espaços intermédios privados, em relação com o número de divisões e sistema de organização, Robin Hood Gardens. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 165 Dimensionamento dos espaços intermédios privados, em relação com o número de divisões e sistema de organização, Hansaviertel. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 166 Dimensionamento dos espaços intermédios privados, em relação com o número de divisões e sistema de organização, Unidade Habitação de Marselha. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 167 Dimensionamento dos espaços intermédios privados, em relação com o número de divisões e sistema de organização, Unidade Habitação Marselha. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 168 Vista do corredor dos quartos sobre os espaços sociais do fogo, Hansaviertel. Fonte: © Willy Pragher, Berlin: Inneraume. **Disponível em:** <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/item/L6WUS6BKE-VF6L3AWWYXWLGMOAAKKXDXN>

Figura 169 Transição gradual entre domínios. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:3000. **Desenho da autora.**

Figura 170 Transição gradual entre domínios. Hansaviertel. Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 171 Transição gradual entre domínios. Robin Hood Gardens. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 172 Pala que antecede o átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 173 Aproximação ao átrio de entrada em Hansaviertel. Fonte: Flickr user © Seier + Seier. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/seier/2605362378/in/photostream/>

Figura 174 Percurso entre a rua e a entrada, Robin Hood Gardens. Fonte: © Joe Gilbert, Streets in the sky, 2015. **Disponível em:** <https://bit.ly/2zxaP5Q>

Figura 175 Posicionamento da Unidade de Habitação de Marselha dentro do bairro. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 176 Posicionamento do edifício de habitação em Hansaviertel dentro do bairro. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 177 Posicionamento do conjunto Robin Hood Gardens dentro do bairro. Escala 1:1500. **Desenho**

da autora.

Figura 178 Distância dos espaços intermédios coletivos de uso privado face ao espaço exterior. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 179 Acesso aos fogos, Unidade Habitação Marselha. Planta e corte Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 180 Acesso aos fogos, Hansaviertel. Planta e corte Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 181 Acesso aos fogos, Robin Hood Gardens. Planta e corte Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 182 A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Plantas piso superior e inferior. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 183 A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Plantas fogo, Hansaviertel. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 184 A organização interna do fogo e os espaços intermédios. Robin Hood Gardens. Escala 1:200. **Desenho da autora.**

Figura 185 Distância do edifício, em Hansaviertel, face ao espaço exterior. Fonte: Autor desconhecido.

Figura 186 Relação entre o posicionamento do edifício e a iluminação do espaço intermédio. Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:3000. **Desenho da autora.**

Figura 187 Relação entre o posicionamento do edifício e a iluminação do espaço intermédio, Robin Hood Gardens. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 188 , Relação entre o posicionamento do edifício e a iluminação do espaço intermédio. Hansaviertel. Escala 1:1000. **Desenho da autora.**

Figura 189 Posição dos espaços intermédios privados de uso coletivo, Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 190 Posição dos espaços intermédios privados de uso coletivo, Hansaviertel. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 191 Posição dos espaços intermédios privados de uso coletivo, Robin Hood Gardens. Escala 1:500. **Desenho da autora.**

Figura 192 Diferenciação do pavimento junto à entrada. Fonte: René Burri © Magnum, Cité Radieuse, 1959. **Disponível em:** <http://www.revelateurphoceen.com/la-cite-radieuse-en-1959-par-rene-burri/>

Figura 193 Planta de pavimentos, Unidade de Habitação de Marselha. Escala 1:2000. **Desenho da autora.**

Figura 194 Espaço de permanência e espaço de circulação, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: Yasser Elsheshtawy. **Disponível em:** <https://twitter.com/yasser09/status/1020346217409204224>

Figura 195 Planta de pavimentos, Hansaviertel. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 196 Planta de Pavimentos, Robin Hood Gardens. Escala 1:1500. **Desenho da autora.**

Figura 197 Materialidade dos espaços de permanência, Hansaviertel. Fonte: Landesarchiv Berlin, Foto-sammlung. **Disponível em:** <http://www.aalto-wolfsburg.com/content.php?id=aalto>

Figura 198 Materialidade dos espaços de permanência e circulação, Robin Hood Gardens. Fonte: © Will of Memory. **Disponível em:** <https://bit.ly/2xT7MT1>

Figura 199 Materialidade do átrio de entrada, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: Paul Kozlowski © FLC/ADAGP. **Disponível em:** <https://bit.ly/2IEAoV1>

Figura 200 Materialidade do átrio de entrada, Hansaviertel. Fonte: Flickr user © Addison Godel, 2010. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/doctorcasino/4881549188/>

Figura 201 Materialidade do átrio de entrada, Robin Hood Gardens. Fonte: © Joe Gilbert, Streets in the sky, 2015. **Disponível em:** <https://www.archdaily.com/779498/a-six-minute-snapshot-of-alison-and-peter-smithsons-robin-hood-gardens>

Figura 202 Materialidade dos espaços de distribuição, Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: Flickr user © Anna Armstrong. **Disponível em:** <https://www.flickr.com/photos/french-disko/3796069094/in/photostream/>

Figura 203 Materialidade dos espaços de distribuição, Hansaviertel. **Disponível em:** JETSONEN, Sirkkaliisa; JETSONEN, Jari, *Alvar Aalto: apartments*. Helsinquia: Rakennustieto, 2004, p.80.

Figura 204 Materialidade do espaço de distribuição, Robin Hood Gardens. Fonte: Flickr user © Dale Hickman. **Disponível em:** [https://www.urbipedia.org/hoja/Robin\\_Hood\\_Gardens#/media/File:AlisonPeterSmithson.RobinHoodGardens.10.jpg](https://www.urbipedia.org/hoja/Robin_Hood_Gardens#/media/File:AlisonPeterSmithson.RobinHoodGardens.10.jpg)

